

IHU ON-LINE

Morte

Uma experiência cada vez mais hermética e pasteurizada

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Nº 496 | Ano XVI
31/10/2016

ISSN 1981-8769
(impresso)
ISSN 1981-8793
(online)



Leonardo Boff: *A passagem pela clínica de Deus*

Thomas Heimann: *Quando “ela” sequer é mencionada*

David Le Breton: *Flerte com a morte*

Vítor Westhelle:
Católicos e protestantes,
significados de um
processo de
(re)aproximação

Ricardo Willy Rieth:
A Reforma
Protestante para
além do triunfalismo

Wanda Deifelt:
Um olhar feminino
sobre a Reforma
Protestante

Morte. Uma experiência cada vez mais hermética e pasteurizada

No filme *O Sétimo Selo* (1957), de Ingmar Bergman, em meio ao cenário de dor e devastação causadas pela peste negra, um cavaleiro trava um embate com a morte. A partir desse enfrentamento, ele reelabora o sentido da vida. Essa perspectiva de Bergman suscita reflexões sobre a importância de se pensar na morte como caminho para entendimento sobre a vida. O contraditório é que nos tempos atuais a morte parece cada vez mais silenciada. Luto e ritos fúnebres e de memória são abreviados. Estes são alguns aspectos em debate na edição desta semana da revista *IHU On-Line*.

Para o teólogo **Leonardo Boff**, a vida se estende para além da morte. Assim, apresenta a ideia da transfiguração e conclusão de algo iniciado na irrupção do parto.

O psicólogo e teólogo **Thomas Heilmann** analisa como o fim da vida é invisibilizado nos dias de hoje através de uma morte hermética, breve e pasteurizada.

David Le Breton, antropólogo e sociólogo francês, discute a corporeidade da morte e como o ser humano, em alguns casos, precisa caminhar sobre a linha do periclitamento para dar sentido a sua existência.

Ao longo da edição, diversos pesquisadores e pesquisadoras analisam as inúmeras faces e representações da morte. O mexicano **Rafael Lopez Villaseñor**, doutor em Ciências Sociais e mestre em Ciências da Religião, analisa as peculiaridades das celebrações dirigidas aos finados no México.

Diego Irazabal, escritor e teólogo chileno, reflete sobre o fim da vida a partir da cosmologia dos povos originais, essencialmente os latino-americanos.

Bárbara Rossin Costa, mestranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional - UFRJ, atualmente pesquisa a gestão da morte conduzida por aparelhos jurídicos e saberes médicos. Assim, observa a importância de se humanizar o fim da vida para então melhor conjugar noções de individualismo, naturalismo e hedonismo.

Sandra Stoll, doutora em Antropologia Social e professora aposentada do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná, observa como a morte hoje é representada de forma banal, através da espetacularização da morte na imprensa.

O psicanalista **Mário Corso** analisa a importância de se construir uma espécie de cemitério interno, vivenciando todos os passos para a elaboração das perdas.

Em tempos de redes sociais, a presença da morte nesses dispositivos tecnológicos é inevitável. As sociólogas estadunidenses **Jennifer Branstad** e **Nina Cesare** analisam de que forma o tema emerge nesse contexto.

A morte também se perfaz na face da perda. É nesse sentido que a célebre *Pietà*, de Michelangelo, sintetiza esse momento. O jornalista e professor **Vitor Necchi** analisa a influência dessa imagem e suas releituras no cinema.

A música tem um papel importante na ressignificação da morte. É nesse sentido que **José Reinaldo Felipe Martins Filho**, professor no Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, no Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz e na PUC-Goiás, analisa composições que preparam o silêncio do luto. E o tom da morte emerge em diversos gêneros da música. **Fernando Lewis de Mattos**, professor do Departamento de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, observa que são diversas as canções que exprimem a despedida da vida.

Maria Helena Pereira Franco, professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, fundadora e coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto - LELU, da PUC-SP, vê o luto como peça fundamental na montagem da ideia de morte.

A importância da comemoração dos **500 anos da Reforma** que inicia nesta segunda-feira, 31 de outubro, e seus significados, amplamente debatidos nas Notícias do Dia, atualizadas diariamente e publicadas na página eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, é tema de destaque nesta edição.

Contribuem no debate **Ricardo Willy Rieth**, doutor em História da Igreja e vice-reitor da Universidade Luterana do Brasil - Ulbra, **Vitor Westhelle**, professor de Teologia na Escola Superior de Teologia - EST e na Lutheran School of Theology at Chicago - LSTC, **Wanda Deifelt**, teóloga, professora e coordenadora do departamento de Religião da Luther College, na cidade de Decorah, estado de Iowa, EUA e **Bernhard Sydow**, bacharel em Música e mestre em Educação.

"Quatro projetos de Brasil e suas relações com a América Latina" é o artigo de **Bruno Lima Rocha**, professor no curso de Relações Internacionais da Unisinos.

A todas e todos, uma boa leitura e uma ótima semana.

Imagem da capa: Cena do filme "O sétimo selo", de Ingmar Bergman | Foto: Divulgação/Versátil Home Vídeo

IHU ON-LINE

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no site www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da **IHU On-Line** é *copyleft*.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU

Ricardo Machado - MTB 15.598/RS (ricardom@unisinos.br)

Jornalistas

João Flores da Cunha - MTB 18.241/RS (joaoflores@unisinos.br)

João Vitor Santos - MTB 13.051/RS (joaovs@unisinos.br)

Márcia Junges - MTB 9.447/RS (mjunges@unisinos.br)

Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS (prfachin@unisinos.br)

Vitor Necchi - MTB 7.466/RS (vnechi@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do site

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Fernanda Forner, Matheus Freitas e Luísa Boésio.

Colaboração

Jonas Jorge da Silva, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.



Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950
São Leopoldo / RS
CEP: 93022-750

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128

e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling

Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Sumário

Destaques da Semana

- 6 Destaques On-Line
- 8 Linha do Tempo
- #DOSSIÊ REFORMA
- 10 Vítor Westhelle: Católicos e protestantes, significados de um processo de (re)aproximação
- 13 Wanda Deifelt: Um olhar feminino sobre a Reforma Protestante
- 18 Ricardo Willy Rieth: A Reforma Protestante para além do triunfalismo
- 22 Bernhard Sydow: Música, o Youtube de Lutero em 1500
- 27 Baú da IHU On-Line

Tema de Capa

- 30 David Le Breton: Flerte com a morte
- 35 Rafael Villasenor: Festa e prazer para memória de quem se foi
- 41 Bárbara Rossin Costa: Construção de um “bem morrer”
- 46 Thomas Heimann: Quando “ela” sequer é mencionada
- 53 Sandra Stoll: O espetáculo que banaliza
- 58 Leonardo Boff: A passagem pela clínica de Deus
- 63 Diego Irarrazaval: A compreensão cosmológica sobre o fim da vida
- 66 Mário Corso: A construção de cemitérios internos
- 69 Jennifer Branstad; Nina Cesare: Um outro *status* de luto
- 71 Vítor Necchi: Pietàs cinematográficas
- 74 José Reinaldo Felipe Martins Filho: Música contribui para ressignificar a morte
- 80 Fernando Lewis de Mattos: A morte tecida em notas musicais
- 87 Maria Helena Pereira Franco: Luto é um processo
- 89 Baú da IHU On-Line

IHU em Revista

- 92 Agenda de Eventos
- 94 Bruno Lima Rocha: Quatro projetos de Brasil e suas relações com a América Latina
- 97 Publicações: Giuseppe Fumarco - *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade
- 99 Retrovisor



**VI COLÓQUIO
INTERNACIONAL IHU.
Política, Economia, Teologia. Contribuições
da obra de Giorgio Agamben**

**9h – Conferência – A oikonomia trinitária
enquanto paradigma da máquina governamental.
O arcabouço conceitual/teológico de
“O Reino e a Glória”**

**Conferencista: Prof. Dr. Adam Kotsko –
Shimer College – Chicago**



**23 de maio de 2017
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros
Instituto Humanitas Unisinos – IHU**

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Destques da Semana

Destques On-Line

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do IHU

Mudanças climáticas poderão aumentar o quadro de doenças tropicais nos próximos 40 anos

Entrevista especial com Ulisses Confalonieri, graduado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ e em Medicina pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio, mestre e doutor em Ciências pela UFRRJ. Atualmente é professor da Fundação Oswaldo Cruz e da Universidade Federal Fluminense.

Publicada em 23-10-2016.

Disponível em <https://goo.gl/WbH15H>.

O aumento de temperatura associado a períodos de chuvas e secas extremas, conforme projetam os estudos sobre as mudanças climáticas, poderão gerar um impacto na proliferação de doenças causadas por mosquitos transmissores. Segundo o professor Ulisses Confalonieri, "em 2040 se estima que a temperatura aumentará 2,5 graus em alguns municípios do Paraná" e, por conta disso, o quadro de algumas doenças poderá aumentar. "As doenças transmitidas por mosquito, por exemplo, geralmente decorrem de uma temperatura mais alta e de algum grau de umidade, porque esses fatores sempre aceleram a proliferação de mosquitos", disse em entrevista concedida por telefone à IHU-Online.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Lei de repatriação é uma ilusão e incentiva a sonegação fiscal

Entrevista especial com Mauro José Silva, graduado e doutor em Direito pela Universidade de São Paulo - USP e mestre em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É auditor fiscal da Receita Federal do Ministério da Fazenda e exerce a função de julgador na Delegacia de Julgamento de São Paulo.

Publicada em 25-10-2016.

Disponível em <https://goo.gl/szKB5j>.

A lei de repatriação de dinheiro mantido no exterior sem declaração à Receita Federal, que irá anistiar as pessoas que fizerem a declaração até o dia 31 de outubro deste ano, "é desnecessária" do "ponto de vista da arrecadação, da administração tributária e da fiscalização de tributos", diz Mauro José Silva, auditor da Receita Federal, em entrevista concedida por telefone à IHU On-Line. Segundo ele, não há necessidade de o Estado anistiar aqueles que mantêm dinheiro não declarado no exterior porque, a partir do próximo ano, o Brasil terá acesso às informações financeiras dessas pessoas, por conta de uma série de acordos bilaterais e multilaterais assinados com outros países, de modo que poderia tributá-las sem conceder anistia aos crimes cometidos.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Adaptação às mudanças climáticas dependerá de gestões locais

Entrevista especial com Manyu Chang, graduada em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo - USP, mestra em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ e doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Atualmente é pesquisadora da Fiocruz no projeto sobre vulnerabilidade humana à mudança do clima, que é parte integrante do Plano Nacional de Adaptação.

Publicada em 26-10-2016.

Disponível em <https://goo.gl/hFEtgF>.

A previsão para os próximos 25 anos é de que se inicie um período de intensificação dos eventos climáticos extremos, especialmente entre os anos de 2041 e 2070, o que possivelmente implicará em um aumento da vulnerabilidade dos municípios brasileiros, diz Manyu Chang em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**. A pesquisadora participa de uma pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz, que está coletando dados para a elaboração do Plano Nacional de Adaptação às Mudanças Climáticas do Brasil. Por conta disso, Manyu avaliou a vulnerabilidade às mudanças do clima em 399 municípios do Paraná e, entre os resultados da pesquisa, ela informa que já é possível “assegurar” que haverá “uma piora de extremos climáticos”.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

A resolução das crises contemporâneas depende da mudança do paradigma econômico

Entrevista especial com Thomas Fatheuer, sociólogo alemão que viveu no Brasil entre 1992 e 2010, onde foi diretor do escritório da Fundação Heinrich Böll no Rio. Antes, trabalhou em projetos de proteção das florestas na região amazônica para o Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social e para a Agência Alemã de Cooperação Técnica.

Publicada em 27-10-2016.

Disponível em <https://goo.gl/YKw87t>.

Apesar do “consenso geral de que a continuidade do modelo econômico atual não é mais viável”, o debate sobre a solução das crises econômica e climática tem seguido, preponderantemente, uma mesma via, a das mudanças climáticas, critica Thomas Fatheuer em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**. “A economia verde formula uma resposta a um dos aspectos da crise, que é o aspecto das mudanças climáticas. Os defensores da economia verde argumentam que não se pode continuar emitindo poluentes do modo como é feito hoje, e isso requer uma mudança na economia, o que é importante, mas é uma mudança parcial porque ela só reage à crise do clima. Nós, que temos uma visão mais crítica, defendemos que a crise global tem mais de um aspecto e não somente o aspecto climático”, pontua.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

O momento político atual é de desilusão para os iludidos

Entrevista especial com Adriano Pilatti, graduado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, mestre em Ciências Jurídicas pela PUC-Rio e doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ, com estágio pós-doutoral em Direito Público Romano pela Universidade de Roma I - La Sapienza. Foi assessor parlamentar da Câmara dos Deputados junto à Assembleia Nacional Constituinte de 1988. Traduziu o livro *Poder Constituinte - Ensaio sobre as Alternativas da Modernidade*, de Antonio Negri (Rio de Janeiro: DP&A, 2002). É autor do livro *A Constituinte de 1987-1988 - Progressistas, Conservadores, Ordem Econômica e Regras do Jogo* (Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008).

Publicada em 28-10-2016.

Disponível em <https://goo.gl/fFRhnl>.

O desafio, diante da atual crise política brasileira e das tensões vividas no país, é avançar “na perspectiva de uma construção democrática”, mas também não vivemos um “momento apocalíptico” como outros do passado, diz Adriano Pilatti à **IHU On-Line**. O importante na atual conjuntura, frisa, “é persistir e tentar encontrar, no meio da névoa, referências efetivamente capazes de iluminar os caminhos a seguir”.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Linha do Tempo

A IHU On-Line apresenta seis textos publicados no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU que tiveram destaque ao longo da semana

O “sim” da Igreja à cremação: cai um tabu

“A nova instrução vaticana sobre a cremação mostra que esse tabu também foi superado entre os católicos e até mesmo na Itália, e que a Igreja do Papa Francisco, ao mesmo tempo, compreende e se interroga com alguma preocupação sobre a nova relação que os nossos contemporâneos mantêm com a morte.” A opinião é do sociólogo italiano Massimo Introvigne, fundador e diretor do Centro de Estudos sobre as Novas Religiões (Cesnur), em artigo publicado no jornal *Il Mattino*, 22-10-2016. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Leia o artigo completo em <https://goo.gl/DUMEv7>.

“A maioria das universidades do mundo vai desaparecer”

Quando David Roberts era criança, seu pai lhe contou que Thomas Edison fez muito mais pela humanidade com a invenção da lâmpada do que qualquer político na história. Essa ideia marcou sua caminhada. Roberts é um dos maiores especialistas em tecnologia disruptiva do mundo e também um dos rostos mais conhecidos da Singularity University, a universidade do Vale do Silício criada em 2009 com o apoio da NASA e do Google. Roberts considera que o formato de negócio das universidades tem os dias contados e que somente sobreviverão aquelas que possuírem um nome forte. A entrevista é de Ana Torres Menárguez, publicada por *El País* em 24-10-2016.

Leia a entrevista completa em <https://goo.gl/N7EoZq>.

Igreja Católica abre seus arquivos sobre a ditadura militar argentina

A Igreja Católica da Argentina e o Vaticano abrirão seus arquivos sobre a ditadura militar (1976-1983) para que possam ser consultados pelas vítimas e seus familiares. Através de um comunicado conjunto da secretaria de Estado da Santa Sé e da Conferência Episcopal argentina, a Igreja Católica anunciou que “em breve”, após concluir o processo de digitalização e organização do material disponível, poderão ter acesso aos arquivos “as vítimas e os familiares diretos dos desaparecidos e detidos e, no caso de religiosos ou eclesásticos, também seus superiores maiores”. A abertura dos arquivos foi determinada pelo papa Francisco, que havia prometido isso a diversas organizações de direitos humanos que há anos reivindicavam essa medida de transparência. A reportagem é de Pablo Ordaz, publicada por *El País*, 25-10-2016.

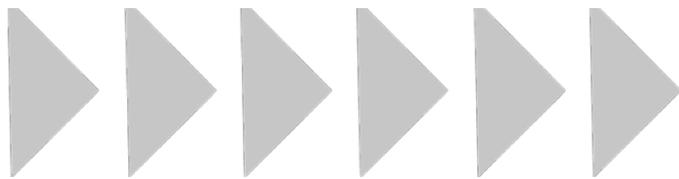
Leia a reportagem completa em <https://goo.gl/2uTWXB>.



O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia

Conferência e debate sobre a obra
com o **Prof. MS Bruno Cava – Universidade Nômade – UniNômade**

10 de novembro (quinta-feira) | 19h30min | Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU



Quem paga pelo assassinato de mulheres?

“Cerca de 60 mil mulheres e meninas são assassinadas a cada ano no mundo, com frequência e em uma escalada de violência doméstica. Estudos nacionais realizados na África do Sul e no Brasil estimam que a cada seis horas uma mulher é morta por seu companheiro íntimo. O lar não é um abrigo e é arriscado para as mulheres denunciarem seus agressores”, escreve Phumzile Malambo-Ngcuka, secretária-geral adjunta das Nações Unidas e diretora executiva da ONU Mulheres, em artigo publicado por Envolverde/IPS, em 26-10-2016.

Leia o artigo completo em <https://goo.gl/uQ1Rko>.

A PEC 241 e a cegueira ideológica

“Sim, o Brasil tem uma das piores políticas fiscais do planeta: juros no topo e o sistema tributário mais complicado, extenso e regressivo. Ela faz o Brasil refém do rentismo e não beneficia a produção, tanto que o País se desindustrializou nos últimos anos”, constata Marcos de Aguiar Villas-Bôas, doutor pela PUC-SP, mestre pela UFBA, conselheiro do Conselho Administrativo de Recursos Fiscais do Ministério da Fazenda e pesquisador independente na Harvard Law School e no Massachusetts Institute of Technology, em artigo publicado por CartaCapital, 26-10-2016. Segundo ele, “a insistência em não reformar a tributação e manter um nível sobre a indústria que é mais do que o dobro da carga dos países da OCDE, enquanto que o nível da tributação da renda da pessoa física e da riqueza está bem abaixo do nível nesses mesmos países, é acreditar - ou fingir que se acredita - que a carga tributária já é muito alta e que não se pode mais mexer nela”.

Leia o artigo completo em <https://goo.gl/WHjVzP>.

“Não é possível ser católico e sectário.” Entrevista com o Papa Francisco por ocasião da viagem apostólica à Suécia

Durante um encontro dos diretores das revistas culturais europeias da Companhia de Jesus, em meados de junho, eu expressei ao Pe. Antonio Spadaro, diretor da La Civiltà Cattolica, um desejo que tinha no meu coração há muito tempo: entrevistar o Papa Francisco às vésperas da sua viagem apostólica à Suécia, no dia 31 de outubro de 2016, para participar da comemoração ecumênica dos 500 anos da Reforma Luterana.

O comentário é do jesuíta sueco Ulf Jonsson, no texto de introdução da entrevista publicada na revista La Civiltà Cattolica, 28-10-2016. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Leia a entrevista completa em <http://bit.ly/2eZYr4S>.

I Ciclo de Estudos. Modos de existência e a contemporaneidade em debate.
Reflexões transdisciplinares à luz de diferentes obras



#DOSSIÊ REFORMA

Católicos e protestantes, significados de um processo de (re)aproximação

Vítor Westhelle faz uma revisão do contexto histórico da Reforma Protestante e analisa seus impactos nas sociedades contemporâneas

Por Ricardo Machado

O protestantismo emerge no contexto do Renascimento, também, como uma forma de resistência e como uma espécie de decreto final às heresias por meio do retorno profundo ao evangelho. “Ora, embora para os reformadores este movimento *ad fontes* era voltar às escrituras, já de início a volta da tradução latina da bíblia para os originais grego e hebraico revelou níveis de originalidade que levaram não a um fechamento de sentido, mas pelo contrário, o sentido das fontes era cada vez mais complexo e variado”, avalia Vítor Westhelle em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Os movimentos de aproximação entre a Igreja Católica e a Igreja Protestante, que vêm sendo realizados, pelo menos, desde o Concílio Vaticano II, têm nos recentes movimentos do Papa Francisco e da Arcebispa Antje Jackelén, passos importantes no processo de

reaproximação. “Estes gestos são de alto valor simbólico enquanto lideranças das igrejas, que institucionalmente definiram-se como propostas eclesiais distintas, indicam que buscam o mesmo fim. O significado é que os representantes destas instituições se encontram como que para abonar o que já há muito acontece a nível de base no ecumenismo cotidiano que ocorre nas comunidades locais”, sustenta o professor.

Vítor Westhelle é graduado em Teologia pela Escola Superior de Teologia - EST, de São Leopoldo, e mestre e doutor em Teologia pela Lutheran School of Theology at Chicago - LSTC. Leciona Teologia Sistemática na LSTC e na EST, e participa em comissões editoriais de oito publicações de três continentes. Suas pesquisas concentram-se sobre a teologia contemporânea a partir de uma perspectiva latino-americana.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que significou há quase 500 anos a divisão dos cristãos em católicos e protestantes?

Vítor Westhelle - O evento foi traumático ao se desdobrar no confronto de diferentes forças políticas, eclesiais e econômicas (devemos lembrar que a Reforma acontece no surgimento e consolidação do capitalismo financeiro). E por não ter sido um evento simplesmente “religioso” teve as repercussões que até hoje ressoam, tanto na política quanto na

economia e na igreja. Se na política a repercussão foi que não havia mais direitos políticos herdados e inalienáveis (nobreza), na economia foi de que esta tinha seu âmbito de autonomia (o livre comércio) e, finalmente, na igreja a Reforma anunciou e representou o fim das heresias, argumentos eram julgados pela consciência e pela razão em base nas escrituras que qualquer pessoa tinha o direito de interpretar.

IHU On-Line - Quais são os dons da Reforma Protestante?

Vítor Westhelle - Há duas maneiras de definir o que “dom” significa neste contexto. Uma é a tendência separatista que surge com a Reforma e que entendeu estes “dons” de maneira variada, que nos traz tanto a piedade privada, que é uma forma de misticismo protestante, indo ao outro extremo até ao “evangelho da prosperidade”. Estes seriam extremos da interpretação do “Espírito do Capitalismo” de Max Weber.¹ Já a

¹ Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do*

outra maneira de entender “dons” nos remete à interpretação da Reforma como um movimento de renovação da própria igreja cristã. Esta tendência também comporta um grande espectro. Este se estende desde entender-se como uma voz de protesto sempre alerta e nunca adaptada ao *status quo*, até no outro extremo em que se argumenta que o protestantismo representa dentro do catolicismo o que representa uma ordem religiosa, como Jesuítas, Dominicanos, Xaverianos, Verbitas etc. Esta última versão tem sido defendida, ao meu conhecimento, apenas em meios Luteranos. Assim há muitos “dons” e maneiras de entendê-los, a questão é saber se o espírito é o mesmo, como alerta o Apóstolo Paulo.

IHU On-Line - De que maneira a Reforma Protestante abriu caminho para a emergência de outras confissões religiosas cristãs?

Vítor Westhelle - O protestantismo resultou no fim das heresias porque surgiu concomitantemente com o Renascimento e sua insistência de voltar às fontes (*ad fontes*) para estabelecer critérios de autoridade. Ora, embora para os reformadores este movimento *ad fontes* era voltar às escrituras, já de início a volta da tradução latina da bíblia para os originais grego e hebraico revelou níveis de originalidade que levaram não a um fechamento de sentido, mas pelo contrário, o sentido das fontes era cada vez mais complexo e variado. Esta volta às fontes exigia

capitalismo (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a **IHU On-Line** dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon101>. De Max Weber o IHU publicou o **Cadernos IHU em Formação** nº 3, 2005, chamado *Max Weber – o espírito do capitalismo* disponível em <http://bit.ly/ihuem03>. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do *I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da **IHU On-Line**)

decisões que precisavam de argumento no fórum do exercício da razão. Isto, é claro, levou tanto à humildade no fazer asserções teológicas, como também a ousadas interpretações que a liberdade política, que a mesma Reforma protagonizou e o livre mercado proporcionou. Daí porque o protestantismo tem criado críticos dos mais audazes e inovadores e tem escorado os fundamentalismos que são sustentados política e economicamente por quem decide onde o movimento *ad fontes* termina, isto é, alguém tem a autoridade e o poder de dizer de qual bebedouro é permitido beber. Isto agora é determinado por forças políticas e, sobretudo, econômicas que a Reforma do século XVI desatrelou da igreja.

IHU On-Line - Passados cinco séculos, o que significa a reaproximação entre as duas tradições?

Vítor Westhelle - Há dois anos, em um gesto inusitado o Papa Francisco² recebeu a Arcebispa Antje Jackelén,³ da maior igreja

² **Papa Francisco** (1936): argentino filho de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio é o atual chefe de estado do Vaticano e Papa da Igreja Católica, sucedendo o Papa Bento XVI. É o primeiro papa nascido no continente americano, o primeiro não europeu no papado em mais de 1200 anos e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. A edição 465 da revista **IHU On-Line** analisou os dois anos de pontificado de Francisco. Confira em <http://bit.ly/1Xw2tgu>. Leia, ainda, a edição *Amoris Laetitia e a 'ética do possível'. Limites e possibilidades de um documento sobre 'a família', hoje*, disponível em <http://bit.ly/1SseNsc> e a edição *O Ecomenismo de Laudato Si'*, disponível em <http://bit.ly/1S6Luik>. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Antje Kackelén** (1955): é pastora da Igreja da Suécia. Foi bispa da diocese de Lund de 2007 a 2014. Em junho de 2014, Antje Jackelén ascendeu a arcebispa primaz da Igreja da Suécia, sucedendo ao arcebispo Anders Wejryd. Recebeu 55,9% dos votos do colégio eleitoral, constituído por 325 representantes do Conselho da Igreja da Suécia, dos 13 Concelhos de Diocese e da Arquidiocese de Uppsala. O sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU publicou materiais sobre o tema, entre eles o artigo *Papa na Suécia: finalmente a mesma história*, artigo de Antje Jackelén, publicada nas Notícias do Dia de 30-10-2016, disponível em <http://bit.ly/2eebMFN>; e *Antje Jackelén, primeira mulher arcebispo na Igreja Luterana da Suécia*, publicada nas Notícias do Dia de 17-10-2013, disponível em <http://bit.ly/2f4DjYE> (Nota da **IHU On-Line**)

luterana do mundo, a Igreja da Suécia. Agora, neste dia 31 de outubro, na catedral de Lund⁴, haverá uma cerimônia ecumênica seguida de um evento público na Arena de Malmö⁵, cidade próxima a Lund, na Suécia, com a participação do Papa e da Arcebispa. Estes gestos são de alto valor simbólico enquanto lideranças das igrejas, que institucionalmente definiram-se como propostas eclesiais distintas, e indicam que buscam o mesmo fim. O significado é que os representantes destas instituições se encontram como que para abonar o que já há muito acontece a nível de base no ecumenismo cotidiano que ocorre nas comunidades locais.

IHU On-Line - Que movimentos de aproximação foram realizados nas últimas décadas entre as Igrejas Católica e Protestante?

Vítor Westhelle - Movimentos de aproximação acontecem já desde os tempos da Reforma. Por exemplo, já 20 anos depois de Lutero⁶ afixar as 95 Teses⁷ que provocaram

⁴ **Catedral de Lund**: é uma igreja luterana localizada na cidade de Lund, na Suécia. Esta igreja foi construída no séc. X, e pertence à Diocese de Lund da Igreja da Suécia. Este templo medieval foi inicialmente dedicado a São Laurêncio. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Malmö Arena**: ginásio poliesportivo em Malmö, Suécia. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutemberg em 1453. Sobre Lutero, confira a edição 280 da **IHU On-Line**, de 03-11-2008, intitulada *Reformador da Teologia, da igreja e criador da língua alemã*. O material está disponível para download em <http://bit.ly/ihuon280>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Teses de Lutero**: a Disputação do Doutor Martinho Lutero sobre o Poder e Eficácia das Indulgências, que em 31 de outubro de 1517 Lutero fixou na porta da igreja do castelo de Wittenberg, conhecida como as 95 Teses, desafiou os ensinamentos da Igreja Católica quanto à natureza da penitência, a autoridade do Papa e da utilidade das indulgências. As 95 teses impulsionaram o debate teológico que acabou por resultar no nascimento das tradições luteranas, reformadas e anabatistas dentro do cristianismo. Este documento é considerado por muitos como um marco da Reforma Protestante. A seção Notícias do Dia do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU vem publicando uma série de textos

o movimento da Reforma, seu mais próximo companheiro e colaborador, Felipe Melancthon,⁸ ao assinar um documento reformatório, ainda o fez com a ressalva de que se submeteria ao poder papal para que este viesse a aceitar as bases teológicas do movimento protestante. Mas institucionalmente não houve grandes avanços até o Concílio Vaticano II (1962-1965), que marcou uma abertura da Igreja de Roma ao mundo contemporâneo (*aggiornamento*) e a realidade da pluralidade eclesial.

Desde então significativos avanços teológicos foram logrados principalmente pela participação católica-romana na Comissão de Fé e Constituição, do Conselho Mundial de Igrejas (do qual a Igreja Católica não faz parte). Com a participação da Igreja de Roma produziram-se documentos seminiais para relações ecumênicas, como o Documento de Lima (*Batismo, Eucaristia e Ministério*, 1982). Mas nada se compara à “Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação”⁹ firmada

sobre o tema. Entre eles destacamos *As 95 teses de Martinho Lutero na porta da igreja do castelo de Wittenberg*, publicado em 20-10-2016, disponível em <http://bit.ly/2e4yaxw>; e *Por que devemos agradecer a Martinho Lutero*, publicado em 27-10-2016, disponível em <http://bit.ly/2f441AU>. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Philipp Melancthon (1497–1560): foi um reformador, astrólogo e astrônomo alemão. Colaborador de Lutero, redigiu a “Confissão de Augsburgo” (1530) e converteu-se no principal líder do luteranismo após a morte de Lutero. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação da Federação Luterana Mundial e da Igreja Católica: do-

pelo Secretariado Para Unidade dos Cristãos do Vaticano e a Federação Luterana Mundial em 1999. Este documento calça um caminho em que obstáculos que pareciam intransponíveis foram removidos.

IHU On-Line - Na sua avaliação, o que explicaria a não universalização do Luteranismo no Brasil e no mundo?

Vítor Westhelle - Entre as grandes famílias confessionais, católicos, presbiterianos, metodistas, batistas, luteranos, anglicanos etc., são apenas os luteranos cuja maioria ainda não se encontra no terceiro mundo. Mas já são perto de 50% e em pouco tempo a maioria dos luteranos estará fora de

cumento assinado em 31 de outubro de 1999, na cidade de Augsburgo, estabelecendo que as confissões católica e luterana professam a mesma doutrina sobre a justificação pela fé, embora com diferentes desdobramentos. Assinaram o bispo luterano Christian Krause e pela Santa Sé o cardeal Edward I. Cassidy. A íntegra do documento está disponível em <http://bit.ly/2eQL75H>. O sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, na seção Notícias do Dia, publicou amplo material sobre tema. Entre os textos, destacamos *Bento XVI e Lutero. A doutrina da justificação*, publicado em 11-09-2011, disponível em <http://bit.ly/2fo78vH>; e *Luteranos festejam os 15 anos da “Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação”*, publicado em 08-11-2014, disponível em <http://bit.ly/2e4yWL7>. O tema também é debatido na entrevista com Walter Altmann, pastor luterano, professor titular da Faculdades EST, que entre 1995 e 2001 exerceu o cargo de presidente do Conselho Latino Americano de Igrejas – CLAI, com sede em Quito. De 2003 a 2007 foi membro do Conselho da Federação Luterana Mundial – FLM, publicada nas Notícias do Dia de 31-10-2016, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/2e4CFsd>. (Nota da **IHU On-Line**)

seu berço nativo ou dos EUA para onde muitos luteranos emigraram. Mas, porque o movimento luterano não se torna um fenômeno de massas deve-se em grande medida a sua proposta teológica que é ser uma minoria que busca transformações. Este está para a massa como fermento. E o fermento só é ativado quando se mistura à massa.

IHU On-Line - O senhor acredita que restou alguma ferida aberta entre católicos e protestantes?

Vítor Westhelle - Certamente feridas sempre estão por aí. Mas estas são lembranças da condição humana em que a saúde do corpo é como a do Cristo ressurreto que leva consigo as marcas da cruz.

IHU On-Line - Qual a importância de se celebrar os 500 anos da Reforma Protestante e o que isso impacta no aprimoramento e avanço do diálogo inter-religioso?

Vítor Westhelle - É importante lembrar que por parte de luteranos e luteranas existe consciência, nem sempre lembrada por toda gente, de que a linguagem utilizada em referência aos 500 anos é importante. Assim tem-se evitado de usar “jubileu”, “celebração” e outros ufanismos. Comemorar é buscar em conjunto a memória do que foi tão decisivo na vivência destas pessoas que arriscaram suas próprias vidas na defesa de princípios e no amparo da liberdade. ■

LEIA MAIS

- *500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas*. Artigo de Vítor Westhelle publicado no **Cadernos Teologia Pública**, nº 97, disponível em <http://bit.ly/1MzRHVu>.
- *A Reforma. Um ato de liberdade*. Entrevista especial com Vítor Westhelle publicada nas **Notícias do Dia**, de 31-10-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2eMO29z>.
- *Os desafios do luteranismo, hoje*. Entrevista especial com Vítor Westhelle publicada na revista **IHU On-Line**, nº 280, 3-11-2008, disponível em <http://bit.ly/2e4NkFj>.

#DOSSIÊ REFORMA

Um olhar feminino sobre a Reforma Protestante

Wanda Deifelt analisa como a Reforma Protestante impactou o papel social da mulher no cristianismo protestante a partir do século XVI

Por Ricardo Machado

Do ponto de vista da Reforma Protestante as atividades de um sacerdote ordenado seriam superiores às de uma mãe? Não. Se olharmos para o tema a partir da perspectiva da vocação, a resposta continua sendo um sonoro e unísono não. Entretanto, isso não significa que Lutero era um homem à frente de seu tempo, livre de quaisquer preconceitos, era antes seu filho dileto. “Na ordem natural, o papel da mulher corresponde à sua função materna - e nisso Lutero ecoa a visão medieval, onde a mulher era subordinada ao homem. Ainda assim, Lutero não propõe uma submissão cega e unilateral das mulheres, mesmo que muitas vezes se refira a elas em linguagem crassa”, pondera a professora e pesquisadora Wanda Deifelt, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Ao pensar os ecos da Reforma Protestante na atualidade, Wanda analisa criticamente o protestantismo ao mesmo tempo que leva em conta o período histórico em que o movimento ocorre. “Pode-se dizer que a ideia do ministério feminino encontrou resistências em teólogos como Lutero e Calvino muito mais a partir dos seus limites históricos do que de suas convicções teológicas”, sustenta. Todavia, ao mirar o futuro a professora o vê positivamente.

“Continuamos trabalhando em direção a um futuro que conduza a uma comunhão ainda maior, onde possamos entender hospitalidade eucarística uns aos outros, reconhecer a variedade de dons e ministérios existentes em nossas igrejas e afirmar que nossas comunhões eclesiais são igualmente Corpo de Cristo, apesar das diferenças teológicas que continuam nos separando”, completa.

Wanda Deifelt é brasileira, luterana, possui graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia - EST, de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Tem mestrado pelo Garrett-Evangelical Theological Seminary e doutorado pela Northwestern University, ambas na cidade de Evanston, estado de Illinois, EUA. Atua como professora e coordenadora do departamento de Religião da Luther College, na cidade de Decorah, estado de Iowa, EUA. Trabalha com teologias contextuais, em especial teologia feminista. Entre os temas que aborda estão Lutero e luteranismo, criação, cristologia, direitos humanos e sexualidade. É autora de, entre outras obras, *À flor da pele - Ensaios sobre gênero e corporeidade* (São Leopoldo: Sinodal, EST, CEBI, 2004).

Confira a entrevista.

HU On-Line - O que aprendemos (ou deveríamos ter aprendido) com Martinho Lutero e com a Reforma Protestante?

Wanda Deifelt - Lutero¹ desafiou muitos ensinamentos e práti-

cas da Igreja Católica medieval ao afirmar que a fé em Cristo é suficiente para a salvação. Deus nos

qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutemberg em 1453. Sobre Lutero, confira a edição 280 da **IHU On-Line**, de 03-11-2008, intitulada *Reformador da Teologia, da igreja e criador da língua alemã*. O material está disponível para download em <http://bit.ly/ihuon280>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹ **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da

aceita e nos pronuncia justos não por causa de nossas obras ou méritos, mas através da nossa fé em Jesus Cristo - que nasceu, sofreu, foi crucificado e morreu por nossos pecados. Em seu comentário sobre Gálatas, Lutero resume isto dizendo que salvação e vida eterna não vêm pela lei mas pela graça, não pelas obras que fazemos mas pelo amor de Deus que opera em nós,



Em sua visão de vocação, as atividades de um sacerdote ordenado não são superiores às de uma mãe

não por nossa vontade mas por Jesus Cristo.

Acreditar que a salvação pode ser alcançada através dos nossos próprios esforços pode levar tanto à arrogância quanto ao desespero. Lutero vivia na angústia de não saber se ele havia feito tudo o que podia para assegurar o favor de Deus. Ele era tomado pelo temor de não ter cumprido todos os mandamentos, de não ter confessado todos os seus pecados, de não ter feito todas as boas obras que a lei exige, ou de não ter vivido uma vida sem máculas. Como aplacar a ira de Deus? Como encontrar um Deus misericordioso? Este peso de nunca conseguir fazer o suficiente para assegurar o favor de Deus o atormentava a ponto dele muitas vezes chegar a odiar Deus - um Deus juiz e carrasco que pune os pecadores.

A fé

A justificação pela fé se tornou um dos principais temas na Reforma Protestante. A partir da leitura das Sagradas Escrituras, Lutero foi inspirado pela teologia paulina de que "o justo viverá pela fé" (Romanos 1:17). A postura da Igreja Católica medieval, de que à fé também boas obras deveriam ser acrescentadas para alcançar a salvação, havia levado a muitos abusos, em particular a venda de indulgências. Lutero compreendeu que somente a fé nos justifica perante Deus, ou seja, que em um sentido forense Deus nos pronuncia justos e justas mesmo que sejamos pecadores e pecadoras. A justiça de Deus, revelada pelo evangelho, é a justiça passiva com que Deus nos justifica pela fé (Deus nos justifica, não somos nós quem nos justificamos).

Esta foi a descoberta de Lutero: O encontro salvífico entre Deus e a humanidade, entre criador e criatura, só é possível através da iniciativa de Deus, chegando a encontrar-nos em nosso mundo quebrado e pecaminoso. Deus vem a nós como um presente, uma dívida. Nossos esforços não são suficientes para produzir a salvação. Antes, recebemos salvação pela fé em Cristo e através da graça de Deus.

IHU On-Line - Qual foi o impacto da Reforma Protestante no que diz respeito à participação das mulheres nas Igrejas Luterana e Católica?

Wanda Deifelt - No século XVI, o espaço ocupado pelas mulheres era bastante restrito: casa, convento, ou prostíbulo. A casa oferecia a manutenção da família, o convento dava oportunidade de educação e o prostíbulo era uma forma de sobrevivência. Lutero foi crítico à vida monástica e entendeu o celibato como contrário à ordem natural ditada por Deus. Também foi severo em relação à prostituição por entender que ela corrompe a integridade pessoal. Para Lutero, a maternidade e o matrimônio eram o lugar natural das mulheres. Em sua visão de vocação, as atividades de um sacerdote ordenado não são superiores às de uma mãe que troca as fraldas de uma criança. Lutero atribui um teor espiritual à procriação, atentando que cabia à mulher, como boa esposa e mãe, também o cuidado das crianças e a educação cristã na família.

Para Lutero, o casamento não é mais considerado um sacramento, mas uma instituição temporal (*weltlich*) ordenada por Deus, e

que deve conter a realidade de pecado. A sexualidade deveria ser vivida dentro do matrimônio. Como imagem de Deus, homem e mulher são iguais, o que se reflete especialmente na ordem da redenção: ambos são justificados e chamados a viver em Cristo. Porém, na ordem natural, o papel da mulher corresponde à sua função materna - e nisto Lutero ecoa a visão medieval, onde a mulher era subordinada ao homem. Ainda assim, Lutero não propõe uma submissão cega e unilateral das mulheres, mesmo que muitas vezes se refira a elas em linguagem crassa. Percebe-se em Lutero um descompasso entre o avanço teológico e a aquiescência à cultura da época.

Educação teológica feminina

A experiência dos conventos, onde as mulheres tinham acesso à educação teológica e estavam livres do perigo de mortalidade materna (por ocasião do parto), foi desacreditada pelos reformadores. Dentro da tradição protestante, o ensino religioso cristão foi amplamente difundido e o papel das mulheres era considerado tão importante quanto o do homem no testemunho da fé. Porém, não havia indicação de que mulheres pudessem assumir também o sacerdócio ordenado, apesar da ênfase no sacerdócio geral. Pode-se dizer que a ideia do ministério feminino encontrou resistências em teólogos como Lutero e Calvino² muito mais a partir dos seus limites históricos do que de suas convicções teológicas.

² **João Calvino** (1509-1564): teólogo cristão francês, teve uma influência muito grande durante a Reforma Protestante e que continua até hoje. Portanto, a forma de Protestantismo que ele ensinou e viveu é conhecida por alguns pelo nome Calvinismo, embora o próprio Calvino tivesse repudiado contundentemente este apelido. Esta variante do Protestantismo viria a ser bem-sucedida em países como a Suíça (país de origem), Países Baixos, África do Sul (entre os africânderes), Inglaterra, Escócia e Estados Unidos. Leia, também, a edição 316 da **IHU On-Line** intitulada *Calvino - 1509-1564. Teólogo, reformador e humanista*, disponível em <http://bit.ly/1oBIrpn>. (Nota da **IHU On-Line**)

Um exemplo disto é o papel das mulheres como pregadoras. Lutero usa dois argumentos para delimitar este ministério. Em primeiro lugar, utiliza o argumento cultural, ou seja, que os homens teriam mais desenvoltura para se expressar em público. Quem quer pregar deveria ter boa voz, eloquência, memória, além de outros dons naturais. Para Lutero, a pregação masculina é mais apropriada para manter o respeito e a disciplina. O segundo argumento é de ordem teológica. Quando Paulo invoca a lei (Gênesis 3.16) que impõe submissão às mulheres, Lutero contrapõe o Evangelho e o Espírito. Lutero reconhece a existência de mulheres proeminentes na tradição bíblica e menciona, ele próprio, personagens como Miriam, Hulda, Débora e Maria - notórias pelo dom da profecia. Pelo Espírito Santo as mulheres são chamadas e poderiam exercer autoridade sobre homens (especialmente na profecia, conforme interpretação de Joel 2.28). Mas acaba concordando com Paulo, que a pregação feminina não seria aceitável quando na comunidade há homens para fazê-lo. No parágrafo seguinte, no entanto, Lutero deslegitima esta conclusão ao afirmar que o ofício da pregação é comum a todos cristãos, parte do sacerdócio geral.

Sacerdócio

Neste sacerdócio estão incluídas todas pessoas batizadas - homens e mulheres - e confessantes de sua fé cristã. Todas pessoas são igualmente santas e pecadoras (*simul iustus et peccator*), independente de classe, raça e gênero. Superados os argumentos culturais, a ordenação de mulheres nas igrejas protestantes não é simplesmente uma consequência do sacerdócio geral de todas as pessoas que creem, mas uma coerência teológica. Na igreja cristã é inadmissível que uns queiram sobrepujar os outros. Por isto também o ministério ordenado é visto como um serviço, e não como um privilégio, que se estende tanto a homens como a mulheres.

IHU On-Line - A propósito, na avaliação da senhora, a Reforma foi um evento positivo ou negativo para os cristãos?

“

Lutero não propõe uma submissão cega e unilateral das mulheres

Wanda Deifelt - Apesar de darmos crédito a Lutero, é necessário lembrar que ele não foi o primeiro e nem o único reformador. Antes dele, John Wycliffe³ e Jan Huss⁴ haviam ensaiado reformas dentro da igreja, mas foram perseguidos como heréticos. Como movimentos, os cátaros⁵ e valdenses⁶ inau-

³ **John Wycliffe** (1320-1384); teólogo e reformador religioso inglês, considerado precursor das reformas religiosas que sacudiram a Europa nos séculos XV e XVI. Trabalhou na primeira tradução da Bíblia para o idioma inglês, que ficou conhecida como a Bíblia de Wycliffe. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Jan Huss** (1369-1415): pensador e reformador religioso. Iniciou um movimento religioso baseado nas ideias de John Wycliffe. Os seus seguidores ficaram conhecidos como os Hussitas. A igreja católica não perdoou tais rebeliões e ele foi excomungado em 1410. Condenado pelo Concílio de Constança, foi queimado vivo. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Albigenses** ou **cátaros**: O catarismo (do grego katharos, que significa puro), foi uma religião cristã da Idade Média, surgida na França no final do século XI, apresentada por alguns como um sincretismo cristão, gnóstico e maniqueísta, manifestado num extremo ascetismo. No entanto, os principais historiadores atuais do catarismo percebem este movimento como intrinsecamente cristão e relativamente independente de movimentos anteriores, derivando sua concepção gnóstica do universo de uma leitura independente das Escrituras Sagradas, especialmente o Novo Testamento. Os cátaros concebiam a dualidade entre o espírito e a matéria, relacionados respectivamente com o bem e o mal absolutos. Foram condenados pelo 4º Concílio Lateranense em 1215 pelo Papa Inocêncio III, e aniquilados por uma Cruzada e pelas ações da Inquisição, tornada oficial em 1233. Os cátaros, que também eram chamados de albigenses, rejeitavam os sacramentos católicos. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Valdenses**: são uma denominação cristã que teve sua origem entre os seguidores de Pedro Valdo na Idade Média e subsiste hoje como um grupo etnorreligioso na Itália e

guraram certas práticas, como a tradução de textos da Bíblia para o vernáculo e o questionamento sobre a autoridade do papa, que encontraram eco na teologia de Lutero. Além disso, Lutero não trabalhou sozinho. Seus colegas da Universidade de Wittenberg (Phillip Melanchton,⁷ por exemplo) foram colaboradores neste processo.

Como um todo, a Reforma teve efeitos positivos mas também teve consequências indesejadas. A cisão no corpo de Cristo (a separação entre a igreja católica e as igrejas protestantes) foi uma destas consequências indesejadas. Há que se entender que este não foi o intento inicial do movimento da Reforma. Quando Lutero postou suas 95 teses em Wittenberg, em 1517, ele estava chamando para um debate, no verdadeiro sentido do engajamento acadêmico. Ele queria debater a validade das indulgências, a autoridade do papa em vendê-las e a bagatelização do arrependimento que as indulgências provocam na vida cristã.

Conivência romana

Quando Lutero enviou suas teses ao Arcebispo de Mainz, Alberto de Brandemburgo, sua esperança era que, uma vez que as autoridades da igreja soubessem desses abusos, os problemas seriam resolvidos. Desapontado com a falta de mudanças e diante da má vontade da liderança eclesiástica em conchamar um concílio para reformar a igreja, Lutero se tornou mais e mais crítico. Sua linguagem para se referir à hierarquia da Igreja Católica (e ao

Uruguai nas igrejas Valdense e Evangélica Valdense do Rio da Prata, além de descendentes na Alemanha, Estados Unidos e França. Mesmo após a morte de Pedro Valdo, em 1217, seus discípulos continuaram o movimento, sendo nomeados valdenses. Condenados pelo papado, os valdenses foram perseguidos durante a Idade Média e a Reforma Protestante, quando juntaram-se ao nascente protestantismo no Sínodo de Chanforan em 1532. Desde então, os valdenses subscrevem ao Calvinismo. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Philipp Melanchthon** (1497-1560): foi um reformador, astrólogo e astrônomo alemão. Colaborador de Lutero, redigiu a "Confissão de Augsburgo" (1530) e converteu-se no principal líder do luteranismo após a morte de Lutero. (Nota da **IHU On-Line**)

papa em particular) muitas vezes foi dura, referindo-se a eles como “bajuladores”, “peste” e “Anticristo”. Como pessoa, Lutero teve muitas virtudes, mas também teve falhas. Não só a sua linguagem, mas também certas posturas devem ser criticadas. Ele não media insultos quando tratava com seus oponentes. Em seus escritos sobre os judeus e os camponeses, Lutero incita violência e promove controvérsia. Seus comentários sobre as mulheres nem sempre são edificantes. De muitas maneiras, ele foi um filho de seu tempo e era limitado por sua própria visão de mundo.

Reforma

A Reforma, como um processo, não é o resultado da ação de um indivíduo, mas a soma de muitas vozes proféticas que apontam as incoerências existentes na estrutura eclesial. Como tal, reformas são extremamente necessárias. É necessário que a igreja retorne sempre de novo ao seu fundamento, que é Cristo, e avalie se sua ação e pregação estão em conformidade com o Evangelho.

Em um sentido amplo, pode-se ilustrar o efeito reformatório que o Concílio Vaticano II⁸ teve dentro

8 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarou a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-06-2009, disponível em <http://bit.ly/02e8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <http://bit.ly/1eUUZfC>. Em 2015, o IHU promoveu o colóquio *O Concílio Vaticano II: 50*

da igreja católica, por exemplo. O Concílio propôs que a missa não fosse mais em latim, mas no vernáculo, que pessoas leigas tivessem maior participação na vida litúrgica e que a Bíblia fosse mais amplamente difundida e utilizada nas paróquias (entre muitas outras mudanças). As semelhanças entre estas iniciativas e a Reforma do século XVI são evidentes.

“ Percebe-se em Lutero um descompasso entre o avanço teológico e a aquiescência à cultura da época

IHU On-Line - Quais são os dons da Reforma Protestante?

Wanda Deifelt - A Reforma do século XVI trouxe muitas contribuições que continuam tendo impacto ainda hoje. A tradução da Bíblia para o vernáculo, usando não o texto latino (Vulgata) mas os textos originais em hebraico e grego e a vasta publicação de bíblias em alemão deu maior acesso à Palavra de Deus. Lutero acreditava que todos deveriam ler, estudar e guiar suas vidas segundo a boa nova do evangelho. Mas poucas pessoas realmente sabiam ler ou escrever. Apesar da disponibilidade de material de leitura, estima-se que menos de 10% da população era alfabetizada. Para Lutero e os demais reformadores, esta foi uma forte motivação para criar escolas para que tanto meninos como meninas fossem educadas.

anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade. As repercussões do evento podem ser conferidas na **IHU On-Line**, edição 466, de 01-06-2015, disponível em <http://bit.ly/1fYpJ2> e também em Notícias do Dia no sítio IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

A Reforma também afirmou o papel das pessoas leigas. O culto passaria a ser na língua do povo e não mais em latim, a língua do clero. A educação era importante não só porque o movimento da Reforma começou no contexto da universidade, mas porque leigos e leigas também deveriam receber formação teológica. Não só o clero ou a elite educada, mas toda a cristandade - mulheres e homens, meninos e meninas, jovens e velhos - deveria se tornar *theodidacti*, ensinada por Deus. Para ajudar neste processo, e para responder à profunda lacuna na formação leiga, Lutero escreveu duas versões do catecismo - uma para as crianças e outra para adultos, para serem instruídos na fé.

Música

Ao lado da Palavra de Deus, também a música mereceu atenção. Além de teólogo e biblista, Lutero também foi músico e compositor. Na reforma da liturgia, ele deu importância ao sermão (onde a Palavra de Deus, a boa notícia do evangelho deve ser pregada) e à música cantada por toda comunidade. Lutero compôs muitos corais e, juntamente com outros músicos, editou um hinário. Música deveria ser ensinada nas escolas. O canto congregacional não só ajudou a incentivar a participação de pessoas leigas; adicionar música às palavras ajudava as pessoas comuns a compreender a mensagem de Cristo. Lutero não via problemas em usar músicas populares e acrescentar textos bíblicos a elas.

IHU On-Line - De que forma o diálogo, entre católicos e protestantes, está se dando atualmente?

Wanda Deifelt - Desde 1967 há uma comissão internacional, nomeada pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos - PCPUC e a Federação Luterana Mundial - FLM, para facilitar o diálogo ecumênico. Nestes quase 50 anos, muitos temas que foram estudados e debatidos pela

comissão ajudaram a forjar uma melhor compreensão sobre as posições teológicas de cada uma das igrejas. Ao invés de focar no que nos separa ou diferencia, a ênfase tem sido naquilo que nos agrega e congrega. Assim, em 1999, a comissão elaborou a *Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação*, assinada por representantes da Igreja Católica e da Federação Luterana Mundial. Trata-se de um sinal visível da unidade do Corpo de Cristo quando o mesmo tema que levou a rupturas no século XVI trouxe aproximação entre as duas comunidades eclesiais.

Em preparação para o quinto centenário da Reforma, em 2017, a comissão elaborou o documento *Do Conflito à Comunhão*. Este documento oferece a católicos e luteranos um enfoque conjunto para a comemoração dos 500 anos - uma tentativa de descrever

a história da Reforma conjuntamente, de analisar os argumentos teológicos que estavam em jogo, de traçar os desenvolvimentos ecumênicos entre as duas comunhões, de identificar a convergência alcançada e as diferenças que ainda persistem.

Diálogos

De semelhante modo, há muitos diálogos bilaterais católico-romano e luteranos em nível nacional. No Brasil, por exemplo, o documento *Do Conflito à Comunhão* foi objeto de estudo do encontro entre pastores sinodais da igreja luterana e bispos da CNBB em agosto de 2016. Além disso, a comissão bilateral católico-romana e luterana no Brasil também promoveu seminários e encontros periódicos para estudar temas como hospitalidade eucarística, por exemplo.

Lund

Neste ano, o aniversário da Reforma vai contar com a presença do Papa Francisco em uma comemoração ecumênica, na Suécia. Celebrações ecumênicas têm acontecido há anos, mas fazê-lo nesta ocasião e contar com a presença do papa tem um efeito especial. É um sinal de reconciliação diante dos séculos marcados por conflito. É um gesto importante, mas não é o objetivo último da caminhada ecumênica. Continuamos trabalhando em direção a um futuro que conduza a uma comunhão ainda maior, onde possamos entender hospitalidade eucarística uns aos outros, reconhecer a variedade de dons e ministérios existentes em nossas igrejas e afirmar que nossas comunhões eclesiais são igualmente Corpo de Cristo, apesar das diferenças teológicas que continuam nos separando. ■

LEIA MAIS

– *Protagonistas que resistem a um apagamento*. Entrevista especial com Wanda Deifelt publicada na revista IHU On-Line, nº 189, 18-7-2016, disponível em <http://bit.ly/2eD5jVc>.



O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia

Apresentação da obra pelo
**Prof. Dr. Moysés Pinto
Neto – ULBRA e UNIVATES**

03 de novembro (quinta-feira) às 17h30min
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

#DOSSIÊ REFORMA

A Reforma Protestante para além do triunfalismo

Ricardo Willy Rieth, vice-reitor da Ulbra, sustenta que é preciso pensar no luteranismo no desafio diário de alcançar as perspectivas cristãs

Por Ricardo Machado

A atualidade da Reforma Protestante vive nos gestos pequenos, mínimos, nos detalhes cotidianos. Para o vice-reitor da Universidade Luterana do Brasil, Ricardo Willy Rieth, “o principal legado [da Reforma], hoje, está associado ao disciplinado que toma a cruz por referência e anuncia a graça libertadora e a misericórdia de Deus para com as pessoas, o Evangelho, a boa notícia. E isso pode acontecer - e está acontecendo - em todos os contextos, continentes, culturas, etnias e denominações”, destaca em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Ao analisar os fatos históricos ao longo dos quase 500 anos de emergência do luteranismo, o professor reconhece os paradoxos que surgiram e surgem nesse processo de cinco séculos. “As contradições, diferenças, preconceitos, estereótipos, etnocentrismos, sexismos e racismos presentes nas sociedades se refletem, estruturam e até mesmo prosperam dentro de igrejas ou a partir delas. Pois as igrejas, antes de tudo, são formadas por pessoas”, pondera. “Viver e ensinar na perspectiva da cruz, ou seja, perguntar permanentemente pelas consequências da justificação por graça e fé na vida das pessoas e da igreja é o desafio que se impõe. Por isso, as celebrações em torno aos 500 anos da Reforma, no próximo ano, não podem transformar-se em triunfalismo. Não há motivo algum para que isso aconteça”, complementa.

Ricardo Willy Rieth é graduado em Ciências Sociais/Bacharelado pela

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos e em Teologia/Bacharelado pelo Seminário Concórdia, de Porto Alegre. Realizou doutorado em História da Igreja (Kirchengeschichte) pelo Instituto de História da Baixa Idade Média e da Reforma da Universität Leipzig, Alemanha, e fez estágio de pós-doutorado pela mesma instituição. De 1992 a 2010 foi professor titular no Programa de Pós-Graduação em Teologia (Mestrado/Mestrado Profissional/Doutorado) das Faculdades EST, São Leopoldo, RS, onde coordenou o programa entre 2000-2006. Em 2000, tornou-se professor adjunto na Universidade Luterana do Brasil - Ulbra, Canoas, RS, atuando nos cursos de Teologia, História-Bacharelado/Licenciatura, Ciências Sociais, e nos cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação. De 2009 a 2011, foi Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários da Ulbra. De 2011 a 2012, exerceu a função de Pró-reitor de Graduação. De 2013 até novembro de 2014, foi Pró-reitor Acadêmico. Desde novembro de 2014, é Vice-reitor da Ulbra. Integra o Comitê Científico Permanente do Congresso Internacional de Pesquisa de Lutero e o conselho de colaboradores do periódico *Lutherjahrbuch* (Göttingen, Alemanha/Vandenhoeck & Ruprecht) e da *Oxford Encyclopaedia on Martin Luther*. É membro e atual coordenador da Comissão Editorial Obras Seleccionadas de M. Lutero. É detentor da Medalha do Mérito Farroupilha, Assembleia Legislativa, RS.

Confira a entrevista.



O principal legado, hoje, está associado ao discipulado que toma a cruz por referência e anuncia a graça libertadora

IHU On-Line - Como o que aprendemos com Martinho Lutero sobrevive nos dias atuais?

Ricardo Rieth - Lutero compreendeu a si mesmo como teólogo e pregador da Palavra de Deus. Para ele, o objeto da teologia é a relação entre a pessoa culpada e condenável e o Deus que a justifica e liberta. Deus vem até a pessoa por meio de sua Palavra, se torna humano em Jesus Cristo e vive a humanidade até as últimas consequências, o que faz da cruz a principal referência para a teologia e a pregação cristãs. Na cruz, Deus se revela às pessoas. Por incrível que pareça, isso não representava novidade alguma na história do cristianismo ocidental, quando temos o advento da Reforma. Em muitos âmbitos, contudo, essa mensagem repercutiu intensa e amplamente há 500 anos. Por certo, há muitas decorrências, não só religiosas, mas também culturais, sociais, econômicas, jurídicas, educacionais e científicas importantes desse conteúdo central na teologia e na pregação de Lutero. Porém, considero que o principal legado, hoje, está associado ao discipulado que toma a cruz por referência e anuncia a graça libertadora e a misericórdia de Deus para com as pessoas, o Evangelho, a boa notícia. E isso pode acontecer - e está acontecendo - em todos os contextos, continentes, culturas, etnias e denominações.

IHU On-Line - O que significa hoje há quase 500 anos a divisão dos cristãos em católicos e protestantes?

Ricardo Rieth - De fato, a Reforma representou uma divisão no

cristianismo ocidental. Já tínhamos, então, tradições cristãs divididas e claramente definidas quanto a suas identidades, a exemplo do cristianismo oriental, africano etc. Na Europa ocidental, tivemos uma relação entre império e igreja na qual esta última, por sua presença, estrutura e penetração em todos os estratos sociais, cumpria um papel de garantidora da unidade, era o eixo central da chamada cristandade. Como poderia um movimento religioso, como a Reforma, impactar tanto a sociedade e a política? Meu entendimento é que houve um conjunto de movimentos paralelos que se associaram, ou articularam, de diferentes formas nos diversos contextos da Europa. Na política, por exemplo, o avanço de modelos pré-absolutistas, fundamentais para o que seriam depois os estados nacionais, foi decisivo para que movimentos associados à Reforma prosperassem em determinados territórios.

Posteriormente, com o advento da chamada era confessional, sedimentada a partir da Guerra dos Trinta Anos,¹ o ser católico ou protestante passou a constituir identitariamente a dinâmica de etnias e nacionalidades. O ser protestante passou a ser determinado em pri-

¹ **Guerra dos Trinta Anos** (1618-1648): é a denominação genérica de uma série de guerras que diversas nações europeias travaram entre si a partir de 1618, especialmente na Alemanha, por motivos variados: rivalidades religiosas, dinásticas, territoriais e comerciais. As rivalidades entre católicos e protestantes e assuntos constitucionais germânicos foram gradualmente transformados numa luta europeia. As hostilidades causaram sérios problemas econômicos e demográficos na Europa Central e tiveram fim com a assinatura, em 1648, de alguns tratados (Münster e Osnabrück) que, em bloco, são chamados de Paz de Vestfália. (Nota da **IHU On-Line**)

meira linha pelo ser anticatólico e não tanto por características da doutrina, teologia ou espiritualidade. A recíproca também foi verdadeira.

IHU On-Line - Internamente, nas Igrejas Luteranas, como se dá a unidade em torno do cristianismo proposto pela Reforma? Como a Igreja trabalha com as contradições internas, como a das igrejas luteranas de Canguçu divididas entre a comunidade germânica e a comunidade negra?

Ricardo Rieth - Igrejas não são unidades herméticas, fechadas e incomunicáveis. As contradições, diferenças, preconceitos, estereótipos, etnocentrismos, sexismos e racismos presentes nas sociedades se refletem, estruturam e até mesmo prosperam dentro de igrejas ou a partir delas. Pois as igrejas, antes de tudo, são formadas por pessoas. Não considero isso motivo de escândalo. Escandaloso do ponto de vista do Evangelho de Jesus Cristo é quando igrejas procuram justificar doutrina, ética e pastoralmente essas concepções e práticas, ao invés de denunciá-las profeticamente.

Viver e ensinar na perspectiva da cruz, ou seja, perguntar permanentemente pelas consequências da justificação por graça e fé na vida das pessoas e da igreja é o desafio que se impõe. Por isso, as celebrações em torno aos 500 anos da Reforma, no próximo ano, não podem transformar-se em triunfalismo. Não há motivo algum para que isso aconteça.

IHU On-Line - Passados cinco séculos, o que significa a reaproximação entre as duas tradições?

Ricardo Rieth - Católicos e protestantes sofrem com a perda crescente de espaço e influência em contextos onde historicamente foram determinantes nos últimos 500 anos, nos quais estão seus centros hierárquicos e de poder. Os processos de secularização, urbanização e individualização têm esvaziado seus templos e paróquias. Bases e

pilares identitários das confissões, que marcaram profundamente gerações e gerações, estão ruindo rapidamente.

Levando em conta este quadro, percebo diferentes movimentos entre católicos e protestantes. Por vezes, esses movimentos levam ao recolhimento, ao fechar-se em si mesmo, como estratégia de proteção e sobrevivência. Nessa linha, sempre há quem encontre oportunidade para revitalizar ranços e rancores seculares. Outras vezes, busca-se a aproximação e o diálogo, entendendo que o testemunho comum e proativo na superação do escândalo da divisão é a melhor forma de manter-se fiel ao discipulado de Cristo.

IHU On-Line - Como os fiéis percebem a Reforma, ainda se trata de uma ferida aberta entre católicos e protestantes?

Ricardo Rieth - Os fiéis se distanciam cada vez mais dos aspectos identitários tradicionalmente vinculados ao catolicismo e ao protestantismo, ao menos no que diz respeito a fatores como estrutura eclesial e doutrinária. Hoje em dia, são os modelos de espiritualidade, principalmente individual e privada, que diferenciam os grupos cristãos. Um católico carismático está muito mais próximo de um protestante pentecostal, ou carismático, em suas concepções e práticas mais gerais, associadas à fé cristã, do que de um católico tradicional. O mesmo pode ser dito de um protestante pentecostal em relação a um tradicional.

O que coincide na maior parte das experiências cristãs de hoje, seja no catolicismo, seja no protestantismo, é um distanciamento cada vez maior das estruturas institucionalizadas de liturgia e doutrina e o entendimento de que a experiência de fé é algo individual e não comunitário. Os respectivos cleros é que se esforçam para manter em vida os modelos antagônicos do passado, o que talvez seja uma estratégia de sobrevivência e legitimação de seus papéis dentro dos respectivos grupos confessionais.

IHU On-Line - Que movimentos de aproximação foram realizados nas últimas décadas entre as Igrejas Católica e Protestante?

Ricardo Rieth - Para responder, me apoio no saudoso pastor e professor luterano Bertholdo Weber², que no contexto brasileiro foi muito engajado no diálogo entre católicos e luteranos. Aliás, São Leopoldo teve um papel importante neste processo, pois Weber e seus

“
Sempre há quem encontre oportunidade para revitalizar ranços e rancores seculares

colegas luteranos da Faculdade de Teologia da IECLB tiveram encontros sistemáticos com teólogos jesuítas, que ensinavam no Colégio Máximo Cristo Rei e na UNISINOS. Conforme relato de Weber, o diálogo em nível internacional existe desde 1965, entre representantes nomeados pela Federação Luterana Mundial - FLM e pelo Secretariado para a União dos Cristãos da Igreja Católica.

Contatos por ocasião do Concílio Vaticano II³ levaram à formação de

² **Bertholdo Weber**: membro da Comissão Mista Católico-Luterana Internacional. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 08-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O **Institu-**

um grupo misto de trabalho, que discutiu sob o tema “O Evangelho e a Igreja” problemas e questões de controvérsias teológicas tradicionais, à luz de novos conhecimentos e resultados de pesquisas históricas e bíblicas. Retomando o diálogo sobre estas questões teológicas o grupo, posteriormente estruturado como Comissão Mista Católico-Luterana Internacional, constatou que estas questões, muitas das quais conservam sua importância na atualidade, agora se apresentavam sob uma perspectiva diversa e nova.

No Relatório de Malta⁴, intitulado “O Evangelho e a Igreja”, foram sistematizadas as discussões, sendo percebidas aproximações, convergências, mas também evidenciadas divergências importantes. Outras entidades internacionais e denominações luteranas e protestantes em geral não pertencentes à FLM também iniciaram diálogos oficiais posteriormente com a Igreja Católica.

IHU On-Line - Qual o significado dos gestos do Papa Francisco em relação à Igreja Evangélica Luterana?

to Humanitas Unisinos – **IHU** produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-06-2009, disponível em <http://bit.ly/02e8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. Em 2015, o **Instituto Humanitas Unisinos** – **IHU** promoveu o colóquio O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade. As repercussões do evento podem ser conferidas na **IHU On-Line**, edição 466, de 01-06-2015, disponível em <http://bit.ly/1fYpJ2> e também em Notícias do Dia no sítio **IHU**. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Relatório de Malta**: resultado do diálogo teológico entre católicos e luteranos convocados pelo Secretariado para a União dos Cristãos, do Vaticano, e pela Federação Luterana Mundial, de Genebra. Quanto ao seu surgimento o próprio relatório expõe o histórico. Mas ele se insere no contexto amplo do diálogo mundial entre católicos e luteranos. Uma apresentação do relatório, elaborado pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, está disponível em <http://bit.ly/2f4bIYb>. (Nota da **IHU On-Line**)

Ricardo Rieth - O Papa Francisco,⁵ diferentemente dos dois que o antecederam, tem se manifestado de forma positiva em relação à Reforma, seu legado teológico e às denominações protestantes. Ele também tem se diferenciado de seus antecessores em outros as-

5 Papa Francisco (1936): argentino filho de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio é o atual chefe de estado do Vaticano e Papa da Igreja Católica, sucedendo o Papa Bento XVI. É o primeiro papa nascido no continente americano, o primeiro não europeu no papado em mais de 1200 anos e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. A edição 465 da revista **IHU On-Line** analisou os dois anos de pontificado de Francisco. Confira em <http://bit.ly/1Xw2tgu>. Leia, ainda, a edição *Amoris Laetitia e a 'ética do possível'. Limites e possibilidades de um documento sobre 'a família', hoje*, disponível em <http://bit.ly/1SseNSc> e a edição *O EComenismo de Laudato Si'*, disponível em <http://bit.ly/1S6Luik>. (Nota da **IHU On-Line**)

pectos, não relacionados à esfera do ecumenismo. Aparentemente, desenvolveu uma percepção mais clara e lúcida do quadro geral do cristianismo no mundo, que celebradamente vai se tornando religião de minorias, seja católico romano, seja de tradição protestante. Além disso, há outros fatores que levam a esta postura por parte dele. Seu perfil como papa é o de um pastor e cura d'almas, para quem o que de fato importa proclamar é o acolhimento e o consolo do Evangelho, compreendido na perspectiva da cruz e da graça de Deus, conforme abordei acima ao falar do aspecto temático central da Reforma.

Não por último, sua experiência pastoral junto a pobres e perseguidos na Argentina e seu vínculo espiritual à ordem jesuíta, um

movimento interno de reforma do catolicismo, que o renovou profundamente nos últimos 500 anos, são fatores importantes para originar seus gestos e palavras. Neste sentido, destaco o fato de ele se mostrar bem mais identificado com documentos oficiais da Cúria Romana e do diálogo católico protestante que são favoráveis às contribuições da Reforma e à aproximação ecumênica, ignorando outros que a tratam como escândalo e mancha na história da igreja e desautorizam um maior envolvimento entre as denominações. Sua presença em Lund, Suécia, onde foi constituída a Federação Luterana Mundial, para celebrar conjuntamente com luteranos o Dia da Reforma, em 31/10/2016, é um gesto inequívoco que expressa esta nova postura. ■

LEIA MAIS

- *As contribuições de Lutero para a economia, a ética e a sociedade*. Entrevista especial com Ricardo Willy Rieth publicada na revista **IHU On-Line**, nº 279, de 27-10-2008, disponível em <http://bit.ly/2fdOwtv>.



VI Colóquio Internacional IHU Política, Economia, Teologia. Contribuições da obra de Giorgio Agamben

23 de maio e 24 de maio de 2017

Carga horária: 18h

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros
Instituto Humanitas Unisinos – IHU

ihu.unisinos.br

#DOSSIÊ REFORMA

Música, o Youtube de Lutero em 1500

Bernhard Sydow debate os dons da reforma protestante a partir da inserção da música e a sua importância na cultura luterana

Por Ricardo Machado

Imagine a Europa do século XVI. Martinho Lutero, ao propagar as ideias e dons da Reforma Protestante, precisava de um meio ágil, rápido e que tivesse capilaridade entre as comunidades. E foi por meio da música que esse caminho foi encontrado. “A música foi o Youtube de 1500. A intenção de Lutero era que suas canções evangélicas fossem cantadas nas ruas, nas casas, de lugar em lugar, como faziam os menestréis, os cantores itinerantes”, explica o professor de música e organista Bernhard Sydow, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Do ócio sagrado solene e ritualizado do catolicismo romano, a Reforma transformou os papéis dos sacerdotes, promovendo, em alguma medida, um projeto de educação integral a todos. “A partir da Reforma Protestante, tanto eu, quanto você, podemos rezar pelo povo, transmitir as súplicas e as angústias daqueles que estão ao nosso redor. Eu ou você, protestante ou não, podemos manifestar isso através de uma grafitagem, um rap, um post”, frisa. Sobre a aproximação das Igrejas Católica e Protestante, o professor é enfático. “Junto com os queridos ges-

tos de aproximação [do Papa] precisam vir atitudes concretas de criar grupos de estudos e ação missionária que trabalhem as questões que causam tanto sofrimento a nós e a nossos vizinhos. Que nos reúnam a fé, a esperança e o amor. O amor!”

Bernhard Sydow, bacharel em Música e mestre em Educação, é organista há 40 anos nas igrejas da Comunidade Martin Luther de Porto Alegre. Durante quatro semestres ensaiou canto gregoriano com frei Emílio Scheid OFM e órgão com Léo Schneider (UFRGS). Em 1984 lecionou introdução à Música e Hinologia na Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em São Leopoldo, e foi diretor do Departamento de Música Sacra da mesma Igreja. Desde 1978 ensina flauta doce para crianças, jovens e adultos e atualmente atua no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia - Campus Porto Alegre, onde também rege a Orquestra Infantil do Prelúdio e é responsável pela componente curricular Ensino e Aprendizagem do Instrumento Musical.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os dons da Reforma Protestante?

Bernhard Sydow - Vejo a Reforma Protestante como um incêndio de proporções gigantescas. A Reforma aglutinou e potenciou ideias e tensões geopolíticas que já estavam estalando feito curto-circuito desde a Alta Idade Média. Quando se examinam as revoluções mais a fundo, acabam vindo à tona questões de poder, de propriedade da terra e de impostos. Onde já se viu pecado pagar imposto? Onde já se viu monges, padres ou bispos

habitarem palácios suntuosos e administrarem latifúndios enormes? Isso vale tanto para padres quanto para pastores, pregadores, imperadores, ditadores, presidentes e senadores.

Nós luteranos aprendemos desde criancinha que Lutero foi um monge agostiniano que levou um susto porque quase foi atingido por um raio e então resolveu abandonar a carreira de jurista para virar monge, contrariando os sonhos de ascensão social de seu pai. O que precisamos lembrar também é que

Lutero foi de uma ordem dos Agostinhos denominada Observantes, influenciados pelo pensamento de Guilherme de Occam.¹ Este teólogo

¹ **Guilherme de Ockham (ou Occam)** (1285-1347): criador da teoria da Navalha de Occam, foi um frade franciscano, filósofo, lógico e teólogo escolástico inglês, considerado como o representante mais eminente da escola nominalista, principal corrente oriunda do pensamento de Roscelino de Compiègne (1050-1120). Guilherme de Ockham, conhecido como o “doutor invencível” e o “iniciador venerável”, nasceu na vila de Ockham, nos arredores de Londres, na Inglaterra, em 1285, e dedicou seus últimos anos ao estudo e à meditação num convento de Munique, onde



Occam afirma que um cristão não contraria os ensinamentos evangélicos

go, filósofo e matemático inglês teve a coragem de advertir que o papa João XXII defendia uma heresia quanto à pobreza evangélica. Então temos aí um franciscano que chama o papa de herege! E temos, em 1328, um professor franciscano fugindo para Pisa, depois para Munique. Mais ainda: Occam afirma que um cristão não contraria os ensinamentos evangélicos ao se colocar ao lado do poder temporal em disputa com o poder papal. Lutero não foi assim tão original quanto pensam alguns luteranos entusiasmados.

Também devemos contar às criancinhas protestantes que, em Magdeburg, Lutero estudou numa escola orientada pelos Irmãos da Vida Comum. Esta parte da biografia de Lutero é sumamente importante para compreender suas ações posteriores. Alô, alô, luteranos: Vale a pena estudar os Irmãos da Vida Comum que influenciaram tanto o Lutero da Reforma quanto o Comenius da Didática.²

Preconceito religioso

A Reforma também trouxe coisas terríveis, como a Guerra dos Trinta Anos,³ a intensificação do precon-

morreu em 9 de abril de 1347, vítima da peste negra. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Jan Amos Komenský ou **Iohannes Amos Comenius** (1592-1670): foi um bispo protestante da Igreja Moraviana, educador, cientista e escritor checo. Como pedagogo, é considerado o fundador da didática moderna. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Guerra dos Trinta Anos (1618-1648): é a denominação genérica de uma série de guerras que diversas nações europeias travaram entre si a partir de 1618, especialmente na Alemanha, por motivos variados: rivalidades religiosas, dinásticas, territoriais e comerciais. As rivalidades entre católicos e protestantes e assuntos constitucionais germânicos foram gradualmente transformados numa luta europeia. As hostilidades causaram sé-

ceito religioso, a associação errônea da pobreza e do atraso com a preguiça e o catolicismo. Um bom protestante seria trabalhador, honesto, próspero, científico e tecnologicamente informado. “*Vorsprung durch Technik. Machts mit Qualität. Genau!*” são expressões que resultam desse pensamento.

Capitalismo

O capitalismo vinha substituindo o feudalismo desde a região de Toscana. Isso foi bom? Foi para melhor? Foi ainda pior que o feudalismo? A Reforma Protestante acelerou o progresso do capitalismo. Os protestantes acusavam os católicos de dupla moral - mas o que é o escândalo mundial VW-BOSCH senão a simples falta de honestidade?

A Reforma Protestante autorizou e incentivou o acesso das pessoas comuns, de toda a população às escrituras e com isso veio a alfabetização cada vez mais acessível - Comenius (autor da Didática Magna - todos podem aprender tudo) é um dos dons da reforma protestante que depois gera a linha Rousseau⁴-

rios problemas econômicos e demográficos na Europa Central e tiveram fim com a assinatura, em 1648, de alguns tratados (Münster e Osnabrück) que, em bloco, são chamados de Paz de Vestfália. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Jean Jacques Rousseau (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. Sobre esse pensador, confira a edição 415 da **IHU On-Line**, de 22-04-2013, intitulada *Somos condenados a viver em sociedade? As contribuições de*

Pestalozzi⁵-Piaget⁶-Paulo Freire.⁷ Ela reafirmou o sacerdócio universal dos que têm fé. Ela autorizou, empoderou o homem comum a dizer a sua palavra. Sacerdote é aquele que reza pelo povo, não é? Pois então, a partir da Reforma Protestante, tanto eu, quanto você, podemos rezar pelo povo, transmitir as súplicas e as angústias daqueles que estão ao nosso redor. Eu ou você, protestante ou não, podemos manifestar isso através de uma grafiteagem, um rap, um post. Se teu *post* ‘viraliza’, se propaga, ou não, é outra questão. A Reforma Protestante coloca o ser humano no lugar de intérprete da escritura: agora você e eu podemos ler qualquer texto, qualquer forma de comunicação sem intermediação obrigatória de um sábio, de um filósofo, de um astrólogo. A Reforma Protestante propõe a Educação Integral para todos, para que todos possam fruir e criar cultura, construir e fruir civilização.

IHU On-Line - Qual foi o impacto da Reforma Protestante na música?

Bernhard Sydow - A música popular, a língua materna e as vozes

Rousseau à modernidade política, disponível em <http://bit.ly/ihuon415>. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827): foi um pedagogista suíço e educador pioneiro da reforma educacional. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Jean Piaget (1896-1980): psicólogo, epistemólogo e educador suíço, professor de Psicologia na Universidade de Genebra de 1929 a 1954, conhecido principalmente por organizar o desenvolvimento cognitivo em uma série de estágios. Escreveu inúmeras obras, das quais citamos *Tratado de Psicologia Experimental: A inteligência* (Rio de Janeiro: Forense, v. 7, 1969) e *A Construção do Real na Criança* (Rio de Janeiro: Zahar, 1970). (Nota da **IHU On-Line**)

7 Paulo Freire (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). É autor de *A Pedagogia do Oprimido*, entre outras obras. A edição 223 da revista **IHU On-Line**, de 11-06-2007, teve como título *Paulo Freire: pedagogia da esperança* e está disponível em <http://bit.ly/ihuon223>. (Nota da **IHU On-Line**)

femininas começaram a se fazer presentes na liturgia e nos lugares sagrados. A questão da mulher pastora, da música popular na liturgia são polêmicas que vêm crescendo com resultados bem interessantes e favoráveis ao sacerdócio de todos.

A polifonia foi levada ao máximo por Bach,⁸ Telemann⁹ e Händel¹⁰ a partir de seus precursores Schein, Scheid, Schütz¹¹ e Johann Walter.¹² Mas não é exclusividade dos luteranos - a contrarreforma investiu muito forte na Educação Musical.

8 Johann Sebastian Bach (1685-1750): músico e compositor alemão do período barroco da música erudita, além de organista notável. É considerado um dos maiores e mais influentes compositores da história da música, ainda que pouco reconhecido na época em que viveu. Muitas das suas obras refletem uma grande profundidade intelectual, uma expressão emocional impressionante. O IHU, dentro das comemorações da Páscoa 2007, ofereceu três audições comentadas sobre o compositor, divididas em 29 e 30 de março deste ano, sob condução da Profa. Dra. Yara Caznok, da UNESP. Em 29 de março o tema foi *A expressão musical da fé em Bach e Mozart*, quando fez uma audição comparada do Credo das Missas BWV 232, de Bach, e K427, de Mozart. No mesmo dia, Caznok comentou o *Oratório de Ascensão BW 11*, de Bach. Em 30 de março, conduziu a audição comentada de *A paixão de Cristo segundo São João - BWV 245*. No evento Páscoa IHU 2009, Caznok conduziu o **IHU ideias Uma narrativa do mistério em Johann Sebastian Bach**, com a audição comentada de *Ich hatte viel Bekümmernis, BWV 21*. (Nota da **IHU On-Line**)

9 George Philipp Telemann (1681-1767): foi um compositor e músico alemão. Já aos dez anos, Telemann sabia tocar vários instrumentos e escrevia diversas obras. Aos 21 anos, tornou-se diretor musical da ópera de Leipzig e aos 23 tornou-se organista de uma igreja. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Georg Friedrich Händel (1685-1759): compositor barroco alemão. Suas obras incluem 32 oratórios, 40 óperas, 110 cantatas, 20 concertos, 39 sonatas, fugas, suítes, obras sacras para missas e obras orquestrais. A revista **IHU On-Line** publicou uma entrevista com Bey Pereira Brasil sobre Händel intitulada *O Messias de Händel: um oratório cristológico*, disponível em <http://bit.ly/1uySM7Y>. (Nota da **IHU On-Line**)

11 Heinrich Schütz (1585-1672); foi um músico e compositor alemão. É geralmente considerado o mais importante compositor alemão antes de Johann Sebastian Bach e também considerado um dos mais importantes compositores do século XVII junto com Claudio Monteverdi. (Nota da **IHU On-Line**)

12 Johann Walter (1496-1570): foi um compositor e poeta luterano do período da Reforma protestante. (Nota da **IHU On-Line**)

Sabemos, por exemplo, da presença de Zipoli¹³ nas Missões Jesuíticas em Santo Ângelo, São Miguel e assim por diante. Quem, como eu, não cai de joelhos ao atravessar as ruínas de São Miguel e imaginar cores e orquestra ressoando naquele espaço sagrado?

IHU On-Line - Qual foi a importância da música para a Reforma?

Bernhard Sydow - A música teve a mesma importância que a imprensa (técnica e aparato de reprodução de textos) na difusão das ideias da Reforma. A música foi o Youtube de 1500. A intenção de Lutero era que suas canções evangélicas fossem cantadas nas ruas, nas casas, de lugar em lugar, como faziam os menestréis, os cantores itinerantes. Além disso ela deu

“

Sacerdote é aquele que reza pelo povo

identidade a um movimento e muitas vezes se tornou ícone de resistência. As comunidades faziam uma espécie de *sit in* - repetiam o canto de certos hinos confessionais tantas vezes até que o pregador malquistado fosse trocado por outro que estivesse de acordo com o pensamento da população.

Da mesma forma, no clima bélico da guerra dos 30 anos, os hinos luteranos se transformaram em hinos de guerra, em hinos para comemorar a vitória sobre o inimigo. Isso não soa muito ecumênico, não é? Não é muito apropriado para se publicar numa revista jesuíta.

13 Domenico Zipoli (1688-1726): foi um jesuíta, compositor, cravista e organista da Itália. Recebeu formação tradicional na Itália, e depois de iniciar uma promissora carreira escolheu a vida religiosa, participando da atividade missionária dos jesuítas no sul da América Espanhola. Sua vida foi breve e permanece mal conhecida, mas deixou marca indelével nas reduções jesuíticas, conhecido como grande organista e compositor, com obras que permaneceram vivas na tradição musical local. (Nota da **IHU On-Line**)

Mas é verdadeira histórica e precisa ser desconstruída. Com ajuda dos jesuítas.

IHU On-Line - Particularmente, qual o significado das composições de Bach para o luteranismo?

Bernhard Sydow - A obra de Bach é motivo de muito orgulho para os luteranos. Eles podem dizer: sim, Bach é nosso filho. Nas comunidades mais ricas, as igrejas sustentavam ou ostentavam orquestras, coros e órgãos de tubos cada vez mais sofisticados. O órgão de tubos foi a máquina mais complexa e sofisticada produzida ao redor de 1700. E para tocá-lo era necessário um profissional habilitado através de longos anos de estudo, ensaio, investimento em instrumentos e professores. Neste sentido Bach favoreceu a profissionalização do Kantor - músico de igreja.

Bach também foi chamado de quinto evangelista. Já em 1929 o bispo sueco Nathan Söderblom¹⁴ denominou as Cantatas de Bach¹⁵ como quinto evangelho, por causa da riqueza de sua interpretação do evangelho e por causa da propagação que sua obra tem em todas as culturas.

Estudos de Bach

Por outro lado, Bach escreveu álbuns de músicas para seus filhos estudarem. Hoje seus estudos, minuetos e invenções constam na maioria dos livros de iniciação musical através da flauta, do violino ou do teclado. Através desse caminho, Bach pôde despertar a curiosi-

14 Lars Olof Jonathan (Nathan) Söderblom (1866-1931): foi um teólogo protestante e arcebispo sueco. Recebeu o Nobel da Paz de 1930, por sua dedicação em prol do ecumenismo e da paz universal. (Nota da **IHU On-Line**)

15 Cantatas de Bach: cantatas é um tipo de composição vocal, para uma ou mais vozes, com acompanhamento instrumental, às vezes também com coro, de inspiração religiosa ou profana, contendo normalmente mais de um movimento e cujo texto, em vez de ser historiado, descrevendo um fato dramático qualquer, é lírico, descrevendo uma situação psicológica. Em sua obra, Johann Sebastian Bach também amplamente essa composição. (Nota da **IHU On-Line**)

dade de seus estudiosos sobre suas Missas, Cantatas e Motetos.

Mas nem tudo é doce ao redor de Bach. Ele próprio enfrentou sérias dificuldades em Leipzig e precisava sempre de novo enfrentar queixas sobre seu excesso de inventividade. Até hoje é acusado por certos estudiosos do canto litúrgico por haver tornado os hinos muito difíceis e pesados. Então surgem os movimentos carismáticos e os movimentos de retorno às origens. Precisamos cuidar para não levarmos a igreja para a caverna. Quem sabe ao *Cavern Club*?

IHU On-Line - Como a música ajuda a entender ou ampliar os sentidos teológicos do luteranismo?

Bernhard Sydow - No momento em que se permitiu a entrada da música popular, da língua materna e da voz feminina na igreja, começaram também a surgir compositores e poetas que, inspirados nos salmos e nos evangelhos, resignificaram a mensagem cristã e a trouxeram junto ao coração dos fiéis. Bach e outros compositores, como Telemann, desenvolveram uma linguagem, quase um vocabulário e estruturas harmônicas e musicais muito apropriadas para enfatizar os significados bíblicos amplos, bem como os pequenos movimentos e gestos como, por exemplo, os das cenas de crucificação, ressurreição, libertação dos pecados.

Mais do que isso, numa perspectiva hegeliana, os grandes compositores da história da música sacra se tornaram portadores das novas correntes de pensamento que se sobrepõem nos grandes períodos da história da filosofia, atravessando o humanismo renascentista, o iluminismo, o materialismo e o existencialismo. Hoje convivemos com o multiculturalismo dentro das igrejas - e já não é exclusividade dos luteranos.

IHU On-Line - Como o senhor interpreta os gestos de reaproximação entre a Igreja católica e a

Igreja Protestante? Como o pontificado de Francisco contribui para esse processo?

Bernhard Sydow - Quando criança ia com meu pai (pastor luterano) nas festas da comunidade católica de Restinga Seca, no interior do Rio Grande do Sul, então sob os cuidados do padre Giuliani, que era muito querido e afável. Mais tarde descobri na estante de livros dos meus pais os romances de Giovanni Guareschi intitulados Don Camillo e Peppone. Estas histórias do diálogo entre um padre e um comunista são muito deliciosas, como a literatura italiana em geral.

“

A Reforma Protestante propõe a Educação Integral para todos

Nos anos 1970 vieram à tona os casamentos ecumênicos - muitas vezes consequência de jovens separados de casamentos anteriores que queriam fazer uma nova tentativa, mas o Vaticano criava dificuldades. Apesar dessas dificuldades, padres e pastores às vezes eram mais compreensivos que os bispos entre si.

Por falar em compreensão, toquei e cantei inúmeras vezes nas igrejas luteranas a canção sobre a Oração de São Francisco - composta por um padre jesuíta paraguaio, Casimiro Abdon Irala Arguello¹⁶, que estudou teologia aqui, por São Leopoldo, não é verdade? Eis um padre que vale estudar mais a fundo.

16 Casimiro Abdon Irala Arguello: sacerdote jesuíta paraguaio, mais conhecido como Padre Irala, SJ. É autor da primeira adaptação musical para Oração da Paz, também conhecida como Oração de São Francisco. Essa a primeira adaptação, intitulada Oração de São Francisco, foi composta em 1968 e lançada num compacto duplo em 1968 chamado Irala Canta. É a mais fiel à letra em português e a mais popular no Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)

Transformações

Certos teólogos, pastores e catequistas luteranos leram Leonardo Boff¹⁷ e foram estudar e trabalhar com os jesuítas no esforço de livrar os operários e a população brasileira da opressão da ditadura, do latifúndio, da escravidão e da exploração. Eu mesmo estudei a obra de Maria Nilde Mascellani¹⁸ e os colégios que fundou em São Paulo, inspirada pelo padre e filósofo Lima Vaz S.J.¹⁹ Tenho muitas

17 Leonardo Boff (1938): teólogo brasileiro, autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Boff escreveu um depoimento sobre as razões que ainda lhe motivam a ser cristão, publicado na edição especial de Natal da **IHU On-Line**, nº 209, de 18-12-2006, disponível em <http://bit.ly/iBjvZq>, e concedeu uma entrevista sobre a Teologia da Libertação na **IHU On-Line** nº 214, de 02-04-2007, disponível em <http://bit.ly/kaibZx>. Na edição 238, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, concedeu a entrevista *A ecologia exterior e a ecologia interior. Francisco, uma síntese feliz*, disponível em <http://bit.ly/km44R2>. Sua entrevista mais recente à **IHU On-Line** intitula-se *Ecologia integral. A grande novidade da Laudato Si'.* "Nem a ONU produziu um texto desta natureza" e está disponível em <http://bit.ly/1lk6J6U>. (Nota da **IHU On-Line**)

18 Maria Nilde Mascellani (1931-1999): foi uma educadora brasileira. Desde a adolescência, foi vítima de artrite reumatoide e, quando adulta, tinha dificuldades para caminhar e só suportava as crises de dor a base de analgésicos. Foi chamada pelo então secretário de educação de São Paulo, Luciano Carvalho, para participar de uma comissão de educadores com a finalidade de elaborar um projeto educacional que privilegiasse a vocação do aluno e de sua comunidade. Então, em 1961 foi criado o S.E.V., Serviço de Ensino Vocacional, e Maria Nilde assumiu a sua coordenação até a sua extinção, em 1969. Os ginásios vocacionais (GV), ofereciam ensino em período integral para o então 1º ciclo secundário de quatro anos. (Nota da **IHU On-Line**)

19 Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A revista *Síntese*, n. 102, jan.-ab. 2005, p. 5-24, publica o artigo *Um Depoimento sobre o Padre Vaz*, de Paulo Eduardo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. A **IHU On-Line** nº 19, de 27-05-2002, disponível em <http://bit.ly/ihuon19>, dedicou sua matéria de capa à vida e obra de Lima Vaz, com o título *Sábio, humanista e cristão*. Sobre ele também pode ser consultado na **IHU On-Line** nº 140, de 09-05-2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória em homenagem à Lima Vaz*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon142>. Confi-

amigas e colegas formadas pela Juventude Universitária Católica com as quais é possível manter diálogos críticos sobre as diferenças entre Luteranos e Católicos e sempre me pergunto - por que não são luteranas? Por outro lado, após assistir ao filme *Irmão Sol, irmã Lua*, de Zefirelli, nos anos 1970, eu mesmo me perguntei - por que não ser um monge franciscano?

ra ainda a entrevista *Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa*, com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-06-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon186>; *Vaz e a filosofia da natureza*, com Armando Lopes de Oliveira, na edição 187, de 03-07-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Veja também os artigos intitulados *O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental*, na edição 185, de 19-06-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e *Um diálogo cristão com o marxismo crítico. A contribuição de Henrique de Lima Vaz*, na edição 189, de 31-07-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon189>, ambos de autoria do Prof. Dr. Juarez Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a **IHU On-Line** 197, de 25-09-2006, trouxe como tema de capa *A política em tempos de nihilismo ético*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon197a>. Padre Vaz e o diálogo com a modernidade foi o tema abordado por Marcelo Perine em uma conferência em 22-05-2007, no Simpósio Internacional *O futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?* Leia, também, a edição 374 da **IHU On-Line** sobre o legado filosófico vaziano, de 26-09-2011, em <http://bit.ly/ihuon374>. O **Cadernos IHU** em sua 42ª edição também teve um tema dedicado ao pensador, intitulado *Ética e Intersubjetividade: a filosofia do agir humano segundo Lima Vaz*, de autoria de Antonio Marcos Alves da Silva. Acesse pelo link <http://bit.ly/cadihu42>. A revista **IHU On-Line** publicou recentemente a edição *A memória do Ser em plena civilização científico-tecnológica. 'Antropologia Filosófica' de H.C. de Lima Vaz, 25 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/2efu2M7>. (Nota da **IHU On-Line**)

Nos anos 1970 muitos de nós gostávamos de um frade. Trata-se de um dos personagens criados pelo cartunista Henrique de Souza Filho (Henfil) que, além do bode Orellana, da Graúna e do Ubaldo, o Paranoico, inventou os frades Cumprido e Baixim e nos fazia ver com simpatia e humor a dramática da fé num país dividido entre Casa Grande e Senzala.

Novo Papa

Quando soubemos que um jesuíta seria o dirigente da Igreja Católica, respiramos aliviados. Não gostávamos das iniciativas do Ratzinger.²⁰ O cale-se sofrido por Boff representava para nós o retorno da Inquisição. A eleição de Jorge Mario Bergoglio²¹ em março de 2013 e seus primeiros passos nos sinali-

20 Bento XVI, nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

21 Papa Francisco (1936): argentino filho de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio é o atual chefe de estado do Vaticano e Papa da Igreja Católica, sucedendo o Papa Bento XVI. É o primeiro papa nascido no continente americano, o primeiro não europeu no papado em mais de 1200 anos e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. A edição 465 da revista **IHU On-Line** analisou os dois anos de pontificado de Francisco. Confira em <http://bit.ly/1Xw2tgu>. Leia, ainda, a edição *Amoris Laetitia e a 'ética do possível'. Limites e possibilidades de um documento sobre 'a família', hoje*, disponível em <http://bit.ly/1SseNsc> e a edição *O ECOMenismo*

zaram que haveria mais paz, amor, perdão, união, fé, verdade, esperança, luz, consolo, compreensão, doação e entrega irradiando de Roma.

Desafios

Temos muitos problemas internos nas igrejas: as questões da homofobia, do aborto, do assédio, do estupro, do machismo, do alcoolismo, da competitividade, da ganância, da injustiça salarial, da saúde, da ecologia, da exploração dos recursos naturais, nos preocupam tanto nos confessionários, nas sacristias, quanto nos lares, às vezes nada doces lares. A corrupção, a hipocrisia das deputadas e dos deputados, sejam eles evangélicos, católicos, comunistas ou neoliberais - a corrupção e a hipocrisia são doenças genéticas difíceis de curar, impregnaram o DNA de todos os partidos.

Os grandes líderes das Igrejas - sejam Católica romana ou Luterana, ou Adventista, Metodista ou Assembleia de Deus - precisam se unir, encontrar afinidades para estudar e se posicionar sobre estas questões. Precisamos de mais amor fraterno. Junto com os queridos gestos de aproximação precisam vir atitudes concretas de criar grupos de estudos e ação missionária que trabalhem as questões que causam tanto sofrimento a nós e a nossos vizinhos. Que nos reúnam a fé, a esperança e o amor. O amor! ■

de *Laudato Si'*, disponível em <http://bit.ly/1S6Luik>. (Nota da **IHU On-Line**)



Prof. Dr. Salvador Andrés Schavelzon

Universidade Federal de São Paulo, Campus Osasco – UNIFESP

Cosmopolítica indígena, estados plurinacionais e partidos movimento: limites e possibilidades da reinvenção do espaço político

31 de outubro (segunda-feira) | 19h30min às 22h

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Informações e inscrições: ihu.unisinos.br

4º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo.
Territórios, governamento da vida e o comum

Baú da IHU On-Line

Confira alguns textos publicados pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU sobre o tema da Reforma Luterana

- *500 anos da Reforma manifesta o desejo de um futuro de diversidade reconciliada.* Entrevista especial com Walter Altmann, publicada nas **Notícias do Dia** de 31-10-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2eTyUHH>.
- *“Reforma, um evento relevante para a história cristã, inclusive católica.”* Entrevista com Paolo Ricca, publicado no sítio Notizie Evangeliche (NEV), 26-10-2016, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 29-10-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2f4N8G7>.
- *“É preciso repensar a Reforma.”* Entrevista com Fulvio Ferrario, publicada no jornal Avvenire, 12-10-2016, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 13-10-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2f93Oul>.
- *Estar com Jesus Cristo: isso é o discipulado.* Entrevista com Fulvio Ferrario, publicada no sítio Riforma, 5-7-2016, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 8-7-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2eejkrA>.
- *“Não é possível ser católico e sectário.”* Entrevista com o Papa Francisco por ocasião da viagem apostólica à Suécia, publicada na revista La Civiltà Cattolica, 28-10-2016, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 30-10-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2eZYr4S>.
- *Del conflitto a la comunión.* Conmemoración Conjunta Luterano - Católico Romana de la Reforma en el 2017. Disponível em <http://bit.ly/2eegcft>.
- *Percorra a vida de Lutero através destes destinos na Alemanha,* reportagem publicada por National Catholic Reporter, 22-10-2016, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 28-10-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2e4KVYY>.
- *Comemoração conjunta católico-luterana: um sinal de esperança a um mundo dividido,* reportagem publicada por Rádio Vaticano, 23-9-2016, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 26-9-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2f4R21r>.
- *Juntos na esperança. Comemoração conjunta do 5º Centenário da Reforma,* texto da Federação Luterana Mundial - FLM, 11-10-2016, reproduzido nas **Notícias do Dia** de 13-10-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2f96w3F>.
- *Reforma (1517-2017), os 500 anos depois de Lutero. Entrevista com Bernard Sesboüé,* reportagem publicada por Settimana News, 29-04-2016, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 5-5-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2eTFNIN>.
- *Papa na Suécia: finalmente a mesma história.* Artigo de Antje Jackelén, publicado no jornal L'Osservatore Romano, 30-10-2016, e reproduzido nas **Notícias do Dia** de 31-10-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2eLV4hc>.
- *Francisco, Lutero e o valor compartilhado da Reforma.* Artigo de Eugenio Scalfari, publicado no jornal italiano La Repubblica, 30-10-2016, e reproduzido nas **Notícias do Dia** de 31-10-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2f4S2Tn>.
- *Annus lutheranus.* Artigo de Gianfranco Ravasi, publicado no jornal Il Sole 24 Ore, 30-10-2016, e reproduzido nas **Notícias do Dia** de 31-10-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2f4hsRm>.
- *500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas.* Artigo de Vítor Westhelle, publicado em **Caderno de Teologia Pública**, número 97, disponível em <http://bit.ly/2eTCOjL>.



**VI COLÓQUIO
INTERNACIONAL IHU.
Política, Economia, Teologia. Contribuições
da obra de Giorgio Agamben**

11h – Conferência – A inversão da “economia do mistério” em “mistério da economia”:
o contexto problemático de desenvolvimento do
paradigma teológico econômico

Conferencista: Prof. Dr. Alain Gignac –
Université de Montréal – Canadá



**23 de maio de 2017
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros
Instituto Humanitas Unisinos – IHU**

IHU ON-LINE



INSTITUT
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Tema de Capa

Flerte com a morte

A partir da ideia de corporeidade, David Le Breton analisa como a exposição ao risco e à iminência do falecimento podem contribuir na busca de sentido para a existência

Por João Vitor Santos | Tradução: Vanise Dresch

“**P**ara um número crescente de nossos contemporâneos, não basta viver, é preciso sentir-se existindo.” A frase do antropólogo David Le Breton pode funcionar como uma pista para se entender certas condutas de risco tomadas quase que para colocar em xeque a própria vida. Apressadamente, pode-se pensar que essas posturas se dão por um descaso total com a sua existência. “Expondo-se ao risco de perder a vida, o indivíduo pisa no território da morte e traz de lá um troféu que não é um objeto, mas uma duração impregnada de intensidade de ser, carregando com ela o reforço persistente do momento em que, por sua coragem ou iniciativa, conseguiu arrancar-lhe a garantia de uma vida agora bem ativa”, esclarece.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o professor destaca o flerte de muitos jovens de hoje com a morte. “As condutas de risco das jovens gerações não significam um desejo de morrer, não são uma forma desastrosa de suicídio, mas um desvio simbólico para adquirir a certeza do valor da existência, para rejeitar o

medo da insignificância pessoal”, pontua, ao lembrar que para sair desses “jogos mortais” é necessário ao jovem adquirir consciência de sua fragilidade e também liberdade.

David Le Breton é antropólogo e sociólogo francês, professor de sociologia da Universidade de Strasbourg. Membro do Institut Universitaire de France e do Institut des Etudes Avancées da Universidade de Strasbourg (USIAS). Autor de obras publicadas em português, dentre as quais se destacam *Antropologia dos sentidos* (Petrópolis: Vozes), *Antropologia da dor* (São Paulo: FAP-Unisep), *Antropologia do corpo e modernidade* (Petrópolis: Vozes), *Condutas de risco. Dos jogos de morte ao jogo de viver* (Campinas: Autores Reunidos), *As paixões ordinárias. Antropologia das emoções* (Petrópolis: Vozes), *Compreender a dor* (Lisboa: Estrela Polar), *A sociologia do corpo* (Petrópolis: Vozes), *Do silêncio* (Lisboa: Instituto Piaget), *Adeus ao corpo* (São Paulo: Papirus), *Sinais de identidade. Tatuagens, piercings e outras marcas corporais* (Lisboa: Miosotis).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como compreender a morte a partir da ideia de corporeidade?

David Le Breton - Em nossas sociedades, o cadáver se tornou um objeto antropológico não identificado. Ele materializa uma representação da morte, dando a esta um conteúdo concreto. Porém, enquanto para alguns continua sendo a pessoa, para outros, é apenas

um resto, um puro objeto, eventualmente disponível como recurso para transplante de órgãos ou experimentos. Os significados vinculados ao cadáver dependem da representação social da morte e daquilo que o indivíduo faz dela. Ela está ligada ao status da pessoa.

Falo disso em meu livro, *La chair à vif. De la leçon d'anatomie aux*

*greffes d'organes*¹, que não está traduzido em português. Essas representações são inerentes ao contexto social e cultural, bem como aos atores que se confrontam e que podem não ter as mesmas representações. Qualquer alteração da parte corporal do homem é uma alteração dele mes-

¹ Paris: Editions Métailié, 2008. (Nota da **IHU On-Line**)

“

Enquanto para alguns continua sendo a pessoa, para outros, [o cadáver] é apenas um resto, um puro objeto, eventualmente disponível como recurso para transplante de órgãos ou experimentos

mo. O homem não tem um corpo, ele é carne, a condição humana é corporal. Entretanto, a morte é a alteridade absoluta, ainda mais perturbadora quando seu entendimento é inacessível, e o cadáver permanece presente, mas nada diz, trazendo também seu enigma. Embora submerso na morte, podemos tocá-lo, pensar que permanece próximo.

A noção de cadáver marca uma transformação radical do status da pessoa, sua passagem da vida à morte. Viva, ela é corpo, morta, torna-se cadáver. E se o corpo é reversível, na medida em que pode, às vezes, designar o cadáver, este último termo nunca é aplicado a uma pessoa viva. A individualização do sentido leva cada um a ter uma representação própria, muitas vezes reformulável, do que é: resto indiferente, ou então, a pessoa sob outra forma. Nunca estamos diante de um cadáver, mas sempre diante de significados e valores. E, além disso, o cadáver é sempre uma questão de relação.

IHU On-Line - De que forma ser confrontado com um cadáver pode contribuir para a elaboração sobre “o que é a morte”?

David Le Breton - A interrogação sobre a morte se faz primeiramente em proximidade com o cadáver de um parente. O morto está ali sem estar, pertence a outra dimensão, inacessível ao entendimento para quem não se contenta com uma posição materialista. O “real” do cadáver é indeterminável, pois é sempre permeado por represen-

tações e valores. A relação com o cadáver é individualizada, alimenta significados pessoais, muitas vezes difíceis de explicitar e transmitir a outros. A condição do cadáver se funde nas sensibilidades individuais.

IHU On-Line - Em que medida a falta de desprendimento humano/social ao corpo traz apenas uma perspectiva material sobre a morte, limitando a complexidade de reflexão sobre o fim da vida?

David Le Breton - Creio que a consciência de sua própria fragilidade é propícia a intensificar a relação com o mundo. Os adeptos das atividades físicas ou esportivas de risco demonstram isso. A multiplicação dessas atividades anda de mãos dadas com uma sociedade em que, para um número crescente de nossos contemporâneos, não basta viver, é preciso sentir-se existindo. Não se tem a evidência tranquila de viver, é preciso sentir a concretude de sua existência. É porque temos a possibilidade de perdê-la que a existência se torna digna de valor. Os esportes radicais são uma técnica de intensificação do sentimento da presença no mundo. Fazem do confronto da pessoa com ela mesma uma prova de verdade, uma chance que o indivíduo oferece a si mesmo, sob pena de pagar por isso se fracassar em sua tentativa.

Defrontando-se com o pior, ele tenta ganhar o melhor, tenta converter seu medo, seu esgotamento, em determinação de caráter. Se sair ileso da prova, tem a im-

pressão inebriante de estar garantido. Expondo-se ao risco de perder a vida, o indivíduo pisa no território da morte e traz de lá um troféu que não é um objeto, mas uma duração impregnada de intensidade de ser, carregando com ela o reforço persistente do momento em que, por sua coragem ou iniciativa, conseguiu arrancar-lhe a garantia de uma vida agora bem ativa.

Momentos como esses são raros, principalmente quando se apresentam com vigor, à maneira de um breve transe profano que mergulha num formidável sentimento de exaltação ou de potência. A morte é uma espécie de reserva selvagem ao alcance do indivíduo que deseja se entregar ao mundo, aceitando as consequências da aposta. Voltaremos a falar do caráter extremo dessas provas, que remetem à imagem da ordália [ou do ordálio]. Longe de um enraizamento religioso, esses momentos compõem breves transes profanos, uma forma eminentemente moderna de “mística selvagem”, pertencente à estrita intimidade.

IHU On-Line - Em sua obra *Adeus ao corpo*, o senhor destaca que o corpo pode ser tomado como simples suporte da pessoa. Nessa perspectiva, como a morte se perfaz como limite do corpo?

David Le Breton - A condição humana é corporal. O indivíduo só existe em se mantendo através de sua sensorialidade, sua afetividade, seus gestos ou seus movimentos. Sua presença no mundo é sempre aquela de uma corporeidade em ação. Através dela, ele apropria-se da substância de sua existência de acordo com sua condição social e cultural, sua idade, seu sexo, sua história, e a retransmite aos outros, num processo infinito de comunicação. Sem ela, o indivíduo desaparece, pois não há mundo sem corpo.

O meu ponto de vista é o de uma fenomenologia social. É claro que as representações comuns associam o corpo a um simples suporte da presença, mas essas são repre-

sentenças dualistas, herdeiras de uma velha metafísica ocidental que vê o homem como um composto de alma ou espírito e corpo. A presença do indivíduo no mundo é indissociável da carne. O homem é seu corpo, não o possui como um objeto, mas confunde-se com ele. Qualquer alteração da parte corporal do homem é uma alteração dele mesmo. Mas a morte introduz uma ruptura radical, inapelável. O indivíduo expõe seu corpo à apreciação dos vivos. Morrer é um abandono de toda e qualquer vontade sobre seu próprio corpo. Isso é deixado para os outros.

IHU On-Line - Quando a morte pode ser tomada como o fracasso do corpo?

David Le Breton - Nunca. Porque a existência está impregnada no corpo, e com ele se confunde. O corpo é a própria condição de nossa potência no mundo. Sem corpo, nada mais existe para o indivíduo. A morte não é o fracasso do corpo, é a condição do sabor do mundo, mas também de nossa vulnerabilidade.

IHU On-Line - Numa sociedade que põe a tecnociência no centro, como o conceito de morte é atualizado? Quais os avanços e limites dessa perspectiva?

David Le Breton - Esse foi o tema de meus dois livros: *Adeus ao corpo* (Papyrus) e *Antropologia do corpo* (Vozes). Muitas abordagens da tecnociência concebem o corpo como um esboço a ser corrigido ou até mesmo completamente eliminado por causa de sua imperfeição. Numa curiosa ressurgência laica da gnose², sob uma forma contempo-

² **Gnose**: palavra que deriva do termo grego "gnosis" que significa "conhecimento". É um fenômeno de conhecimento espiritual vivenciado pelos gnósticos (cristãos primitivos sectários do gnosticismo). Para os gnósticos, gnose é um conhecimento que faz parte da essência humana. É um conhecimento intuitivo, diferente do conhecimento científico ou racional. Gnose é o caminho que pode guiar à iluminação mística através do conhecimento pessoal que conduz à salvação. A existência de um Deus transcendente não é questionada pelos gnósticos, pelo contrário, veem no conhecimento divino um caminho para atingir

rânea, o desprezo pelo corpo assume uma feição digna e científica e propõe uma política de desencarnação do humano. O corpo é tido por alguns tecnófilos como superado e, mesmo que seja biologicamente necessário, o sonho, agora, é desvencilhar-se dele.

“ Qualquer alteração da parte corporal do homem é uma alteração dele mesmo

Se esse corpo é o lugar da morte ou da doença, não mais a condição de existência do homem, e sim aquela de seus limites, então, uma vez eliminado, a morte, a doença ou os limites não teriam mais sentido. O homem sente-se indigno diante da perfeição emprestada complacientemente à técnica, da qual é o autor. Doença endêmica da mente, o corpo é claramente um excedente para certas correntes pós-humanistas, que desejam o surgimento próximo de uma humanidade finalmente libertada desse entrave anacrônico. Ele é percebido como o lugar da queda, de uma ensomatose³, como dizem os teólogos.

A encarnação seria, então, um erro originário a eliminar. Demasiadamente imprevisível, lento em suas reações e defasado em relação à eficiência das tecnologias, o corpo é percebido como uma relíquia indigna de uma condição pós-humana cujo reinado se anuncia. O discurso mais radical a esse respeito vem dos transumanistas, que sonham apenas em eliminar o corpo ou transformá-lo em totalidade para que fuja

um conhecimento mais profundo da realidade do mundo. (Nota da **IHU On-Line**).

³ **Ensomatose**: doutrina segundo a qual a alma é infundida no corpo diretamente por Deus; Orígenes a contrapõe à metensomatose ou metempsicose. (Nota da **IHU On-Line**)

justamente da fragilidade ou da mortalidade. Agora que os lugares de culto são seguidamente abandonados, os cientistas reivindicam em alto e bom som substituir Deus para nos prometer imortalidade e potência.

IHU On-Line - Na sociedade contemporânea, como se dão os jogos de morte e vida?

David Le Breton - Esse tema diz respeito à sociologia ou à antropologia do risco. A questão do risco está, hoje, no cerne de nossas sociedades. Os perigos não são os mesmos do passado, sua virulência deslocou-se. Condições de existência menos precárias e uma expectativa de vida crescente não são suficientes para anular o sentimento de vulnerabilidade. A individualização do sentido em nossas sociedades desliga o ator das antigas solidariedades e o torna mais isolado, marcado por um sentimento maior de fragilidade. Além disso, diferentemente dos riscos de outrora, os riscos que percorrem nossas sociedades hoje ameaçam o planeta inteiro e as condições de vida das futuras gerações, fato do qual se tem plena ciência.

Os riscos mudaram de status e de natureza, mas não desapareceram. Não tememos mais o fim do mundo por causa da ira de Deus, mas não podemos ignorar que nossas sociedades nunca estiveram tão expostas a ameaças capazes de destruí-las ou danificá-las profundamente. O risco é também inerente à vida cotidiana. Em nossas sociedades relativamente seguras, o risco se prolifera para cada um por causa dos outros, mas também está presente para os outros por causa de cada um; conforme as circunstâncias, cada um é para os outros um perigo potencial. Ele mora nas nossas menores atividades, está presente em qualquer decisão, em qualquer escolha.

As consequências de um ato nem sempre têm a transparência da decisão que o originou. Ninguém sabe de antemão se uma decisão está

correta, tampouco se o fracasso ou o acidente não oferecem uma oportunidade inesperada ou, ao contrário, se o sucesso encontrado não é a promessa do pior. Somente o futuro sabe a resposta e, mesmo não estando presente no momento da decisão, é condicionado por esta. No cotidiano, na vida pessoal e/ou profissional, muitas razões fazem esquecer qualquer prudência ou a tornam vã: a fadiga, a indiferença, o descuido, o esquecimento, o erro, a ignorância do perigo ou a negligência dos outros. No âmbito do trabalho, um conhecimento intuitivo dos riscos de seu ambiente, das especificidades desse lugar e do cargo ocupado, assim como uma vigilância incorporada aos fatos e gestos do cotidiano permitem precaver-se em parte, desde que não se ceda à distração ou a uma superestimação de sua margem de ação.

Essa rede de precauções integradas nos hábitos de vida se baseia constantemente em riscos potenciais. Os instrumentos mais familiares tornam-se, às vezes, fontes de perigo (acidente, eletrocussão, explosão, asfixia etc.). Um temporal que transforma o rio tranquilo em uma enxurrada de lama que invade um camping ou moradias, a explosão de uma usina química, uma catástrofe nuclear que provoca morte num imenso território, um atentado, uma epidemia ou, simplesmente, um acidente de trânsito, um infarto, provocam um drama, justamente quando ninguém esperava.

IHU On-Line - No que a ideia de morte pode inspirar reflexões sobre condutas de risco hoje?

David Le Breton - As condutas de risco das jovens gerações não significam um desejo de morrer, não são uma forma desastrosa de suicídio, mas um desvio simbólico para adquirir a certeza do valor da existência, para rejeitar o medo da insignificância pessoal. Longe de visarem à autodestruição, tais condutas são buscas identitárias. São apelos à vida, mas raramente desejo de morrer.

Para jovens que perderam a escolha dos recursos, trata-se de um difícil nascimento de si mesmo. Apesar dos sofrimentos que causam, elas favorecem a aquisição da autonomia do jovem, a busca de suas próprias marcas. Meios para a construção de uma identidade, essas condutas não deixam de ser dolorosas em suas consequências, pelas dependências, feridas ou mortes que provocam. Podem minar as possibilidades do jovem, principalmente isolando-o da escolaridade. Mas o sofrimento é anterior, perpetuado por uma conjunção complexa entre uma sociedade, uma estrutura familiar, uma história de vida. Ilustram uma vontade de debater-se para finalmente existir.

“

Expondo-se ao risco de perder a vida, o indivíduo pisa no território da morte e traz de lá um troféu

Com o tempo, o jovem domestica seu mal-estar, elabora uma identidade propícia. A turbulência vivenciada torna-se então um recurso para viver com uma consciência de que a existência é um privilégio. Mas, para sair desses jogos mortais, o jovem precisa adquirir a consciência aguçada não só de sua fragilidade, mas também de sua liberdade. Precisa dar um sentido e um valor à sua vida.

IHU On-Line - Como compreender a concepção de fim da vida nos jovens de hoje, a partir da relação com o próprio corpo?

David Le Breton - A morte é irredutível para o pensamento, não cabe na força da linguagem. Por natureza, não tem outra represen-

tação além do imaginário, pois ninguém poderia testemunhar sobre um estado para o qual, contudo, todo mundo se encaminha. É o desconhecido que está sempre presente no horizonte.

Para Freud⁴, o inconsciente não tem nenhuma representação dela. O sentimento íntimo da morte é in formulável, não cabe na força da linguagem. Até os seis anos de idade aproximadamente, a criança não tem consciência da morte, ela a vê mais como uma ausência que será seguida por um retorno, como uma separação provisória. A morte é simplesmente um outro lugar de vida. As representações da morte remetem, segundo ele, às angústias de separação, ao medo de perder a presença e o amor dos entes próximos. A morte está associada ao sono, portanto, mais cedo ou mais tarde acordaremos.

Criança

A criança não vive na duração do tempo da mesma maneira que o adulto, ela está mergulhada no tempo imediato e tem dificuldade de distinguir uma separação provisória de uma separação definitiva. Muitos pais vivenciaram isso ao tentar explicar à criança a morte de um avô, por exemplo. Alguns dias mais tarde, para sua surpresa, a criança pergunta, como se nada tivesse acontecido: “Quando é que vovô volta?” Depois, aos poucos,

⁴ **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista, fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Freud nos trouxe a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam ainda muito debatidos hoje. A edição 179 da **IHU On-Line**, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da **IHU On-Line**)

ela absorve a irreversibilidade da morte, sua dimensão trágica, lida, às vezes, no rosto dos pais enlutados, mas a criança sabe sem saber, da mesma forma ambivalente em que dizemos: “Eu sei, mas mesmo assim...”.

Adolescente

E o adolescente, com alguns anos a mais, sem ignorar a separação da morte, não tem a certeza absoluta de seu perigo. Não possui aquela visão fatal e irreversível da morte que os mais velhos possuem. A morte não é percebida como uma autodestruição, não significa a finitude da existência. Enquanto permanecer longe do adolescente, aprisionada nas ficções, nos sites, nos *videogames*, dos quais ele é muitas vezes um adepto apaixonado, a morte não é nem irreversível, nem trágica, nem contagiosa. Ao contrário, ela proporciona poder, pois o jovem pode retroceder para rever mais detalhadamente uma decapitação ou uma cena de tortura, ver em câmera lenta uma cena de acidente para contemplar a morte dos outros com toda a segurança ou rever mil vezes um efeito especial num filme *gore* muito sangrento.

Controlando a morte

Trata-se, neste caso, de uma morte sob controle e puramente virtual, a morte de outrem. Em seguida, ele clica em outro site ou desliga o computador para fazer outra coisa. Mas a morte pode atingir a escola sem rodeios, e não é possível desligar o real ao seu redor. À medida que os anos passam, o jovem se desapega de seu sentimento de onipotência e, mesmo

que continue se sentindo a-mortal, não deixa de sentir ao mesmo tempo sua precariedade. No entanto, persiste a fantasia de que a morte não o atinge. Essa fase da vida é acompanhada por uma subavaliação sensível da fragilidade da existência.

“
Os cientistas reivindicam em alto e bom som substituir Deus para nos prometer imortalidade e potência

IHU On-Line - De que forma a morte pode interferir na autonomia do sujeito?

David Le Breton - A existência individual oscila entre vulnerabilidade e segurança, risco e prudência. Pelo fato de que a existência nunca é dada previamente, o gosto pela vida a acompanha na sua evolução e reforça o sabor de todas as coisas. A resposta à precariedade relativa da vida consiste justamente nesse apego a um mundo em que o gozo é medido. Só tem preço aquilo que pode ser perdido, e a vida nunca é adquirida de uma vez por todas como uma totalidade fechada e garantida por si mesma.

Além disso, a segurança sufoca a descoberta de uma existência sempre parcialmente dissimulada e que só toma consciência de si mesma na troca por vezes inesperada com

o mundo. O perigo inerente à vida consiste provavelmente em nunca se desafiar, em mergulhar numa rotina sem aspereza, sem tentar inventar, nem em sua relação com o mundo, nem em sua relação com os outros.

Assim, nem a segurança nem o risco são modos de autorrealização e autocriação. O gosto pela vida implica uma dialética entre risco e segurança, entre a capacidade de questionar-se, de surpreender-se, de inventar-se, e aquela de se manter fiel ao essencial de seus valores ou de suas estruturas de identidade. É porque podemos perdê-la que a existência é digna de valor. O consentimento ao risco, aliás, não exclui nem o cálculo nem a prudência, como a filosofia de Aristóteles⁵. A distância reflexiva em relação ao mundo se deve à convicção de que uma parte inesperada é sempre previsível. Quem cede à precipitação demonstra uma avaliação lacunar da situação, cujas consequências não tardam. A prudência se impõe como uma qualidade moral essencial ao homem político ou ao cidadão que assume uma responsabilidade para com outrem. Ela é a consciência aguçada daquilo que qualquer decisão implica em termos de consequências indesejáveis para si mesmo e os outros. ■

⁵ **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS

– *O corpo e as novas tecnologias*. Entrevista com David Le Breton, publicada na revista **IHU On-Line**, número 121, de 1-11-2004, disponível <http://bit.ly/2ePh6xO>.

Festa e prazer para memória de quem se foi

Rafael Villasenor olha para a morte desde a cultura mexicana e analisa a importância de se “aprender a morrer” hoje

Por João Vitor Santos

A morte é “uma transcendência para o além”. Essa é a formulação mexicana para o fim da vida, segundo o doutor em Ciências da Religião Rafael Lopez Villasenor, que nasceu em Arandas, no México, e vive desde 1991 no Brasil. O curioso é compreender que essa concepção se dá a partir da cultura de povos originais e da inferência de colonizadores. “A origem se encontra nas tradições dos indígenas astecas, que acreditavam na transcendência da vida após a morte”, explica. Villasenor recorda que o catolicismo tentou, “mas não conseguiu mudar o passado pré-hispânico do culto aos mortos”. “A festa do dia dos falecidos passou a fazer parte da resistência indígena, sobretudo nas culturas asteca e maia destruídas pelos colonizadores espanhóis”, analisa.

Assim, a marca da cultura mexicana, mesmo com predomínio do catolicismo, é a festividade em que as pessoas contam em memória aos entes e satirizam a própria morte. “Costuma-se visitar o cemitério e levar cestas para fazer piquenique, tequila para brindar pelos que partiram e até bandas de música típica”, destaca Villasenor, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para ele, no México, joga-se “muito bem o sagrado e o profano, o medo e a ironia, através do sincretismo religioso do culto à morte”.

Entretanto, Villasenor reconhece que a “vida moderna” reconfigura as relações com a morte em diversas partes do mundo. É como se desaprendêssemos a morrer. “A morte nas metrópoles deixou de ter expressão social e familiar humanizada”, pontua. “Hoje, o homem morre em maior número em instituições hospitalares e outros centros de apoio a doentes e idosos, rodeado de tecnologia, mas em grande solidão afetiva. A morte perdeu o lugar físico e simbólico de sempre, isto é, a casa”, completa. Por isso, defende que “o ato de morrer faz parte da constante renovação da vida e é inerente à condição humana”.

Rafael Lopez Villasenor é mexicano, missionário Xaveriano. Possui doutorado em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia, e mestrado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Possui graduação em Teologia pelo Centro Universitário Assunção e graduação em Filosofia pelo Instituto de Filosofia Xaveriana. É assessor e membro do Centro de Estudos Bíblicos - CEBI. Integra, ainda, a equipe interdisciplinar de assessores da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB e coordena o Centro de Estudos Missionários Latino-Americano - CEMLA.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como compreender a morte? Ela se dá como fim ou plenitude da vida?

Rafael Lopez Villasenor - Compreender e aceitar a morte é uma tarefa muito difícil, por tratar-

-se de uma realidade irreversível, mesmo que para nós cristãos seja a plenitude da vida. Ela sempre chega de surpresa, até mesmo quando o enfermo se encontra em um estado de saúde delicado, mas continua lutando pela vida.

A morte pode ser compreendida como o fim da vida, como meta alcançada no sentido em que faz pensar na situação existencial que ocupamos neste mundo. Mas a morte é a marca do fim da nossa caminhada, é também o começo de



Por mais que os missionários católicos tenham tentado acabar com os costumes indígenas do culto aos mortos, somente conseguiram modificar estas tradições

uma nova realidade transcendente como plenitude. Pensar a morte como fim de tudo, para o cristão, é inaceitável. Entretanto, a única certeza que temos é que um dia todos iremos passar pela experiência da morte que não poderemos narrar, apenas vivenciar.

Quando a morte se anuncia na nossa vida ou dos seres da nossa intimidade através da doença incurável, ou nas premissas de uma sentença irreversível, ficamos abalados. Portanto, pensar a morte nos faz pensar a vida, não se pode pensar em viver sem lembrar em morrer, viver é morrer. Como se diz popularmente: “só morre quem está vivo”. Nascer, crescer, viver e morrer fazem parte do processo biológico. Contudo, muitas vezes esquecemos que, biologicamente, estamos sempre morrendo, as células morrem, são eliminadas e surgem outras.

IHU On-Line - Que chave de leitura as religiões são capazes de fornecer para a construção de um entendimento sobre a morte? E no que o diálogo inter-religioso pode contribuir para a formulação do conceito de morte?

Rafael Lopez Villasenor - Nós humanos procuramos dar sentido à morte por meio de crenças, mitos e ritos religiosos. Gostaríamos de ser eternos neste mundo, mas sabemos que é impossível. Portanto, nos vários rituais fúnebres sempre fica expressa a função das religiões de aliviar a dor e fortalecer a esperança. Em algumas religiões é destacado o sentimento de perda, mas

em outras é celebrada com alegria a vida após a morte.

É difícil dizer que o diálogo inter-religioso pode contribuir para formular um conceito da vida pós-morte, pois existem diversas concepções da morte nas religiões. Assinalamos de forma breve algumas formas de encarar a morte:

Cristianismo

Como cristãos, acreditamos no Deus da Vida e vemos a morte como a passagem para a Vida Eterna. Ela não é uma tragédia, porém a plenitude da vida. O próprio Jesus afirma: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, mesmo que esteja morto, viverá”. São palavras que nos dão a certeza de que a morte não é fim de tudo, que morrer não é um drama, nem um tabu, mas é viver junto com Deus.

Judaísmo

Para os judeus, existe a sobrevivência do espírito após o fim desta vida. Porém, não oferece uma posição bem clara e única da vida após a morte, permitindo várias interpretações.

Islamismo

No islamismo, Alá criou o mundo e trará de volta à vida todos os mortos no último dia. As pessoas serão julgadas e uma nova vida começará depois da avaliação divina. Esta vida terrena é a preparação para o céu ou para o inferno, dependendo do julgamento divino que o ser humano tiver.

Religiões de matrizes africanas

Nas religiões de matrizes africanas, o morto é conduzido espiritualmente a viver junto aos ancestrais. Assim, a morte é uma manifestação espiritual. A vida vai continuar entre as divindades africanas. O nascimento e a morte são momentos sagrados, que marcam a passagem de um estado a outro.

Espiritismo

Entre os espíritas existe a crença de que todos os seres humanos são espíritos reencarnados para evoluir. A morte é a passagem do espírito do mundo físico para a sua verdadeira vida no mundo espiritual. E mesmo no paraíso o espírito está em constante evolução para o aperfeiçoamento.

Budismo

O Budismo prega a reencarnação. Após a morte, o espírito volta em outros corpos, subindo ou descendo na escala dos seres vivos, tanto homens como animais, de acordo com a própria conduta. Por isso a doutrina ensina a evitar o mal, praticar o bem e purificar o pensamento.

Hinduísmo

Também para o Hinduísmo a vida após a morte é centrada na reencarnação. O espírito ligado a este mundo por meio de pensamentos, palavras e atitudes. Quando o corpo morre ocorre a transmigração. O espírito passa para o corpo de outra pessoa ou para um animal, vai depender das ações, pois a toda ação corresponde uma reação.

Portanto, vemos que, cristãos, islâmicos e judeus acreditam na ressurreição após a morte. Os espíritas, budistas e hinduístas creem na reencarnação como processo de evolução ou de purificação. O que encontramos em comum nas diferentes religiões é que o homem encara a morte como uma passagem de um mundo para outro, de

uma realidade material para uma espiritual.

IHU On-Line - No México, os rituais da morte lembram uma festa. Como compreender a forma com que essa cultura encara a morte e faz a memória de seus mortos?

Rafael Lopez Villasenor - O dia dos mortos é vivido no México como uma festa com muita alegria, muitas flores, comida, e caveiras sorridentes de açúcar. A morte nesta festa é ridicularizada e celebrada com músicas, bebidas alcoólicas e rezas. Marca o calendário festivo do imaginário da cultura popular, celebrada de maneira especial e única. Mistura muito bem o sagrado e o profano, o medo e a ironia, através do sincretismo religioso do culto à morte.

Octavio Paz¹, no livro *O labirinto da solidão*², vê nestas manifestações culturais que a vida é a morte e que a morte é a vida. Quem pensa a morte, celebra e pensa também a vida. Não é por acaso que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco, em 2003, reconheceu a celebração do dia dos mortos na cultura mexicana como Patrimônio Cultural e Imaterial da Humanidade.

Memória aos mortos

Entre as muitas tradições do dia dos mortos, há um destaque especial para os altares com oferendas aos mortos. É uma das formas de fazer memória aos mortos. Esses altares são preparados nas casas das famílias e podem variar de região para região, mas com uma estrutura parecida. Iluminam a me-

1 Octavio Paz Lozano (1914-1998): poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano, notabilizado, principalmente, por seu trabalho prático e teórico no campo da poesia moderna ou de vanguarda. Recebeu o Nobel de Literatura de 1990. Escritor prolífico cuja obra abarcou vários gêneros, é considerado um dos maiores escritores do século XX e um dos grandes poetas hispânicos de todos os tempos. (Nota da **IHU On-Line**)

2 El labirinto de la soledad, no título original (México: Fondo de Cultura Económica, 1992). (Nota da **IHU On-Line**)

mória dos familiares e amigos que os falecidos deixaram. No altar, colocam as fotografias dos falecidos com velas para cada alma. As flores sempre ocupam um lugar especial representando a brevidade da vida. Não podem faltar as toalhas bordadas, as velas, o incenso, a comida e as bebidas. Sobre o altar, além das imagens da Virgem de Guadalupe³ e de santos, pode haver fotos, instrumentos de trabalhos e de diversão dos falecidos.

“

Quem pensa a morte, celebra e pensa também a vida

Também a Igreja Católica, no dia dos falecidos, oferece missas especiais para os fiéis defuntos nos cemitérios e nas igrejas. Este dia é considerado particular para visitar os cemitérios, para levar flores, velas, alimentos e passar o dia no campo santo.

IHU On-Line - Em que medida o sincretismo religioso mexicano pode ser compreendido a partir do ícone de *La Santa Muerte*⁴? E como a cultura mexicana

3 Nossa Senhora de Guadalupe (em espanhol: Nuestra Señora de Guadalupe): popularmente chamada de Virgem de Guadalupe, é a padroeira do México, venerada pela Igreja Católica. A Virgem de Guadalupe é representada por um ícone da Virgem Maria, que teria aparecido ao índio da tribo Nahuatl, Juan Diego Cuauhtlatoatzin, em Tepic, noroeste da Cidade do México, em 9 de dezembro de 1531. Atualmente, este ícone está depositado no Santuário de Guadalupe, destino de peregrinações de milhões de devotos. Sua festa litúrgica é celebrada em 12 de dezembro desde 1754, quando o Papa Bento XIV oficializou o título mariano. Nossa Senhora de Guadalupe, além de padroeira do México, é também reverenciada como padroeira da Cidade do México, padroeira da América Latina e “Imperatriz da América”. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Santa Muerte: é uma figura sagrada venerada no México, provavelmente um sincretismo entre crenças católicas e mesoamericanas. A cultura mexicana mantém desde a era pré-colombiana uma certa reverência em relação à morte, manifestada em celebrações

se constitui a partir dessa relação entre crenças católicas e mesoamericanas?

Rafael Lopez Villasenor - Em alguns lugares do território mexicano existe a faceta obscura e ambígua da morte, conhecida como o culto à *Santa Muerte*, figura “sagrada” e venerada, resultado do sincretismo entre crenças católicas e tradições indígenas. Tem muitas representações, mas uma das mais comuns e sincrética é com a corporatura esquelética, vestida com um longo manto e carregando um ou mais objetos. O manto costuma ser branco, mas representações da figura variam de pessoa a pessoa, de acordo com o pedido do devoto ou do ritual a ser apresentado.

Este culto sincrético era clandestino até poucos anos atrás. As orações, rezas e outros rituais eram feitos de maneira privada em casa, mas nos últimos anos a veneração tornou-se pública, sobretudo na Cidade do México. Os devotos fazem altares e oferecem velas, frutas e tequila em troca da realização de seus pedidos e desejos relacionados com amor, emprego e saúde.

Para algumas pessoas, a *Santa Muerte* é considerada como o anjo da morte, carregando uma gadinha⁵ e uma balança. Ela também pode estar vestida com um manto vermelho e uma coroa dourada. Nesta forma, muitas pessoas a veem como uma variação sincrética de Nossa Senhora de Guadalupe. Inclusive, sua festa é o 15 de agosto, festividade oficial da Igreja Católica da Assunção de Maria⁶.

sincréticas como o Dia dos Mortos. Entre os elementos pagãos da celebração está o uso de esqueletos para lembrar as pessoas de sua mortalidade, os quais são adornados, muitas vezes, com terços e rosários, elementos do catolicismo. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Foice de cabo comprido para cortar feno. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Assunção da Virgem Maria: de acordo com as crenças da Igreja Católica Romana, da Igreja Ortodoxa, das Igrejas Ortodoxas Orientais e partes do Anglicanismo, foi a assunção do corpo da Virgem Maria no Céu ao final de sua vida terrestre. O catolicismo romano ensina como um dogma que a Virgem Maria “tendo completado o curso de sua vida terrestre, foi assumida, de corpo e alma, na glória celeste”. Ainda que as Igrejas Católica e Ortodoxa acreditem na Dormição de Maria,

Culto marginalizado

O culto à *Santa Muerte* está presente em pequenos setores da sociedade mexicana, sobretudo na classe mais popular, trabalhadora e urbana. Embora, nos últimos anos, em decorrência de imigrações, também se estendeu aos Estados Unidos. A devoção atrai os indivíduos que estão em situações extremamente difíceis, sem esperança, mas também existe esta devoção por parte de pequenos setores de profissionais da classe média e até mesmo de pessoas ricas. Alguns dos devotos estão associados com o crime organizado, ligado aos cartéis do narcotráfico. A Igreja Católica repudia e condena este tipo de devoção obscura. Ainda considera o culto ofensivo e satânico, mas a maioria de seus seguidores que dizem ser católicos não se importam.

IHU On-Line - Como a ideia de ressurreição se constitui na cultura popular mexicana?

Rafael Lopez Villasenor - Não diria que se trata de uma ideia de ressurreição, mas da visão da morte como transcendência para o além. A origem se encontra nas tradições dos indígenas astecas, que acreditavam na transcendência da vida após a morte, ponderada através dos sacrifícios humanos, que tinham sua importância religiosa, política e social dentro da cultura Asteca. Os sacrifícios aconteciam para a renovação da energia cósmica divina, pois os deuses deram a vida ao homem, sacrificando a sua própria vida.

Nos sacrifícios para a cosmologia mesoamericana, o sangue representava a vida, como o líquido que sacia a sede dos deuses. Ou melhor, o Sol, sendo ele mesmo parcialmente constituído de sangue dos deuses. Assim como a água, o sangue era necessário à vida na terra e à vida celestial.

que é o mesmo que a Assunção, a morte de Maria não foi definida dogmaticamente. Nas igrejas fiéis, a Assunção é uma festa maior, geralmente celebrada em 15 de agosto. (Nota da **IHU On-Line**)

Se isso não ocorresse, o Sol não mais se moveria pelo céu, a terra ficaria escura e fria, assim todas as criaturas pereceriam. Logo, os sacrifícios representavam a continuidade da vida e justificavam as guerras, pois é através delas que se conseguem os sacrifícios mais valiosos: os mais fortes prisioneiros de guerra.

Os enterros indígenas eram acompanhados de oferendas com dois tipos de objetos: os que o morto havia utilizado em vida e os que poderia precisar em sua viagem ao submundo dos mortos. Desta maneira, a elaboração de objetos funerários era diversificada, de acordo com o tipo de morte e da personalidade do defunto. Os mortos eram enterrados com as roupas e joias que tinham usado em vida. As cinzas dos que eram queimados se introduziam em panelas de barro e nelas ficavam as joias como propriedade do falecido.

A tradição hoje

No México atual, as tradições não desapareceram, apenas foram ressignificadas. Costuma-se visitar o cemitério e levar cestas para fazer piquenique, tequila para brindar pelos que partiram e até bandas de música típica como o "mariachi"⁷ que cantam homenageando os mortos e satirizando a morte. Ainda hoje, algumas pessoas costumam deixar bebidas alcoólicas no panteão⁸. Acreditam que à noite os mortos podem sair dos túmulos e beber tequila ou outras bebidas, junto com a comida que lhes foi ofertada pelos familiares. Inclusive, o dia dos mortos é um dia de festa e prazer. Por isso é fundamental a música, a comida, as flores, as bebidas que ajudam

⁷ **Mariachi**: gênero musical popular do México e, simultaneamente, um termo de origem incerta que se aplica aos grupos musicais que performam este gênero. Originado no estado de Jalisco, no leste do México, o Mariachi floresceu entre os peões – lavradores e nativos – como música popular, incorporando ritmos e harmonia provenientes da Europa e dos astecas. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ O autor refere panteão no sentido de mausoléu que abriga os restos mortais de diversas pessoas. (Nota da **IHU On-Line**)

a alegrar a data dos que partiram para outra vida.

Enfim, no dia dos mortos as pessoas levam a refeição para os mortos, onde pode se passar o dia lavando os túmulos e decorando-os com muitas flores. Lá se reza, se chora, se canta e, eventualmente, se embriagam, porque, afinal, a morte é um fenômeno inseparável da vida. A melhor forma de enfrentar a morte, para o mexicano, é rir e brincar com ela como parte da vida.

IHU On-Line - Qual o papel da cultura popular - em sentido amplo - na constituição das interfaces da morte? É possível afirmar que age como uma hermenêutica dos conceitos religiosos acerca da morte?

Rafael Lopez Villasenor - Ao longo da história, o catolicismo tentou, mas não conseguiu mudar o passado pré-hispânico do culto aos mortos. Apenas através do tempo fomentou-se uma nova forma religiosa, criando um sincretismo religioso. Por mais que os missionários católicos tenham tentado acabar com os costumes indígenas do culto aos mortos, somente conseguiram modificar estas tradições e transferir a celebração para a data da festa cristã do dia de "todos os santos" e dos "fiéis defuntos". Mas, a tradição da comemoração dos mortos permaneceu mais ou menos semelhante ao costume dos povos indígenas.

Como parte da herança cultural das tradições, a população foi dando cada vez mais destaque à festividade do dia dos mortos, pensada de forma transcendente e como parte de uma hermenêutica para o catolicismo. Muito embora isso ocorra de forma sincrética, que mistura o sagrado e o profano, a cultura indígena e o catolicismo popular. Assim, acaba criando várias interfaces da celebração do dia dos mortos.

Resistência indígena

A festa do dia dos falecidos, com o tempo, passou a fazer parte da resistência indígena, das raízes nativas, sobretudo nas culturas asteca e maia destruídas, em grande parte, pelos colonizadores espanhóis. Atualmente, é a festa que a morte invade a vida e a vida invade a morte, como dois movimentos do mesmo evento que dão sentido à existência humana.

IHU On-Line - Como o senhor analisa a forma como a cultura popular brasileira encara a morte e faz a memória dos seus mortos, tendo em perspectiva a cultura mexicana?

Rafael Lopez Villasenor - No Brasil não existe o folclore cultural indígena da morte. Aqui há o costume de rezar missa no sétimo dia para o falecido, que não é prática seguida em outros países, nem consta no missal romano católico⁹ ou no ofício de defuntos¹⁰. A origem da missa de sétimo dia, historicamente, vem dos tempos da colônia quando existiam dificuldades de deslocação até o velório e, dadas as condições climáticas tropicais, o falecido devia ser enterrado em até 24 horas. Então, para celebrar a memória do ente falecido e dar tempo de avisar a todos os familiares e amigos distantes, marcava-se uma missa uma semana após a morte para estes conseguirem chegar.

Morte no sertão

Na tradição do sertão nordestino até o século XX, cultivou-se a crença de que se morrer uma criança, esta torna-se anjo. As mães faziam a conta de rebentos, somavam filhos e anjinhos. Também as mães

9 Missal Romano: é o livro usado nas missas de rito romano para as leituras próprias do celebrante (um clérigo). Ele contém vários tipos de orações eucarísticas. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Missas dos Fiéis Defuntos: também chamado “ofício de defuntos”, é uma parte do Missal Romano que apresenta as missas próprias para pessoas falecidas. Na organização do Missal Romano, é a última parte antes do apêndice geral, e precedida das Missas Votivas. (Nota da **IHU On-Line**)

não deviam chorar a morte da criança, pois poderia fazer com que as lágrimas molhassem as asas do anjo. Anjos com asas molhadas não podem voar.

Inclusive, na literatura brasileira encontramos o livro de João Cabral de Melo Neto¹¹, com o título *Morte e Vida Severina*¹², publicado em 1955, que faz alusão ao sofrimento, por meio do poema dramático, que relata a dura trajetória do retirante sertanejo em busca de uma vida mais digna na capital pernambucana.

“

Enquanto se vive, morre-se, o que significa que vive-se a morte

Distinções mexicanas

No México, por sua vez, onde a maioria dos habitantes são católicos, existe uma variedade de cerimônias sincréticas em torno da morte, que misturam o sagrado e o profano de maneira original e irônica. A festa do dia dos mortos marca o calendário festivo do imaginário da cultura popular mexicana, conservando tradições regionais próprias das culturas tradicionais de cada lugar e família. Recordam-se e homenageiam-se os entes queridos que passaram para “outra vida”. Como destaquei anteriormente, nesta data, a morte é ridicularizada em charges, ca-

11 João Cabral de Melo Neto (1920-1999): poeta e diplomata brasileiro. Sua obra poética, caracterizada pelo rigor estético, com poemas avessos a confessionalismos e marcados pelo uso de rimas toantes, inaugurou uma nova forma de fazer poesia no Brasil. Membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Brasileira de Letras, foi agraciado com vários prêmios literários. Confira a edição 310 da revista **IHU On-Line**, de 05-10-2009, intitulada *A segura do sertão nos versos de João Cabral de Melo Neto*, disponível para download em <http://bit.ly/2dtlepB>. (Nota da **IHU On-Line**)

12 Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007. (Nota da **IHU On-Line**)

veiras de açúcar com nomes, pão dos mortos (pão doce de polvilho), músicas, bebidas alcoólicas, entre outras formas de ser celebrada.

A celebração da festividade varia de região para região, mas tem uma estrutura parecida. Em todas as partes do território mexicano é uma festa popular, onde o povo se diverte de maneira original com a ideia da morte. É uma festividade muito colorida, celebrada com uma alegria irônica, com oferendas de comidas, flores, bebidas alcoólicas, incenso, velas e rezas. Não podem faltar as caveiras sorridentes de açúcar com nome das pessoas, o pão dos mortos¹³, as bandeirinhas de papel colorido que decoram ruas e cemitérios para celebrar a vida que invade a morte.

IHU On-Line - Como o senhor observa as experiências e crenças dos “sem religião” com relação à morte?

Rafael Lopez Villasenor - É bom esclarecer que ser “sem religião” no Brasil não significa não acreditar em Deus ou na transcendência, mas ter uma religiosidade própria de vários elementos e fragmentos religiosos de maneira sincrética, independentemente de qualquer instituição religiosa. Não ter religião oficialmente não significa necessariamente ser ateu ou arreligioso, mas tem o sentido de abandonar a instituição religiosa e às vezes criar um sincretismo religioso de acordo com as necessidades subjetivas. A maioria dos “sem religião” acredita na transcendência e na vida após a morte como um novo começo.

Faces dos “sem religião”

De acordo com nossa pesquisa, existem vários tipos de “sem religião”. Numa primeira classificação

13 Pan-de-muerto (pão dos mortos, em tradução livre): é um pão doce adornado com figuras, por vezes na forma de caveira, e polvilhado de açúcar, que faz parte das oferendas colocadas nos “altares-dos-mortos”, nas celebrações do Dia dos Mortos no México. (Nota da **IHU On-Line**)

que podemos fazer, estão os “*sem religião*” *sincréticos*. São aqueles com uma crença que se desdobra e se diversifica com uma autonomia para circular por várias tradições religiosas de maneira livre, sem necessidade de vincular-se a nenhuma delas; procuram-se elementos religiosos subjetivos.

Uma segunda categoria são os “*sem religião*” *em trânsito religioso*, que se movimentam livremente questionando as instituições religiosas e os novos modelos institucionais que derivam da interpenetração de ideias, crenças, doutrinas, o que promove a circulação religiosa ou o afastamento das instituições.

Outra classificação são os “*sem religião*” *céticos*, que se desvinculam da instituição religiosa. Essa desvinculação ocorre ao longo de sucessivas experiências de mobilidade religiosa e frustrações. O ceticismo não tem uma vinculação direta com a ausência de um sistema de crenças, mas com a perda da religiosidade.

Encontramos também os “*sem religião*” *agnósticos*, que têm certa dificuldade para a compreensão da existência de Deus, por acreditarem que tal entidade seja inacessível ou incognoscível por parte do entendimento humano, na medida em que ultrapassa o método empírico de “comprovação científica”, o que não impede que se possa acreditar em Deus.

Finalmente, estão os “*sem religião*” *ateus*. Eles são adeptos ou não de teorias marxistas, que questionam de maneira racional e empírica a existência de Deus.

IHU On-Line - A vida nas grandes metrópoles, a partir da modernidade, da explosão tecnológica, traz a perspectiva pragmática para várias esferas da vida. Em que medida, a partir desse pragmatismo, é possível se afirmar que o luto e a experiência da morte são abreviados? Quais as consequências?

Rafael Lopez Villasenor - Atualmente, a morte nas metrópoles deixou de ter expressão social e fami-

liar humanizada, como morrer em casa, acompanhado pela família, amigos, e assistido pelos últimos ritos religiosos, como acontecia há alguns anos. Hoje, o homem morre em maior número em instituições hospitalares e outros centros de apoio a doentes e idosos, rodeado de tecnologia, mas em grande solidão afetiva. A morte perdeu o lugar físico e simbólico de sempre, isto é, a casa. Ela tornou-se estranha, perdeu o lugar natural de sempre, a vida, a vida do próprio ser, a vida da própria família. Perdeu o seu lugar na imensa teia de relações que constituem a vida. Isto porque a morte não cabe nos conceitos de êxito, de sucesso e de felicidade da modernidade, a convertendo em um tabu. A morte é vista como uma derrota para a ciência.

A modernidade, cheia de tecnologias, tenta levar-nos a esquecer de que ao nascermos passaremos por momentos de alegrias e tristezas, de saúde e de doença, de sofrimento e conforto, até o dia em que morreremos. Sabemos, mas não aceitamos que vivemos na espera de morrer, porque se a morte na modernidade não tem sentido, também a vida não faz sentido. Parece trágica a realidade finita: cada dia vivido é um dia morrido, ou cada dia a mais é um dia a menos de vida!

A filosofia do mundo moderno pretende suprimir a morte, a dor, o envelhecimento e o luto do ente que partiu. Para Edgar Morin¹⁴, o homem é um ser para a morte.

¹⁴ **Edgar Morin** (1921-): sociólogo francês, autor da célebre obra *O Método*. Os seis livros da série foram tema do *Ciclo de Estudos sobre “O Método”*, promovido pelo IHU em parceria com a Livraria Cultura de Porto Alegre em 2004. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas, se recusa a ser enquadrado na sociologia e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de *O Método*, é autor de, entre outros, *A religião dos saberes. O desafio do século XXI* (Bertrand do Brasil, 2001). Confirma a edição especial sobre esse pensador, intitulada *Edgar Morin e o pensamento complexo*, de 10-09-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon402>. (Nota da **IHU On-Line**)

Para o autor, o sentimento da morte é de uma ruptura, de um mal, de um desastre, isto é, sentimento traumático. Consciência de um vazio, de um nada, que se abre onde havia plenitude individual.

IHU On-Line - E, em particular, para o senhor, o que é a morte?

Rafael Lopez Villasenor - A morte não é apenas um evento da biologia ou uma derrota para a ciência. Ela é um processo, enquanto se vive se morre. A morte é uma presença a cada instante da vida, e não apenas um acontecimento que vem ao encontro de modo extemporâneo, decretando o fim de tudo. O ser humano como um ser finito que deve aprender a morrer. A morte mostra quanto o ser humano é frágil, pequeno e revela o limite da natureza humana.

O ato de morrer faz parte da constante renovação da vida e é inerente à condição humana, é algo que o ser humano sempre teve dificuldade em aceitar. A morte, assim como a doença e o sofrimento, são parte integrante da condição humana, somos seres feitos para morrer. Enquanto se vive, morre-se, o que significa que vive-se a morte, cada dia mais de vida é um dia a menos e um dia mais perto da finitude, é uma presença a cada instante da vida, e não apenas um acontecimento que lhe vem ao encontro de modo extemporâneo, declarando-lhe um fim.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Rafael Lopez Villasenor - Gostaria apenas de concluir dizendo que, apesar de que nos últimos anos a vida é mais longa, se vive mais, parece ser subjetivamente muito breve e sentimos que passa muito depressa. É uma vida repleta de ocupações e preocupações materiais, diante das quais a sociedade exige que respondamos prontamente. Até que um dia, inesperadamente, nos chega a própria morte. Infelizmente, a vida e a morte são companheiras inseparáveis, mistérios inesgotáveis. ■

Construção de um “bem morrer”

Bárbara Costa observa a importância de se humanizar o fim da vida para então melhor conjugar noções de individualismo, naturalismo e hedonismo

Por João Vitor Santos

De que forma é possível acompanhar e vivenciar uma boa morte e, a partir dela, pensar numa vida melhor? Essa é uma das questões de fundo da entrevista com a socióloga Bárbara Rossin Costa, concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Como outros pesquisadores, avalia que a morte na atualidade ganhou contornos muito menos comunitários, familiares e se tornou muito mais hospitalar, asséptica, isolada e distante. Entretanto, pondera que há movimentos que revisam essa perspectiva. “Ao final dos anos 1960, inúmeros movimentos pelos direitos dos pacientes terminais despontaram, especialmente na Inglaterra e Estados Unidos, com o intuito de enfraquecer os excessos de poder da instituição médica e reivindicar uma nova prática em relação à morte”, destaca.

A socióloga explica que esse novo projeto tem o objetivo de “minorar o máximo possível as dores e demais sintomas dos doentes, mas sem que houvesse qualquer ocultamento, negação

ou silenciamento sobre seus quadros clínicos”. “Trata-se de uma mudança ainda em curso, é verdade, mas que se dirige a uma maior humanização do morrer e a uma melhor ‘qualidade de vida’ nos momentos finais, pelo oferecimento de dignidade e assistência ‘bio-psico-social-espiritual’ a pacientes e familiares”, completa. Bárbara ainda explica que essa perspectiva está baseada na ideia do devido tempo da morte, que seria “o tempo da ‘natureza’”.

Bárbara Rossin Costa é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e mestranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional - UFRJ. Foi revisora e membro do comitê editorial da Revista *Habitus*, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, e da Revista *Estudos Políticos* (UFRJ/Universidade Federal Fluminense - UFF) e atualmente pesquisa a gestão da morte conduzida por aparelhos jurídicos e saberes médicos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Numa perspectiva antropológica, qual a importância da ideia de morte numa sociedade?

Bárbara Rossin Costa - A morte é a ocasião em que cada grupo produz a sua própria reprodução. As cerimônias e rituais mortuários enfatizam e fabricam determinadas posições, hierarquias. Também estabelecem um modo particular de administrar as linhas que separam vivos e mortos, corpos e almas/espíritos, “ser” e “não ser”. A consciência da morte traz à tona a consciência da alteridade, a percepção da diferença para com outros gru-

pos e outras formas de estar e não-estar no mundo. Trata-se, assim, de uma ideia central, que fornece as fronteiras e barreiras sobre as quais a sociedade delimita e divide o “real”, bem como estipula os limites ontológicos que cristalizam uma certa forma de unir e separar, congrega e excluir, sacralizar e profanar.

IHU On-Line - De que forma o conceito de morte pode ser visto como uma forma de organização e orientação da vida?

Bárbara Rossin Costa - Os rituais fúnebres são práticas sociais in-

dispensáveis para a expressão e solidificação dos vínculos, para a manifestação e compartilhamento de emoções, para a valorização de certas situações, para a manutenção e reforço da coesão social, para a reorganização das relações sociais de sexo, parentesco, idade e propriedade corrompidas pela morte de um indivíduo. Diante da morte, cada grupo impõe aos sobreviventes o desempenho de papéis recristalizadores da ordem e da vida social (novos parceiros de troca, proibições alimentares, a doação de objetos e propriedades, a redistribuição de cargos), de modo a sobrepujar o vazio in-



Decisão de limitar ou suspender os procedimentos médicos nos momentos finais da vida pode ser a causa de grandes controvérsias e disputas quando não há consenso no ambiente familiar ou entre os próprios membros da equipe médica

teracional deixado pelo morto e conferir ao mesmo um novo estado (de ancestral, antepassado, alguém cuja vida pertencerá a outro mundo).

Dessa forma, a morte simultaneamente mutila a comunidade, desagrega pessoas, quebra vínculos e promove a reintegração dos sobreviventes, o reestabelecimento de laços, direitos e deveres. É por esse sentido que a compreensão das sensibilidades e representações concernentes à morte também pode ser percebida como uma compreensão da própria vida (de seu funcionamento, organização e valores).

IHU On-Line - Como observa a forma pragmática, objetiva, quase *clean*, com que a morte é tratada na sociedade ocidental contemporânea? Quais as implicações dessa perspectiva?

Bárbara Rossin Costa - Desde fins do século XIX, os encargos dos cuidados dos moribundos passaram a ser de responsabilidade das instituições médicas. A morte pública, comunitária, familiar, pressentida, realizada em casa, foi perdendo lugar para o ambiente hospitalar, asséptico, isolado e distante, onde o doente permanece absolutamente só, com seu corpo invadido por tubos e máquinas e onde o tempo parece parcialmente abolido.

Os progressos técnicos, as reformas sanitárias, a diminuição das

mortalidades (em especial a infantil e neonatal) e o conseqüente prolongamento da vida tornaram a morte um evento menos corriqueiro. A vida se tornou mais previsível e controlada, assim como a própria morte. Junto a esse "processo civilizador", podemos identificar ainda o afastamento das crianças em relação aos fatos da morte, a privatização dos enterros (que antes eram públicos e sociáveis), o gerenciamento e o severo controle das emoções, a separação entre os cemitérios e a cidade e o desenvolvimento do higienismo.

Infelizmente, todos esses elementos e contextos fizeram da "morte moderna" um momento marcado pelo silêncio, negação, ocultamento, isolamento e desumanização dos doentes. Entre as conseqüências dessa perspectiva, também podemos listar: 1) a invenção de uma morte secularizada, embaraçosa, suja, vergonhosa (da qual devemos manter distância e sobre a qual devemos pouco falar); 2) a construção de um doente solitário, privado de seus próprios direitos e tutelado pelo Estado; 3) bem como uma maior dificuldade em lidar com o luto e assimilar a perda.

Reversão da perspectiva "moderna"

Atualmente, o cenário já se encontra um pouco diferente. Ao final dos anos 1960, inúmeros movimen-

tos pelos direitos dos pacientes terminais despontaram, especialmente na Inglaterra e Estados Unidos, com o intuito de enfraquecer os excessos de poder da instituição médica e reivindicar uma nova prática em relação à morte - centrada nos conceitos de autonomia, dignidade e humanização nos atendimentos. Em 1967, era fundado o primeiro *hospice*¹ em Londres, instituição exemplar desse novo modelo de assistência aos doentes terminais: os Cuidados Paliativos.

O propósito deste novo projeto (desenvolvido nos anos 1960 e integrado à rede pública de saúde brasileira a partir dos anos 1990) era minorar o máximo possível as dores e demais sintomas dos doentes, mas sem que houvesse qualquer ocultamento, negação ou silenciamento sobre seus quadros clínicos. Essas transformações acabaram por estabelecer maior comunicação, diálogo, controle e acesso ao processo da morte por parte de doentes e familiares. Trata-se de uma mudança ainda em curso, é verdade, mas que se dirige a uma maior humanização do morrer e a uma melhor "qualidade de vida" nos momentos finais, pelo oferecimento de dignidade e assistência "bio-psico-social-espiritual" a pacientes e familiares.

O futuro parece promissor, mas também é preciso atentar para os paradoxos que circundam esses recentes Cuidados Paliativos: a própria tecnologia que comandava as condições de desenvolvimento de uma medicina desumana e autoritária agora propicia a humanização do morrer. Essas transformações nos levarão a perceber a morte com mais naturalidade e serenidade? É algo que devemos acompanhar.

IHU On-Line - Em seu atual projeto de pesquisa, você trabalha a ideia de "morte em seu devido

¹ **Hospice:** é um tipo de cuidado e filosofia de cuidados que se concentra no tratamento paliativo de uma doença crônica dirigido a doentes terminais, dor e sintomas do paciente. A intenção é atender às suas necessidades emocionais e espirituais, além das demandas clínicas. (Nota da **IHU On-Line**)

tempo”. Mas no que consiste esse “devido tempo”?

Bárbara Rossin Costa - No que diz respeito às recomendações da doutrina jurídica e do Código de Ética Médica, a “correta” temporalidade da vida/morte em casos de doença irreversível e terminal é definida com base no conceito de *ortotanásia*² (também conhecida como eutanásia passiva): o não prolongamento da vida por meios artificiais, além do que seria o processo “natural”.

Nesse sentido, o devido tempo da morte seria o tempo da “natureza” - um momento a ser vivenciado com lucidez, de acordo com os desígnios de cada paciente, sem aparelhos invasivos atrelados ao corpo, sem manobras de reanimação e, preferencialmente, realizado no conforto de casa, com a presença de familiares. Vale dizer que o termo *ortotanásia* surge por oposição ao conceito de *distanásia*³ (também denominado “futilidade médica” ou “escarniçamento terapêutico”): o prolongamento do processo do morrer, de modo a manter procedimentos, tratamentos e a assistência integral aos pacientes até os últimos momentos.

Contudo, a decisão de limitar ou suspender os procedimentos médicos nos momentos finais da vida pode ser a causa de grandes controvérsias e disputas quando não há consenso no ambiente familiar ou entre os próprios membros da equipe médica. Em muitos casos práticos (inclusive nos processos judiciais que analiso em minha pesquisa de mestrado) “o tempo correto para a morte” entre pacientes, familiares e médicos é o “tempo da tecnologia ou do maquinário”. Por essa perspectiva, a vida ganha contornos sacros (devendo ser mantida

² **Ortotanásia**: termo utilizado pelos médicos para definir a morte natural, sem interferência da ciência, permitindo ao paciente morte digna, sem sofrimento, deixando a evolução e percurso da doença. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Distanásia**: é a prática pela qual se prolonga, através de meios artificiais e desproporcionais, a vida de um enfermo incurável. Também pode ser conhecida como “obstinação terapêutica”. (Nota da **IHU On-Line**)

a qualquer custo, mesmo que essa manutenção comprometa a integridade física do paciente) e a natureza se torna objeto de controle e dominação, em benefício da produtividade, otimização e perfectibilidade do corpo humano.

“

A morte é a ocasião em que cada grupo produz a sua própria reprodução

IHU On-Line - Em que medida a ideia da ciência enquanto artifício para gestão da morte revela a limitação do ser humano para compreender a complexidade que envolve o fenômeno da morte?

Bárbara Rossin Costa - A questão é que a gestão da morte não é realizada apenas pela ciência. Ela é compartilhada com o Direito, com a Igreja, com a sociedade civil e com organizações diversas. Nas “sociedades complexas”, há sempre uma abundância de materiais culturais e possibilidades ideacionais disponíveis (e por vezes contraditórias) sobre as quais se constrói e se justifica a realidade.

No que diz respeito à demarcação dos limites entre a vida e a morte, a situação não é diferente: as fronteiras e os interstícios são edificados a partir do diálogo com o sistema judiciário, com a tradição judaico-cristã, com o regime de produção de verdades da ciência e da medicina e com movimentos sociais diversos que despontam no seio da sociedade. Essa curiosa confluência de tradições, interesses e representações sobre a morte e o morrer pode ser observada inclusive no próprio desenvolvimento da Medicina dos Cuidados Paliativos⁴.

⁴ Prática médica construída sob influência do movimento *New Age* (fenômeno heterogêneo, que congrega saberes e vivências es-

IHU On-Line - Que discussões éticas e morais os procedimentos terapêuticos que visam prorrogar a vida suscitam?

Bárbara Rossin Costa - De maneira geral, são discussões que versam sobre o período que precede a morte e a sua própria determinação temporal. Até a Renascença, imaginava-se que o controle do corpo, da vida e da morte era realizado pelo funcionamento do coração. Ao longo do século XIX, outros dois órgãos foram levados em consideração para a manutenção da vitalidade: o pulmão e o cérebro (além do coração), sendo que a morte de um desses levaria, inevitavelmente, à morte de outro e de toda unidade corporal. Com a evolução das técnicas e tecnologias médicas (tendo destaque a invenção do ventilador artificial e do reanimador), a partir de meados do século XX, as fronteiras que circunscreviam a vida foram consideravelmente alargadas.

Desde então, a detecção da morte pôde ser realizada com base em um novo elemento: a atividade cerebral (o fim da consciência e da capacidade de racionalização, desejo e ação) - transformação impulsionada, sobretudo, pela recente possibilidade de doação e transplante de órgãos. Nesse cenário, tornou-se possível, por exemplo, que um corpo com seus órgãos em funcionamento fosse considerado morto perante a lei e a medicina.

E essas transformações trouxeram à tona toda uma série de desafios e dilemas éticos. Que exames e procedimentos deveriam ser implementados para a averiguação da morte cerebral? A manutenção do aparato tecnológico seria justificada (do ponto de vista social e econômico) quando não há mais esperança de cura? Quando interromper o tratamento? Que direitos teriam os pacientes em condição terminal?

téricas, místicas, antitecnológicas, holistas, animistas e espiritualistas) e dos movimentos sociais pelos direitos civis nos anos 1960. (Nota da entrevistada)

IHU On-Line - Como conceber e atualizar os conceitos de vida e morte diante de pacientes terminais? Como a eutanásia se insere nesse debate?

Bárbara Rossin Costa - Normalmente, as condições clínicas e os tratamentos, aos quais são submetidos os pacientes em condição terminal, ameaçam severamente ou impossibilitam a efetivação de alguns dos principais valores que regem a noção de pessoa na "cultura ocidental moderna": a preeminência da escolha individual (da presumida liberdade e autonomia individual), a racionalização corporal, a busca pelo prazer e satisfação no mundo (por oposição ao dolorismo cristão) e a crença na natureza como valor apreensível para a razão humana. Para alguns pacientes, essas restrições se tornam insustentáveis e fonte de relativização das próprias fronteiras ontológicas que dividem o "viver" e o "morrer". Afinal, a vida se encerraria com o fim das atividades cerebrais/corporais ou com o fim dos fundamentos que lhe forneciam sentido?

Na grande maioria dos pedidos por autorização de eutanásia ou suicídio assistido, a argumentação é construída justamente em cima dessa privação dos elementos referenciais do viver (a vida com qualidade, prazer e sem sofrimento) e da sensação de descontrole de si mesmo, que poderiam ser afagados e apaziguados com o término da própria vida. Contudo, é preciso ressaltar que a prática ainda não é permitida pela legislação brasileira. Atualmente, a eutanásia é legalizada apenas na Holanda, Bélgica e Luxemburgo e o suicídio assistido no Canadá, Alemanha, Holanda, Luxemburgo, Áustria, Suíça e Estados Unidos (onde é permitido em cinco Estados).

Conceitos

No que tange aos conceitos, a eutanásia pode ser definida e subclássificada a partir de quatro formas: a eutanásia ativa e a eutanásia passiva (nomeada também como orto-

tanásia); e a eutanásia voluntária e a eutanásia involuntária. A ativa envolve a ação de um médico, com a administração de uma medicação ou injeção letal. A passiva refere-se à omissão de recursos, em que deixam de ser oferecidos quaisquer procedimentos terapêuticos, medicamentos, hidratação e/ou alimentação. A eutanásia voluntária é aquela expressa pelo próprio doente, enquanto a involuntária é aquela em que não há esse consentimento prévio.

No âmbito das discussões em torno da interrupção da vida, destaca-se ainda o suicídio assistido. Neste caso, a diferença encontra-se no sujeito da ação: é o próprio doente que, com suporte e supervisão médica, comete o ato com a ingestão de drogas.

“ A consciência da morte traz à tona a consciência da alteridade

IHU On-Line - Como o Testamento Vital se insere dentro desse novo projeto paliativista?

Bárbara Rossin Costa - O testamento vital é um documento que dispõe sobre os cuidados, tratamentos e procedimentos pelos quais se deseja ou não ser submetido diante de uma doença ameaçadora da vida, que circunscreva o indivíduo como fora de possibilidades terapêuticas e/ou impossibilitado de manifestar livremente sua vontade. Basicamente, ele assegura as premissas reivindicadas e defendidas pela Medicina dos Cuidados Paliativos⁵ pela congregação de cinco premissas básicas: 1) um paciente capaz, manifestando por escrito a recusa por tratamentos em caso de estado vegetativo

ou quadro de terminalidade; 2) a vontade do paciente, expressa no documento, sobrepondo-se às vontades do médico, familiares e amigos; 3) a entrega do documento ao médico pessoal, cônjuge ou advogado; 4) a assinatura e concordância de um Comitê do hospital em que o paciente se trata; 5) a possibilidade de revoga do documento a qualquer momento, antes que o paciente atinja o estado de inconsciência.

Quando em conjunto com o mandato duradouro⁶, formam as chamadas Diretivas Antecipativas de Vontade. Atualmente, a proposta é legalizada em mais de 10 países: Alemanha, Argentina, Áustria, Bélgica, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Hungria, Inglaterra, País de Gales, México, Porto Rico, Uruguai, Portugal.

Legislação latino-americana

Na América Latina, Porto Rico foi o pioneiro na elaboração de legislação específica sobre as Diretivas Antecipativas (em 17 de novembro de 2001), seguido por Uruguai (3 de abril de 2009) e Argentina (21 de outubro de 2009). No Brasil, ainda não há legislação sobre o assunto estabelecendo critérios específicos para a regulamentação do registro, possíveis prazos de validade, idade mínima do outorgante ou qualquer outro quesito relativo aos testamentos vitais.

Entretanto, tendo em vista que não apenas as leis conferem legitimidade e legalidade aos escritos, isso não o caracteriza como um documento inválido, estando passíveis de interpretação diante de cada caso concreto. E embora não tipificado na jurisdição brasileira, em 2012, o Conselho Federal de Medicina passou a reconhecer a relevância dos testamentos vitais, por meio da Resolução nº 1995, deliberando sobre os mesmos nas fichas médicas e prontuários e esta-

⁵ A autonomia dos pacientes, a comunicação aberta, o respeito à decisão dos pacientes e a dignidade nos momentos finais da vida. (Nota da entrevistada)

⁶ Documento de nomeação de uma pessoa de confiança, por parte do outorgante, para responder e tomar decisões em seu nome. (Nota da entrevistada)

belecendo que “nas decisões sobre cuidados e tratamentos de pacientes que se encontram incapazes de comunicar-se, ou de expressar de maneira livre e independente suas vontades, o médico levará em consideração suas diretivas antecipadas de vontade”.

IHU On-Line - Na sua pesquisa, você trata da atualização dos conceitos de bem viver e bem morrer. No que consistem esses conceitos e como se atualizam diante no horizonte da morte?

Bárbara Rossin Costa - Trato os conceitos de “bem viver” e “bem morrer” tendo como base as obras de Rachel Aisengart Menezes⁷. São dois termos comumente utilizados também na literatura médica e em produções de etnologia indígena para abarcar as noções de bem-estar e de qualidade de vida/morte.

Sob a ótica da Medicina dos Cuidados Palitivos, a “boa morte” ou “a boa vida” será aquela capaz de conjugar as noções de individualismo, naturalismo e hedonismo. Entre os paliativistas, a morte é qualificada como “boa”, portanto, quando há vivência intensa e expressiva da última fase da vida, quando é reafirmada a autonomia e

⁷ Médica, psicanalista e antropóloga que há mais de 15 anos vem pesquisando os sentidos e significados relacionados à morte e ao morrer em hospitais. (Nota da entrevistada)

o poder de decisão dos pacientes, quando há o controle correto da dor física e do sofrimento, quando a família se faz presente ao longo do tratamento, quando há um “resgate” da identidade e história do doente, quando há uma assistência integral (que leve em considera-

“ Os rituais fúnebres são práticas sociais indispensáveis para a expressão e solidificação dos vínculos

ção a totalidade “bio-psico-social-espiritual” do enfermo), quando há aceitação do quadro clínico e a manutenção da consciência sem exageros, sem aparelhos conectados ao corpo, sem procedimentos invasivos e em profunda comunhão com a natureza. O grande desafio, obviamente, é conseguir pôr em prática esse tipo de assistência nos hospitais.

IHU On-Line - No que a relação de povos originais com a morte

pode inspirar a relação moderna - ou pós-moderna - com a morte?

Bárbara Rossin Costa - Entre os Toraja⁸, por exemplo, o morto é objeto de um complexo e demorado culto que pode se estender por dezenas de anos. De acordo com a cosmologia toraja, é “preciso tempo para morrer”, porque a morte biológica não é considerada a morte verdadeira. A morte definitiva acontece somente quando o morto atinge o domínio dos mortos e passa a ser nele aceito e integrado - um processo que pode demorar algumas horas, meses e às vezes anos.

Para eles, a passagem da vida para a morte nunca é instantânea e, enquanto essa etapa não é concluída, o “morto” é considerado um doente, alguém que precisa de cuidados, que precisa ser lavado, alimentado, vestido, enfeitado e exposto em cerimônias públicas. Esse tipo de relação e cuidado com o morrer poderia ser motivo de grande inspiração para nós (acostumados com a negação, afastamento e ocultamento das práticas fúnebres), tendo em vista o destaque concedido à morte e a sua consequente transformação em um evento público, visível, vivido intensamente e com a participação de todos. ■

⁸ Aldeões do sul da Indonésia. (Nota da entrevistada)

Assista no YouTube todas as conferências do V Colóquio Internacional IHU. VII Colóquio Cátedra Unesco – Unisinos de Direitos Humanos e Violência, Governo e Governança
Os Direitos Humanos em Face dos Dispositivos de Vigilância e Controle da Cidadania



Exposição, exploração, privacidade e autodeterminação
38 visualizações
• Transmitido 1 dia atrás



Debate com o Prof. Dr. Pedro Rezende - UnB
49 visualizações
• Transmitido 1 dia atrás



O que resta da ditadura: Estado democrático de direito e exceção
95 visualizações
• Transmitido 1 dia atrás



Ação política e sociedades de controle. Impasses e...
67 visualizações
• Transmitido 1 dia atrás



Governamentalização privada dos espaços públicos - Prof. Dr.
93 visualizações
• Transmitido 2 dias atrás



Ontologia Subalterna dos Direitos Humanos - Profa. Dra. Bethani...
47 visualizações
• Transmitido 2 dias atrás



Rumo à desinstitucionalização punitiva - Profa. Dra. Marcela...
64 visualizações
• Transmitido 2 dias atrás



A liberdade vigiada: novos arranjos tecnológicos de...
114 visualizações
• Transmitido 2 dias atrás

youtube.com/
ihucommunica



Quando “ela” sequer é mencionada

A morte vivida de forma hermética, breve e pasteurizada, tão presente nos tempos atuais, é a entrada para as reflexões de Thomas Heimann sobre o fim da vida

Por João Vitor Santos

“**A** morte se tornou um tabu da modernidade. Falar dela é obscuro, constrangedor”. A elaboração é do psicólogo e teólogo Thomas Heimann. Para ele, essa postura tem uma explicação: “vivemos na atualidade uma ‘ditadura da felicidade’, mesmo que aparente e superficial, parece não haver mais espaço para a emergência de temas profundos e existenciais como o sofrimento e a morte, especialmente a morte pessoal e íntima que toca a cada um de nós”. Para ele, essa ideia “moderna” de lidar com a experiência da morte pode criar um verdadeiro castelo de areia. Parece ter resolvido tudo rapidamente, mas, no longo prazo, toda essa solução rui. “As implicações de toda essa assepsia com a morte normalmente acabarão irrompendo em lutos crônicos e mal resolvidos”, pontua.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Heimann destaca que pensar sobre a morte proporciona um melhor entendimento sobre a vida. “A reflexão sobre a morte possibilita ao ser humano descortinar caminhos para uma vida mais autêntica,

na busca da sabedoria do bem viver”, analisa. Por isso condena o que chama de “desumanização da experiência da morte”, que começa já com os cuidados e relação com doentes terminais. “Parece se estar terceirizando o cuidado das pessoas diante da morte e do morrer”, alerta. “Isso também se mostra nos ritos fúnebres, cada vez mais herméticos, breves e pasteurizados. Tudo é controlado, não havendo espaço para sobressaltos ou manifestações de maiores emoções”, analisa.

Thomas Heimann é graduado em Psicologia pela Universidade Luterana do Brasil - Ulbra e em Teologia pela Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia; possui mestrado e doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia - Faculdades EST. Atualmente é professor titular da Ulbra, na área da Graduação e Pós-Graduação. É o atual coordenador do curso de Teologia da Ulbra, nas modalidades presencial e Ensino a Distância - EAD e também atua como professor convidado do curso de especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral da EST.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Desde as perspectivas psicológica e teológica, como o senhor constitui o conceito de morte?

Thomas Heimann - Talvez seja mais apropriado iniciarmos por uma definição mais pragmática, a partir de uma perspectiva biológica, que ainda assim não será unânime, visto que, à medida que a ciência avança, mudam os cri-

térios de conceituação. Mondin¹, por exemplo, define a morte como um cessar do processo vital num organismo vivo, ou, numa linguagem da biologia molecular, como

¹ **Battista Mondin** (1926): é sacerdote do Instituto Xaveriano e doutor em Filosofia e Religião junto à Universidade Harvard. Há vários anos é professor de filosofia na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Urbaniana, em Roma. (Nota da **IHU On-Line**)

a “dissolução da estruturação molecular necessária para o fenômeno da vida²”. O conceito de morte evoluiu ao longo da história humana, indo da cessação dos batimentos cardíacos ou da atividade respiratória, até o moderno conceito

² Batista MONDIN. *O homem, quem é ele?: elementos de antropologia filosófica.*, (São Paulo: Paulus, 2008) p. 301. (Nota do entrevistado)



O enfrentamento ou a própria passagem pela morte é um evento pessoal, singular, particular, privado e intransferível

de cessação de qualquer atividade encefálica, que compromete, de forma irreversível, não só uma vida de relação como também a própria coordenação da vida vegetativa. Nessa perspectiva das ciências biológicas, a morte é o ponto final da existência humana.

Morte, teologicamente

Já numa perspectiva religiosa ou teológica a morte, porém, não é o fim, sendo considerada como um momento de transição, de passagem de um estado para outro. Ao plano físico, orgânico e mortal é acrescido um plano espiritual, transcendente, etéreo, imortal e eterno. Cada religião, entretanto, possui singularidades na sua concepção de morte, sendo que nessa multiplicidade são inseridas representações de tempo e espaço como céu, inferno, purgatório, umbral etc. Ressalta-se que, nem mesmo dentro do próprio cristianismo há consenso sobre o que nos espera logo após a morte física ou terrena.

O que pode ser considerado como consensual na religião cristã é a de que, na morte do cristão, ocorre o encontro pessoal da criatura com o Criador, inaugurando o que convencionalmente se chama nos evangelhos de “vida eterna com Deus”. Essa vida será efetivada plenamente na ressurreição, que ocorrerá juntamente com a segunda vinda de Cristo, conforme as promessas bíblicas. Nessas representações entram em cena a dimensão da fé e da espiritualidade, elementos essenciais para o enfrentamento e consolo diante da inevitabilidade da morte física e terrena.

Morte na psicologia

Já na perspectiva psicológica, ou filosófica-existencial, o ser humano parece ser o único ser que possui consciência da sua finitude e que pode, portanto, refletir sobre a morte e dar um sentido ou significado a ela. Porém, a morte sempre acabará tendo um sentido único e singular para cada indivíduo, apesar das influências socioculturais, religiosas, familiares que contribuem para a construção da representação pessoal de morte. Portanto, é difícil para a psicologia sistematizar uma definição para a morte, especialmente porque ninguém, de fato, a experimentou realmente.

O que se experiencia é o processo de morrer, mas este ainda está ligado à dimensão temporal da vida. Nesse sentido, a morte propicia um encontro dialógico e dialético com a vida, ou seja, a morte nos faz refletir e dialogar com a vida, numa tripla dimensão temporal, que abarca o passado, o presente e o futuro, ou seja, sobre como vivemos, como estamos vivendo ou como ainda haveremos de viver a nossa existência finita.

O fundador da Psicanálise, Sigmund Freud³, afirma que não há

3 **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista, fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Freud nos trouxe a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam ainda muito debatidos hoje. A edição 179 da

como viver a vida sem ter à frente a perspectiva da morte e parafraseia um provérbio latino dizendo “Se queres a vida, prepara-te para a morte”.⁴ Mas, talvez, seja mais apropriado encerrar essa primeira questão com a visão do psicanalista e psiquiatra Roosevelt Cassorla⁵, que diz que “a morte é algo que não pode ser descrito, pensado, nomeado, algo frente ao qual não se encontram palavras” ou ainda, no dizer de Georges Barbarin⁶, de que a morte encerra em si uma definição impossível.

IHU On-Line - Como a morte é encarada nos dias de hoje? De que forma é representada e construída nas sociedades modernas e pós-modernas?

Thomas Heimann - Falar de morte, para a maioria das pessoas, não é algo fácil nem agradável, até porque não há como embelezar a morte: ela é, invariavelmente, fonte de sofrimento, de dor, de

IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Paráfrase de Freud nos *Ensaios de Psicanálise*. (Nota do entrevistado)

5 **Roosevelt Cassorla**: possui graduação em Medicina pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, doutorado em Ciências Médicas pela Universidade Estadual de Campinas, livre-docência e professor titular pela mesma Universidade. Atualmente é professor da Universidade Estadual de Campinas, membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Professor do Instituto de Ensino da mesma Sociedade, Membro Efetivo e Didata do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas, Professor Colaborador da Universidade de Uberaba, Professor visitante-assessor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Professor do Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia da USP. Também é Membro da Federação Brasileira de Psicanálise, da Federação Latino-americana de Psicanálise e da International Psychoanalytical Association e Membro do Conselho Editorial do International Journal of Psychoanalysis e de várias revistas psicanalíticas. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Georges Barbarin** (1882-1965): escritor e historiador francês. (Nota da **IHU On-Line**)

tristeza e de saudade. Mesmo que o diálogo entre vida e morte deva ser permanente, por ser ela uma das poucas certezas humanas, o ser humano moderno ou pós-moderno parece que tenta, a todo custo, exorcizar a morte íntima e pessoal de sua consciência, reprimindo-a e negando-se a falar dela, o que não deixa de ser um paradoxo, afinal, negar a única certeza que temos na vida.

Phillippe Ariès⁷, um dos mais eminentes estudiosos do tema da morte, descrevendo a concepção de morte no século XX, fala da *morte invertida*, isto é, da morte que é escondida, que se torna algo vergonhoso, tal como o sexo havia sido na era vitoriana. “A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição”.⁸

Já para Marie de Hennezel⁹, o mundo moderno não nos ensina mais a morrer. “Tudo é feito para esconder a morte, para incitar-nos a viver sem pensar nela...”.¹⁰ A morte, portanto, se tornou um tabu da modernidade. Falar dela é obscuro, constrangedor, mórbido... Por vivermos na atualidade de uma “ditadura da felicidade”, mesmo que aparente e superficial, parece não haver mais espaço para a emergência de temas profundos e existenciais como o sofrimento e a morte, especialmente a morte pessoal e íntima que toca a cada um de nós.

Marie de Hennezel vai afirmar justamente que o tabu da morte

7 **Philippe Ariès** (1914-1984): historiador francês. Escreveu vários livros sobre a vida diária comum, entre os quais *A História Social da Criança e da Família*, em que localiza o discurso sobre a especificidade da infância no período moderno. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Phillippe ARIÈS. *História da morte no ocidente*, p. 84. (Nota do entrevistado)

9 **Marie Hennezel**: psicóloga, psicoterapeuta e escritora francesa, conhecida por seu compromisso com a melhoria das condições de quem está no final da vida e por seu trabalho sobre esta condição. Trabalha com a mudança da imagem em nossa sociedade, o envelhecimento e a velhice. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Marie de HENNEZEL. *A arte de morrer: tradições...*, p.17 (Nota do entrevistado)

que vivemos hoje é um tabu da intimidade. “Quando se começa a observar a realidade da morte é para as profundezas de si que o olhar se dirige. E é essa interioridade que nossa sociedade evita e dissimula tanto quanto pode...”¹¹

Para Georges Barbarin, a civilização ocidental introduziu no ser humano a noção de horror à morte e desaprendeu o ato de resignação. É preciso que a sociedade reaprenda a olhar a morte de frente, como de fato ela é, sem ser mascarada.¹²

IHU On-Line - Que implicações pode haver no tratamento do tema morte de forma mais prática e técnica, quase asséptica, em que todas as questões são “resolvidas” de forma prática e objetiva?

Thomas Heimann - As implicações dessa objetividade e assepsia com a morte, que podem aparentar um controle positivo desse evento a curto prazo, num momento de dor e desorganização familiar, acabam se tornando negativas, especialmente a médio e longo prazo. Landmann¹³, numa perspectiva médica, vai analisar a transição que a morte veio a sofrer desde a Idade Média, apontando para a sua gradativa “tecnologização”.

11 M. HENNEZEL. *La muerte íntima*, p. 45 (Nota do entrevistado)

12 Georges BARBARIN. *O livro da morte doce: como não temer mais o instante da morte*, p. 14-5. (Nota do entrevistado)

13 **Jayme Landmann** (1920-2006): nascido na Romênia, chegou ao Brasil, em 1929, formou-se em Medicina pela Universidade Federal Fluminense em 1945, posteriormente trabalhou no Hospital Servidores do Estado e foi diretor do Hospital Pedro Ernesto e do Centro Biomédico da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Fundador junto com José de Barros Magaldi (professor da USP falecido precocemente em 1978) da Sociedade Brasileira de Nefrologia, foi introdutor da terapia renal substitutiva no Brasil. Sua notoriedade transbordou os limites da medicina carioca e da nefrologia nacional nos anos 80 quando assumiu a condição de polemista médico número um do país. Suas reflexões podem ser sintetizadas nas obras *Medicina não é Saúde* (Editora Nova Fronteira, 1983), *A Outra Face da Medicina* (Editora Salamandra, 1984) e *As Medicinas Alternativas: Mito, Embuste ou Ciência?* (Editora Guanabara, 1988). (Nota da **IHU On-Line**)

Para o autor, a experiência individual da morte dá lugar a uma outra concepção, em que a morte deixa de ser um fenômeno espiritual e religioso para se transformar num problema mecânico de funcionamento do corpo e, portanto, passível de prevenção e conquista. “Não se fala mais da extinção de uma pessoa, mas da destruição de uma quase máquina”.¹⁴ Há uma coisificação do ser humano. A morte começa a deixar de ser um fenômeno natural e torna-se um fracasso, um sinal de impotência ou imperícia, por isso devendo ser ocultada. O triunfo da medicalização é manter a doença e a morte na ignorância e no silêncio”.¹⁵

Por esse motivo, poucas vezes a morte ainda acontece entre mãos amigas, de familiares, como em séculos passados, sendo transferida hoje para o ambiente frio, asséptico e isolado de um hospital, por vezes em meio a fios e tubos de uma UTI, que possuem com certeza grande valor para a humanidade. Porém, o que queremos afirmar é que parece se estar terceirizando o cuidado das pessoas diante da morte e do morrer. Isso também se mostra nos ritos fúnebres, cada vez mais herméticos, breves e pasteurizados.

Luto crônico

Tudo é controlado, não havendo espaço para sobressaltos ou manifestações de maiores emoções. As implicações de toda essa assepsia com a morte, que é uma perigosa forma de negação da própria morte, normalmente acabarão irrompendo em lutos crônicos e mal resolvidos. Emoções reprimidas, que não encontram espaços de enunciação, acabam sendo fonte geradora de inúmeras doenças de cunho psicossomático.

IHU On-Line - Qual a importância das religiões e da fé na elaboração da ideia de morte?

14 Jayme LANDMANN. *A outra face da medicina*, p. 302. (Nota do entrevistado)

15 Maria Júlia KOVÁCS. op. cit., p. 81. (Nota do entrevistado)

Thomas Heimann - Sabe-se que as religiões são elementos fundamentais nos processos de representação e elaboração das ideias sobre a morte. Conceitos como ressurreição, reencarnação, transmigração das almas, entre outros, além dos conceitos de salvação e condenação eternas, ligadas a arquétipos de céu e inferno, estão presentes em praticamente todas as religiões. A forma como cada religião constrói esses conceitos e os compartilha com seu corpo de fiéis determina, em grande parte, como cada indivíduo se relacionará com a morte, podendo trazer elementos positivos de consolo e esperança ou negativos como culpa e medo.

Dados curiosos foram encontrados em diferentes pesquisas sobre o assunto. Algumas sociedades impregnadas de conceitos religiosos, nas quais existia a clara ideia de imortalidade, pareciam ter uma correlação direta com um aumento significativo no que tange ao temor pela morte, temor este que não era percebido em povos primitivos, que não tinham desenvolvido ideias muito elaboradas sobre a vida após a morte. Porém, Lester, após examinar dez estudos nesta área e verificar a existência de resultados discrepantes, postula que “a crença religiosa não afeta a intensidade do medo à morte, mas antes canaliza o medo para os problemas específicos que cada religião propõe”.¹⁶

Admite-se, portanto, de que uma espiritualidade ou fé norteadas por determinadas crenças religiosas que, por exemplo, enfatizem o pecado, o juízo e a condenação eternos, possam influenciar negativamente este indivíduo diante da morte e do morrer. Isso vai gerando nele sentimentos de culpa, temor, angústia e medo diante da morte.

Salto na fé

Porém, é indiscutível que para indivíduos que possuem uma espi-

16 José BARROS-OLIVEIRA e Félix NETO. Validação de um instrumento sobre diversas perspectivas da morte, p.357 In: **Análise Psicológica** (2004), 2 (XXII): 355-367. (Nota do entrevistado)

ritualidade positiva, com a crença num Deus salvador e amoroso, a morte até pode passar a ser um ganho e não uma perda. Nesses casos, o indivíduo ultrapassa o limite humano da existência finita para ter um encontro com o infinito.¹⁷ Porém, tal atitude não ocorreria com qualquer crente, mas somente com aqueles que fazem o *salto na fé*¹⁸, ou seja, que depositam toda sua confiança no Ser Transcendente, mesmo que a sua razão diga que é um absurdo fazer esse salto. Para o indivíduo de fé, morte é ganho, pois encontrará com a razão última do seu viver: a volta para o seu Criador, Preservador e Redentor, tal como propõem, por exemplo, as crenças cristãs.

“

O movimento dos cuidados paliativos tem como eixo central uma humanização do processo de morrer

IHU On-Line - Qual a função dos chamados rituais de passagem ou despedida dos mortos? Como o senhor observa esse momento em diferentes culturas?

Thomas Heimann - Vive-se hoje um paradoxo. Ao mesmo tempo que a sociedade moderna se prepara cada vez melhor para o enfrentamento material da morte através da contratação de seguros de vida e planos funerários, há uma crescente desumanização no tratamento

17 Alexandre Andrade MARTINS. *Consciência de finitude, sofrimento e espiritualidade*, p.177. O MUNDO DA SAÚDE São Paulo: 2007: abr/jun 31(2): 174-178. (Nota do entrevistado)

18 Martins usa o termo *Salto na fé* retirado da obra do filósofo Sören A. Kierkegaard, usado no sentido de uma experiência religiosa de total entrega e confiança em Deus. Cf. Kierkegaard S A. *Temor e tremor*. 3a ed. São Paulo: Nova Cultural; 1988. (Nota do entrevistado)

com os enlutados. Isso é retratado não só pela falta de paciência social com as diferentes expressões do luto, como pelo apressamento e secularização dos ritos funerários.

Antes tão importantes para o processo de elaboração do luto, os ritos fúnebres estão sendo esvaziados de sentido, perdendo sua função simbólica de ressignificação da experiência da morte. Paul e Grosser afirmam que “nada, na era moderna, veio substituir as formas tradicionais de luto. Nessas cerimônias abreviadas, muitas vezes escondidas com cuidado das crianças, não conferem uma compreensão empática nem proporcionam uma catarse para esta experiência”.¹⁹

A frieza, superficialidade e racionalidade tem tomado conta de muitos relacionamentos humanos, deixando cada vez menos espaço para a manifestação aberta e sincera dos sentimentos evocados pela morte. Num mundo hedonista o “chorar a morte de alguém” se tornou um incômodo social, quase uma doença contagiosa, que precisa ser evitada a qualquer custo. Como diz Ariès, a sociedade moderna “proíbe aos vivos de parecerem comovidos com a morte dos outros, não lhes permite nem chorar os que se vão, nem fingir chorá-los”.²⁰

Armadura humana

O que talvez alguns não percebiam é que, quanto mais se interdita o tema da morte no discurso do cotidiano, por temer o desconforto que o tema pode causar, tanto mais força e poder a morte acabará tendo sobre quem a reprime. A tentativa onipotente de negar a morte se configura numa forma equivocada de esconder a impotência, vulnerabilidade e fragilidade humanas.

19 PAUL, Norman e GROSSER, George. O luto operacional e seu papel na terapia familiar conjunta. In: WALSH, Froma e MCGOLDRICK, Monica. **Morte na família: sobrevivendo às perdas**. Porto Alegre, Artmed, 1998. p. 119. (Nota do entrevistado)

20 ARIÈS, 2003, p.245. (Nota do entrevistado)

IHU On-Line - Como compreender o luto no processo de construção de uma experiência de morte? Em que medida a correria dos tempos contemporâneos abreviam essa experiência do luto?

Thomas Heimann - O luto é um sentimento natural decorrente de uma perda. Ele é imprescindível para o processo de superação de uma experiência de morte. Como dizem Walsh²¹ e McGoldrick²², "todas as perdas requerem um luto, que reconheça a desistência e transforme a experiência, para que possamos internalizar o que é essencial e seguir em frente"²³. A morte de uma pessoa significativa, portanto, gera um impacto que naturalmente causa desequilíbrio funcional no indivíduo e na família enlutada, exigindo uma reorganização individual e sistêmica que começa desde o dia da perda/morte e pode se estender por um longo prazo de tempo.

Importa ressaltar que o luto normal pode também vir acompanhado de uma depressão reativa ou exógena. No contexto da morte, ambos, luto e depressão, se tornam "um par quase indissociável". Dessa forma, quanto maior o valor ou significado atribuído à pessoa que se perdeu, tanto maior a probabilidade desta perda vir acompanhada de um processo depressivo, que não será necessariamente patológico, mas uma reação natural à perda sofrida.

Com relação à abreviação do luto, é fato que vivemos um mun-

21 **Froma Walsh**: psicóloga, PhD, é co-diretora e co-fundadora do Centro de Chicago de Saúde da Família, professora emérita na Escola de Administração de Serviço Social e do Departamento de Psiquiatria da Faculdade Pritzker de Medicina, da Universidade de Chicago. Atua na área de psicologia clínica licenciado. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **Monica McGoldrick**: diretora do Instituto da Família Multicultural em Highland Park, New Jersey, e da faculdade da UMDNJ, Robert Wood Johnson Medical School. É reconhecida internacionalmente por seus escritos e ensino sobre tópicos que incluem cultura, classe, gênero, ciclo de vida familiar, perda, padrões familiares (genogramas), famílias reconstituídas, e relacionamentos entre irmãos. (Nota da **IHU On-Line**)

23 **WALSH & MCGOLDRICK. Morte na família: sobrevivendo às perdas** (Porto Alegre: Artmed, 1998), p.28. (Nota do entrevistado)

do neurótico, onde nos tornamos escravos do tempo. Aliados a um hedonismo - a cultura do prazer - está a neurose produtiva, que parece nos inibir para abandonarmos o nosso trabalho até mesmo para prestarmos solidariedade num velório ou enterro. Tudo é apressado, inclusive o tempo de vivenciar a dor da perda e do luto. Importa ressaltar que enlutados que inibem, abreviam, postergam ou negam seus sentimentos de dor e tristeza ficam mais fragilizados e têm uma grande probabilidade de desenvolver distúrbios de ordem psicossomática, que funcionam como válvula de escape das fortes emoções reprimidas. Para Stedeford²⁴, estes tipos de pesar ou luto podem ser fatores importantes para o surgimento de sintomas psiquiátricos, dentre os quais a depressão é a forma mais comum.²⁵

IHU On-Line - O senhor já desenvolveu um trabalho junto a doentes terminais. Como essas pessoas e familiares elaboram a morte diante de um momento desses?

Thomas Heimann - Um diagnóstico de doença terminal, normalmente, é fonte geradora de muitas angústias existenciais, tanto para o paciente quanto para seus familiares. Há um estigma em torno da doença terminal, que leva muitas pessoas a vivenciarem esse diagnóstico como um atestado de óbito por antecipação. Cada paciente ou família atravessa esse "vale da sombra da morte" de modo singular, a partir de um conjunto de estratégias, ligadas às suas características de personalidade, suas crenças religiosas, seus valores pessoais, sua capacidade de resiliência, assim como às redes de apoio social (familiares, parentes, amigos, comunidade religiosa etc.).

Porém, nesse processo de elaboração não há como deixar de citar as cinco fases que a renoma-

24 **Averil Stedeford**: psiquiatra e psicoterapeuta, trabalhou na Oxford Hospice por 12 anos, cuidando dos doentes e famílias e apoio aos professores. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **STEDFORD, Averil. p.152.** (Nota do entrevistado)

da autora Elisabeth Kübler-Ross²⁶ identificou no tratamento com pacientes terminais (e que podem também ser percebidas em alguns familiares).

São elas: *a negação* da doença e da possibilidade de morte iminente; *a raiva* contra tal diagnóstico, raiva que pode se voltar contra Deus, contra a equipe de saúde, contra sua família e contra si mesmo; *a barganha*, onde o indivíduo começa a negociar consigo mesmo e com Deus, dizendo que se tornará uma pessoa melhor se for curado; *a depressão*, momento crítico em que os pacientes se isolam num mundo interno e evidenciam sua impotência diante da sua finitude; e *a aceitação*, onde a realidade da doença e da morte são processadas de modo a não mais causar desespero, num atingimento de certa maturidade para o enfrentamento da morte. Esse modelo não é rígido nem sequencial, variando de indivíduo para indivíduo, mas retrata, de modo amplo e geral, como a morte é normalmente elaborada pelos pacientes terminais.

IHU On-Line - Qual o papel dos cuidadores, em casos de doentes em que é preconizado apenas o conforto, nessa constituição de uma narrativa de morte? Quais os efeitos de tantas experiências de morte diante desses profissionais - assim como em outros como médicos, enfermeiros, padres e sacerdotes?

Thomas Heimann - Há duas questões nessa pergunta. A pri-

26 **Elisabeth Kübler-Ross** (1926-2004): foi uma psiquiatra que nasceu na Suíça. Ela é a autora do livro *On Death and Dying* (Sobre a morte e o processo de morrer), no qual apresenta o conhecido Modelo de Kübler-Ross. Após uma série de derrames cerebrais, Elisabeth faleceu aos 78 anos em Scottsdale, Arizona. Em 2007 ela foi eleita para o National Women's Hall of Fame dos Estados Unidos. A publicação de seu livro mais famoso em 1969, *On Death and Dying*, marcou o rumo de seu trabalho, enriquecido posteriormente com contribuições de especialistas de uma área específica da profissão médica, a tanatologia. Nesse livro, ela identifica fases nos períodos que antecedem a morte e cria métodos para médicos, enfermeiros e familiares acompanharem e ajudarem um paciente terminal. (Nota da **IHU On-Line**)

meira parte parece se remeter à questão dos cuidados paliativos, onde a palavra-chave é proporcionar dignidade e qualidade de vida, mesmo diante da sua terminalidade iminente. O movimento dos cuidados paliativos tem como eixo central uma humanização do processo de morrer, algo que precisa ser reconhecido como muito benéfico, pois quer oferecer conforto, calor e proteção, favorecendo uma sensação de segurança ao que está diante da morte. O conceito que transversaliza os cuidados paliativos é cuidar, com amor e compaixão, a pessoa na sua integralidade.

Os cuidadores

A segunda seção da pergunta remete a uma preocupação com os cuidadores. A prática do cuidado a pacientes graves ou no limiar da morte remete muitos profissionais da saúde, religião e educação a um duro e diário contato com a realidade da dor e do sofrimento. Já foi dito que no meio científico-acadêmico, a morte tem sido tratada como uma evidência de fracasso, impotência e falta de competência, gerando nos profissionais do cuidado uma série de reações e comportamentos de defesa, no sentido de um afastamento dos aspectos emocionais que envolvem a morte e o morrer de seus pacientes.

Isso pode causar um embrutecimento das relações não só da equipe com seu paciente, mas consigo próprio, visto que tratar da morte do outro faz com que o indivíduo entre em contato com suas próprias angústias existenciais diante da sua própria morte ou das pessoas a quem ama. Portanto, ninguém passa incólume ao lidar cotidianamente com o sofrimento e a morte. Estas rápidas referências se inserem como pano de fundo sobre o qual poderão ser instauradas angústias, neuroses e sofrimentos dos que se tornam cuidadores de pacientes no limiar da morte, como estresse, fadiga por compaixão e burnout²⁷. Mas esse é um tema que

27 **Síndrome de Burnout** (do inglês to burn out, queimar por completo): é um dis-

mereceria uma entrevista à parte, pela complexidade que o envolve.

IHU On-Line - Que relação é possível estabelecer entre as ideias de culpa e morte?

Thomas Heimann - É possível estabelecermos diferentes relações entre os dois conceitos. Numa perspectiva cultural-religiosa, a partir do viés judaico-cristão, culpa e morte se mostram como fenômenos indissociáveis no seu nascedouro. O mandamento divino descrito no Livro de Gênesis, de não comer “da árvore que está no meio do jardim”, já trazia consigo o cas-

“
É fato que vivemos um mundo neurótico, onde nos tornamos escravos do tempo

tigo pela eventual desobediência: “Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.17). A consequência dessa primeira culpa humana confirma-se no anúncio de Deus após a queda: “Porque tu és pó, e ao pó tornarás” (Gn 3.3). O resultado da culpa é reafirmado pelo apóstolo Paulo na sua carta aos Romanos: “O salário do pecado é a morte” (Rm 6.23). Dessa

túrbio psíquico de caráter depressivo, precedido de esgotamento físico e mental intenso. Também é chamada de síndrome do esgotamento profissional, assim denominada pelo psicanalista nova-iorquino Freudenberg, após constatá-la em si mesmo, no início dos anos 1970. A dedicação exagerada à atividade profissional é uma característica marcante de Burnout, mas não a única. O desejo de ser o melhor e sempre demonstrar alto grau de desempenho é outra fase importante da síndrome. O portador de Burnout mede a autoestima pela capacidade de realização e sucesso profissional. O que tem início com satisfação e prazer termina quando esse desempenho não é reconhecido. Nesse estágio, a necessidade de se afirmar e o desejo de realização profissional se transformam em obstinação e compulsão. (Nota da **IHU On-Line**)

maneira, numa leitura psicoteológica judaico-cristã dessa primeira experiência humana com a culpa, poderíamos levantar a hipótese de que, sempre que a morte se torna uma sombra ameaçadora ou uma realidade em nossa vida, ela poderia evocar, pelo menos arquetipicamente, a culpa original humana, herança compulsória atribuída aos que vivem sob essa perspectiva cosmoteológica.

Já pelo viés da psicologia, o fundador da Psicanálise, Sigmund Freud, elabora uma teoria sobre a cultura que também é demarcada pela relação íntima entre morte e culpa, numa ordem inversa à da teologia cristã, ou seja, a morte foi geradora da culpa e não a culpa geradora da morte. Em sua obra *Totem e Tabu* (1912-13), Freud defende a ideia de que a cultura está fundada na culpa, a partir da descrição do mito do parricídio. A culpa decorrente do assassinato do pai e fundadora da sociedade marca o psiquismo humano de forma duradoura e indelével. Freud sugere que o sentimento de culpa está cravado na carne humana e destinado a orientar os seus caminhos psíquicos seguintes.²⁸

Viktor Frankl

Já numa outra perspectiva psicológica, essa de cunho mais existencial, o renomado logoterapeuta Viktor Frankl²⁹ faz uma relação direta entre os conceitos de culpa e morte. Na realidade, para Frankl, há três conceitos profundamente imbricados, no que ele denomina de *triade trágica da existência humana*, que é formada justamente pelo entrelaçamento da dor, da culpa e da morte, conforme o autor descreve em sua obra *Psicoterapia e sentido da vida*. Para

28 GOLDENBERG, Fernanda e JUNIOR, Carlos Augusto Peixoto. É possível uma sociedade sem culpa? O lugar da culpabilidade nos processos de subjetivação. Cad. Psicanál. CPRJ, Rio de Janeiro, v. 33, n. 24, p. 105-118, 2011, p. 107. (Nota do entrevistado)

29 **Viktor Emil Frankl** (1905-1997): foi um médico psiquiatra austríaco, fundador da escola da logoterapia, que explora o sentido existencial do indivíduo e a dimensão espiritual da existência. (Nota da **IHU On-Line**)

Frankl, essas são as três principais faces aparentemente negativas da existência humana, mas que podem se converter em algo positivo, na medida em que o indivíduo consiga enfrentá-las com um comportamento e atitude corretos.

IHU On-Line - Como o senhor, particularmente, define a morte?

Thomas Heimann - Múltiplas respostas são possíveis, mas como já dizia Heidegger³⁰: "Ninguém pode sentir por mim a minha dor, nem ninguém pode morrer por mim a minha morte".³¹ Mesmo que a morte atinja a todos, indistintamente, sendo um evento universal, o enfrentamento ou a própria passagem pela morte é um evento pessoal, singular, particular, privado e intransferível.

Talvez essa seja uma definição impossível de ser feita. Cada um, a partir de suas crenças pessoais e de suas próprias experiências, vai definir o sentido e o significado dela

em sua vida. Porém, numa perspectiva de testemunho da fé cristã, poderíamos resumir a definição da morte conforme expressado pelo apóstolo Paulo em Romanos 6.23, onde ele novamente coloca a dialética da morte e da vida em perspectiva, dizendo: "Pois o salário do pecado é a morte, mas o presente gratuito de Deus é a vida eterna, que temos em união com Cristo Jesus, o nosso Senhor". Vida e morte, novamente num encontro dialógico.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Thomas Heimann - André Comte-Sponville³² afirma: "Se queres amar a vida, ...se queres apreciá-la lucidamente, não te esqueças de que morrer faz parte dela. Aceitar a morte - a sua, a dos próximos - é a única maneira de ser fiel à vida até o fim".³³ A reflexão sobre a morte possibilita ao ser humano descortinar caminhos para uma vida mais autêntica, na busca da sabedoria do bem viver. Como dizia Rubem Alves³⁴: "Que sabedoria nos ensina a morte? É simples. Ela só diz duas coisas. Primeiro, aponta-nos o crepúsculo, a chama da vela, o rio, e nos diz: *Tempus fugit* - o tempo passa e não há forma de segurá-lo. E, logo a seguir, conclui: *Carpe diem* - colha o dia

como quem colhe um fruto delicioso, pois esse fruto é dádiva de Deus" (In: *O médico*, p.90).

Finalizo essa entrevista reiterando a ideia de que não há como embelezarmos a morte ou tirarmos dela o seu "agulhão". Mesmo a fé em Deus não elimina por completo a tristeza, angústia, medo e dor que sentimos diante da morte, seja da nossa própria ou de quem amamos. O próprio Jesus Cristo, em sua humanidade plena, além de chorar pela morte de seu amigo Lázaro, deu mostras de tais sentimentos ao afirmar, próximo de seu sofrer e morrer no Calvário: "*Pai, se possível, afasta de mim esse cálice*" (Mateus 26.39). Algumas horas depois, pregado na cruz, momentos antes de sua morte, Jesus clama ao Pai dizendo: "*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*" (Mateus 27.46). Aqui descortina-se, a partir do próprio Deus-homem, todo o temor, dúvida e desamparo que a morte evoca, mesmo estando ela sob a guarda do amor e da confiança em Deus.

O verso do salmista no conhecido Salmo 23 é muito apropriado nesse contexto temático quando nos lembra: "*Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo*" (Salmo 23.4).

A presença de Deus no coração humano, que resgata no indivíduo a sua dimensão transcendente e renova a esperança numa vida que não acaba na morte física, além da promessa num possível reencontro nos céus com a pessoa falecida, notadamente são recursos terapêuticos promotores da resiliência, sendo fonte de coragem e consolo, mesmo no pior dos lutos. A perspectiva cristã, que tem na ressurreição um de seus pilares, abre uma perspectiva de continuidade da vida, mesmo diante da realidade terrena da morte. ■

30 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** n° 12, **Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica**, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon328>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do **ciclo de estudos Filosofias da diferença** - pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des) governo biopolítico da vida humana**. (Nota da **IHU On-Line**)

31 Martin Heidegger In: Rezende, Vera Lúcia. *Reflexões sobre a Vida e a Morte: abordagem interdisciplinar do paciente terminal*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000. (Nota do entrevistado)

32 **André Comte-Sponville** (1952): filósofo materialista francês. Desde 2008 é membro do Comité consultatif national d'éthique da França. É autor, entre outros, de *O capitalismo é moral?* (São Paulo: Martins Fontes, 2005). (Nota da **IHU On-Line**)

33 André COMTE-SPONVILLE. *Apresentação da filosofia*, p.53. (Nota do entrevistado)

34 **Rubem Azevedo Alves** (1933-2014): foi um psicanalista, educador, teólogo, escritor e ex-pastor presbiteriano brasileiro. Foi autor de livros religiosos, educacionais, existenciais e infantis. É considerado um dos maiores pedagogos brasileiros de todos os tempos, um dos fundadores da Teologia da Libertação e intelectual polivalente nos debates sociais no Brasil. Foi professor da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS

— *Os desafios nos cuidados dos doentes terminais*. Entrevista com Thomas Heimann, publicada na revista **IHU On-Line**, número 121, de 1-11-2004, disponível em <http://bit.ly/2ePh6xO>.

O espetáculo que banaliza

Sandra Stoll aponta que a rotineira espetacularização da morte na imprensa tem provocado uma banalização que impede reflexões e entendimentos mais amplos, como os propostos pelo espiritismo

Por João Vitor Santos

Quando algo é comum, tende a se tornar banal. A morte, quando exposta de forma incansável por veículos de comunicação, corre esse risco. "Sua espetacularização, rotinizada nos meios de comunicação, tem sido reiteradamente apontada como responsável por sua banalização. Mas há quem sustente haver na superexposição a cenas de violência e morte a intenção de provocar reações", pondera a antropóloga Sandra Stoll. A pesquisadora lembra que esse ser espectador da tragédia acaba elevando essas mortes, quando não são somente espetacularizadas, a uma espécie de função pública. "Tem se registrado também, em diferentes partes do mundo, produções em que o anonimato dos mortos visa chamar atenção à exorbitância das vítimas de violência, política e/ou 'urbana'", pontua, ao lembrar de intervenções como, por exemplo, cruzes espalhadas por cidades para lembrar vítimas de violência.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a professora mescla essas abordagens sobre a morte na sociedade contemporânea com perspectivas que tratam das disputas, tensões que a exposição da morte nos dias de hoje pode gerar. "O ponto central de disputa é o sentido que se atribui às

noções de vida e pessoa. Debate cuja riqueza e complexidade de respostas encontra-se em continuado processo de construção". É, por exemplo, o caso da relação com os mortos. "O tema da morte e principalmente da vida pós-morte, assim como as práticas de comunicação ritual entre vivos e mortos, são as principais motivações de atração do Espiritismo. Trata-se, portanto, de um sistema filosófico e religioso que propicia não apenas a expressão ritual do luto, mas cria condições para um efetivo compartilhamento emocional", destaca.

Sandra Stoll possui graduação em História pela Universidade de São Paulo - USP, mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e doutorado em Antropologia Social pela USP. É professora aposentada do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná e membro do Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Entre suas publicações, destacamos *Espiritismo à brasileira* (São Paulo: Edusp/Orion, 2003) e *O Espiritismo na encruzilhada: mediunidade com fins lucrativos?* (in Pereira, João B. (org). *Religiosidade no Brasil*. P.257-269).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Da perspectiva antropológica, como a morte vem sendo estudada nos dias de hoje?

Sandra Stoll - A morte é um tema que vem se deslocando para o centro da reflexão sobre a sociedade contemporânea. Sua espetacularização, rotinizada nos meios de comunicação, tem sido reiterada-

mente apontada como responsável por sua banalização. Mas há quem sustente haver na superexposição a cenas de violência e morte a intenção de provocar reações. Sontag¹ (2003), por exemplo, sus-

tenta que "há muitos usos para as inúmeras oportunidades oferecidas pela vida moderna de ser ver - à distância, por meio de fotografias - a dor de outras pessoas. Fotos de uma atrocidade podem suscitar reações opostas. Um apelo em favor

¹ **Susan Sontag** (1933-2004): escritora e ativista estadunidense. Coursou filosofia na Universidade de Chicago e fez pós-graduação em Harvard. Seus livros foram traduzidos

para mais de trinta línguas. Escreveu ensaios e romances, além de dirigir filmes e peças. (Nota da **IHU On-Line**)



O tema da morte e principalmente da vida pós-morte, assim como as práticas de comunicação ritual entre vivos e mortos, são as principais motivações de atração do Espiritismo

da paz. Um clamor de vingança. Ou apenas a atordoada consciência (...) de que coisas terríveis acontecem”. Ser “espectador de calamidades”, conclui a autora, é uma experiência tipicamente moderna (p.16).

Em contraposição a essa visão da morte como *experiência do outro*, estudos contemporâneos em antropologia vêm buscando novos protocolos para sua abordagem como *experiência próxima*, seja pelo deslocamento do foco de análise para a sociedade do próprio pesquisador, seja pelo deslocamento da ênfase nos ritos funerários em diferentes culturas - tema clássico na Antropologia - para os processos de ritualização e experiência do luto. Deslocamento teórico e metodológico que, segundo Rosaldo² (1989), permite trazer para o centro da discussão a “força emocional da experiência de convívio com a morte” (p.2). A intenção, diz o autor, é problematizar a relação entre ritual e vida cotidiana, bem como considerar a diversidade de experiências diante da morte segundo a “posição dos sujeitos em determinadas redes de relações sociais” (p.2). Posição partilhada, dentre outros, por Veena

2 **Renato Rosaldo** (1941): antropólogo cultural norte-americano. Rosaldo vem realizando pesquisas sobre cultura cidadania em San Jose, Califórnia desde 1989, e contribuiu a introdução e um artigo para latinos Citizens Culturais: Reivindicando Identidade, Espaço e Direitos (1997). Ele também é um poeta e publicou três volumes de poesia, mais recentemente, *O dia da morte de Shelly* (2014). Atualmente leciona na Universidade de Nova York. (Nota da **IHU On-Line**)

Das³ (1986) ao afirmar que por meio desse enfoque é possível apreender como “representações coletivas” “ganham sentido e são construídas no âmbito da experiência cotidiana dos atores sociais.

Ritos de memorialização e luto em espaços públicos

Essa perspectiva de análise vem encontrando ressonância em estudos recentes sobre ritos de memorialização dos mortos em espaços públicos. Estes frequentemente se associam a eventos de caráter traumático, envolvendo morte em massa, sejam eles decorrentes de acidentes, atos de terrorismo, massacres decorrentes de preconceito racial, étnico e/ou de gênero, ou associados à violência “urbana” e/ou de Estado.

A publicização do luto em espaços públicos configura uma novidade contemporânea. Observa Doss⁴ (2008) a respeito: “a explosão da produção memorial coletiva em espaços públicos” inaugura uma nova forma de ritualização da memória dos mortos. Em contraste à narrativa memorialista “oficial” - norma-

3 **Veena Das** (1945): professora de Antropologia na Universidade Johns Hopkins. Suas áreas de especialização teórica incluem a antropologia da violência, o sofrimento social e do estado. Recebeu vários prêmios internacionais, incluindo a Medalha de ouro Ander Retzius. É, ainda, membro honorário estrangeiro da Academia americana de Artes e Ciências. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Erika Doss**: professora do Departamento de Estudos Americanos da Universidade de Notre Dame. (Nota da **IHU On-Line**)

tiva e monolítica -, a espontaneidade marca esse tipo de produção coletiva em espaços públicos. Esses eventos dão publicidade a experiências pessoais, tanto do morto como dos familiares em luto. Assim como observado pela autora na Europa e Estados Unidos, tais práticas vêm se difundindo também em países da América Latina, como Brasil e Argentina. Nesta última os estudos sobre o tema têm se concentrado na discussão sobre a morte e experiência de luto entre familiares dos “desaparecidos” (jovens que foram sequestrados e assassinados pela Ditadura Militar. Sobre o tema ver, dentre outros: Catela, 2004; Panizo).

Já no Brasil os chamados “murais da dor” (Birman e Leite, 2004) ritualizam em eventos públicos, organizados por ONGs, o drama da “violência urbana”. Ainda que diversas as suas motivações, esses eventos reúnem familiares das vítimas, que lhes prestam homenagens em espaços públicos. Prática de produção coletiva em que se alinhava, de forma espontânea, fragmentos de memória dos mortos: fotos, desenhos e escritos, alinhados ao acaso. “Diversos, subjetivos, frequentemente expressam versões conflitantes de múltiplos públicos” (Doss, 2008). Catela e Novaes (2004), por sua vez, afirmam que tais fragmentos ao serem deslocados “da intimidade familiar (...) ao invés de esconder, silenciar a morte como convém ao mundo moderno, dão nome e rosto à abstração da violência” (p.124).

Anonimato e vítimas da violência

Tem se registrado também, em diferentes partes do mundo, produções em que o anonimato dos mortos visa chamar atenção à exorbitância das vítimas de violência, política e/ou “urbana”: eles podem ser contados, por exemplo, por meio de rosas ou cruzeiros instaladas na areia de uma praia ou serem lembrados numa revoada de balões que incendiam o céu ou lembrados a partir de pares de sapatos que perderam a intimida-

de de seus donos, dispersamente dispostos numa calçada no centro da cidade. Num exemplo mais recente, salva-vidas de refugiados foram dispostos num gramado em Londres para lembrar aqueles que não conseguiram cruzar o oceano, tornando-se náufragos de um sonho: a busca por viver em paz.

IHU On-Line - Como observa a forma com que a sociedade ocidental contemporânea constitui a ideia da morte?

Sandra Stoll - Convivem e disputam distintas concepções a respeito da morte na sociedade contemporânea. O ponto central de disputa é o sentido que se atribui às noções de vida e pessoa. Debate cuja riqueza e complexidade de respostas encontra-se em continuado processo de construção. Basta lembrar que o tema voltou recentemente ao debate no espaço público, envolvendo especialmente os campos médico e jurídico mobilizados por temas polêmicos que envolvem questões de ordem moral, como a produção de embriões em laboratório, o emprego de células-tronco, o debate sobre a eutanásia e o aborto, dentre outros.

No campo propriamente religioso, o debate envolvendo as noções de vida e pessoa se desenvolvem em torno da noção de imortalidade. As diferenças decorrem, sobretudo, de como se concebem as condições de sobrevivência do que se denomina “consciência” (também denominada “alma” ou “espírito”). Pautar as diferenças das concepções correntes e suas consequências na vida cotidiana dos adeptos é o que cabe ao estudo antropológico. Da perspectiva sociológica, porém, o que se afirma é que a noção de imortalidade - qualquer que seja sua formulação - aponta para a “recusa da morte” como atitude característica da sociedade ocidental contemporânea.

Afirmar essa que, para ser melhor qualificada, implica perguntar-se como e de que forma as diferentes concepções abrigadas por essa atitude convivem e se disseminam socialmente e como são

vivenciadas por diferentes grupos ou segmentos sociais em contextos históricos específicos. Trata-se de balizadores importantes para se apreender diferenças existentes quanto às formas de se relacionar com a morte. Quanto aos sentidos que a esta se atribui, afirma Panizo⁵ (2012), há que se qualificar o contexto histórico e circunstâncias específicas desse acontecimento. Isso porque diferentes categorias de mortos, e seus próximos, propõem diferentes formas de aproximação do morto, assim como modos distintos de homenagem e rememoração” (p.1).

“

O ponto central de disputa é o sentido que se atribui às noções de vida e pessoa

IHU On-Line - A morte não é o fim da vida? Por quê?

Sandra Stoll - Existem várias concepções correntes na sociedade contemporânea sobre a noção de vida e pessoa, como já mencionado. O debate se dá em torno da noção de consciência. Acreditam os materialistas ou agnósticos que esta se dissolve com a morte do corpo físico. Aqueles que acreditam na imortalidade, ao contrário, sustentam que a consciência sobrevive à morte do corpo físico. O objeto de dissenso é como se concebe pessoa: os dualistas entendem que corpo (ou “matéria”) e consciência (também denominada “alma” ou

5 Marina Laura Panizo: é antropóloga, escritora e poeta. PhD pela Universidade de Buenos Aires, com especialização em Antropologia (2011, FFyL/UBA) e licenciatura em Antropologia Social pela mesma universidade. Ele é especialista na área de antropologia da morte, concentrando-se sobre o problema da morte violenta em situações extraordinárias. (Nota da **IHU On-Line**)

espírito”) são princípios irreduzíveis embora arraigados à pessoa individual. A matéria é efêmera, ao contrário da consciência, tida como perene, ou melhor, eterna, uma vez que se acredita que esta participa (no sentido de ser “parte”) de uma instância transcendente (“divina” conforme denominação corrente em vários sistemas religiosos).

Também se pode conceber a pessoa como tríade: matéria, “corpo sutil” (“alma”) e consciência (“espírito”). Nesse caso os dois primeiros corpos (físico e sutil) são considerados formas passageiras por meio das quais se manifesta a dimensão transcendente do indivíduo. Há ainda sistemas religiosos que sustentam serem múltiplos os segmentos da consciência, cabendo a estes destinos diversos no pós-morte. Vale lembrar que o tema implica por vezes uma outra noção, a ideia da reencarnação. Sustentada por certos sistemas religiosos disseminados na sociedade ocidental contemporânea, tal concepção é fundamental para se compreender algumas das concepções de vida e pessoa assinaladas, tema que remete à discussão de uma noção particular de temporalidade, e, portanto, também da relação tempo-espaço.

IHU On-Line - Como compreender a relação entre o mundo dos vivos e dos mortos?

Sandra Stoll - São diversas as formas de se conceber a relação entre vivos e mortos. Numa passagem de *Tristes Trópicos*⁶, Lévi-Strauss⁷ sin-

⁶ São Paulo: Companhia das Letras. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Claude Lévi-Strauss** (1908-2009): antropólogo belga que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na linguística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para a antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente às tradições humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro *As estruturas elementares do parentesco* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar So-

tetiza o tema da seguinte forma: há sociedades, diz ele, que deixam os mortos em paz, abstendo-se de perturbá-los. “Se voltam a vê-los, fá-lo-ão com intervalos e em ocasiões previstas. E sua visita será benéfica, uma vez que os mortos garantem, pela sua proteção, o regresso regular das estações, a fecundidade dos campos e das mulheres”. Outras sociedades, ao contrário, “recusam-lhes o descanso”, mobilizando-os de várias formas (1986:225-226).

Inserida no segundo caso, a sociedade brasileira, segundo Da Matta⁸ (primeiro antropólogo brasileiro a chamar atenção para o tema), é um caso típico do que denomina “sociedades relacionais”. Afirma o autor que neste caso “pode até desaparecer a relação pessoal entre um dado morto e seus sobreviventes e relações, mas não desaparece a relação complementar e compensatória entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos”. E acrescenta: “isso nos permite compreender o uso do morto em nossa sociedade... é preciso não perder de vista que o “morto” é alguém que deixou o cenário (...) mas que ainda mantém um elo potente com os que ficaram...” (Da Matta, 1987: 169, 170 e 172 respectivamente).

As condições de presença e inscrição dos mortos na vida cotidiana implicam, portanto, entender como em diferentes contextos sociais e históricos estas relações são construídas e vivenciadas na vida cotidiana.

IHU On-Line - O espiritismo é buscado por muitas pessoas, até mesmo que professam outras religiões, em momentos de luto e perda, quando se é confrontado

ciologia na USP. Interessado em etnologia, realizou pesquisas em aldeias indígenas do Mato Grosso. As experiências foram sistematizadas no livro *Tristes Trópicos* (São Paulo: Companhia das Letras), publicado originalmente em 1955 e considerado uma das mais importantes obras do século 20. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Roberto Augusto DaMatta (1936): antropólogo, conferencista, consultor, colunista de jornal e produtor brasileiro de TV. (Nota da **IHU On-Line**)

com a morte. Como compreender esses movimentos?

Sandra Stoll - O tema da morte e principalmente da vida pós-morte, assim como as práticas de comunicação ritual entre vivos e mortos, são as principais motivações de atração do Espiritismo entre pessoas de diversos credos - em especial católicos, mas também evangélicos ainda que em menor número. Trata-se, portanto, de um sistema filosófico e religioso que propicia não apenas a expressão ritual do luto, mas cria condições para um efetivo compartilhamento emocional entre pessoas que estão vivendo uma mesma experiência de sofrimento.

“

As condições de presença e inscrição dos mortos na vida cotidiana implicam, portanto, entender como em diferentes contextos sociais e históricos estas relações são construídas e vivenciadas

Além disso, a doutrina propicia um “novo” entendimento da noção de vida e pessoa, na medida em que se trata de um sistema doutrinário que sustenta a tese da reencarnação. São duas, portanto, as possibilidades de “reencontro” entre vivos e mortos sustentadas pelo Espiritismo: de um lado tem-se as práticas rituais de comunicação entre vivos e mortos, por meio das quais se promove a intercessão entre “dois planos de existência”: o “plano material” (dos vivos) e o “plano espiritual” (dos mortos); a

outra possibilidade é sustentada pela tese da reencarnação: por outro, a tese da reencarnação cria a expectativa de um reencontro futuro, seja neste ou “no outro” plano de existência. Daí o seu papel fundamental de “consolação” especialmente entre familiares em processo de luto.

IHU On-Line - Quais as particularidades do espiritismo no Brasil?

Sandra Stoll - Tratei justamente desse tema em minha tese de doutorado com o intuito de demonstrar que o Espiritismo assume características diversas conforme o contexto histórico e social. Essa hipótese me levou a tomar três personagens, tidos como paradigmáticos (ou seja, que sintetizam certas características históricas e culturais de uma dada sociedade) como exemplares de formas distintas de expressão cultural do Espiritismo. Diacronicamente começo com Kardec⁹ - formulador da doutrina, o qual confere a esta ênfase científica, seja por utilizar protocolos de prática científica correntes à época, seja por interpretar seus dados à luz das principais correntes científicas em debate na época.

No traslado para o Brasil, o Espiritismo adquire novas feições, as quais caracterizo a partir das práticas e ideias difundidas por dois mé-

9 Espiritismo kardecista: conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos nas obras de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese. Segundo Allan Kardec, fundador do espiritismo kardecista, “o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atraí para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.” O espiritismo revela conceitos novos e mais aprofundados a respeito de Deus, do Universo, dos Homens, dos Espíritos e das Leis que regem a vida. Revela, ainda, o que somos, de onde viemos, para onde vamos, qual o objetivo da nossa existência e qual a razão da dor e do sofrimento. O espiritismo kardecista foi apresentado no evento Estudando as Religiões, promovido pelo Gdirc, do IHU, em 7 de abril de 2004, pelo Ir. Antônio Cazzuni Dias, vice-presidente do Círculo Espírita Francisco de Assis, de São Leopoldo. (Nota do **IHU On-Line**)

diuns: Francisco Cândido Xavier¹⁰ (popularmente conhecido como Chico Xavier) e Luiz Antonio Gasparetto¹¹. O primeiro foi responsável pelo diálogo intenso estabelecido entre a “nova doutrina” e o catoli-

¹⁰ **Chico Xavier [Francisco Cândido Xavier]** (1910-2002): médium e divulgador do espiritismo no Brasil e no mundo, escreveu mais de 400 livros, os quais não assumia como de sua autoria, pois afirmava que sempre escrevia apenas o que os espíritos lhe pediam. Nunca ficou com o dinheiro arrecadado com a venda de seus livros, sempre doando os direitos para a Federação Espírita Brasileira (FEB). Confira a edição 349 da revista **IHU On-Line**, *Espiritismo: um fenômeno social e religioso*, de 01-11-2010, disponível em <http://bit.ly/NrMrGF>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Luiz Antonio Alencastro Gasparetto** (1949): psicólogo de formação, médium psicopictográfico, escritor e locutor brasileiro. Gasparetto obteve reputação mundial no final da década de 1970 e durante quase toda a década de 1980 por excursionar a Europa com Elsie Dubugras a fim de mostrar os trabalhos que, supostamente, famosos artistas plásticos – como Renoir, Da Vinci, Rembrandt, Toulouse-Lautrec, Modigliani, Picasso, Monet, entre outros – realizavam através de sua mediunidade. A partir da década de 1980, rompe com a doutrina espírita e empenha-se em projetos ligados à psicologia, autoajuda e espiritualidade, escrevendo livros e ministrando cursos com o objetivo do desenvolvimento do ser. (Nota da **IHU On-Line**)

cismo, dando origem ao que denomino “espiritismo à brasileira”. O segundo, responsável pela tentativa de rompimento com essa formação doutrinária, dando origem a uma corrente (dentre outras) que buscava a renovação da doutrina por meio do contato com correntes diversas da chamada “Nova Era”. Não apenas duas concepções, mas duas éticas emergem desse confronto: a “ética da santidade”, propagada por Chico Xavier, e a “ética da prosperidade”, defendida por Gasparetto, tema que permite um diálogo inusitado entre o espiritismo e certas correntes do campo evangélico. ■

Referências Bibliográficas

Catela, L e Novaes, R. 2004 “Rituais para a dor. Política, religião e violência no Rio de Janeiro” in: **Birman, P. e Leite, M. (eds) - Um mural para a dor**. Movimentos cívico-religiosos por justiça e paz. Porto Alegre: Editora UFRGS.

Da Matta, R. 1987. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

Das, Veena 1986. “The work of mourning: death in a Punjab Family” in: White, M. e Pollak, S (eds) - *The cultural transition*. Loun, Routledge.

Doss, E. 2008 *The Emotional Life of Contemporary Public Memorials*. Amsterdam. Amsterdam University Press.

Lévi-Strauss 1975. *Tristes Trópicos*. Lisboa: Presença.

Panizo, L 2010. *Etnografias de la muerte*. Clacso. Ediciones Circus.

----- 2012 “La muerte enmarcada; diferentes formas de dar sentido a la muerte em la guerra de Malvinas” In: academia.edu.documents

http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32414488/Programa_Malvinas_en_la_Universidad_Concurso_de_ensayos_2012.pdf?AWAcademia.edu

Rosaldo, R. 1993 “Grief and headhunte’rs rage”. *Culture and truth*. Massachusetts: Beacon Press

Sontag, S 2003. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Cia das Letras.

LEIA MAIS

– *Encontro entre vivos e mortos no contexto espírita*. Entrevista com Sandra Stoll, publicada na revista **IHU On-Line**, número 121, de 1-11-2004, disponível em <http://bit.ly/2ePh6xO>.

O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia

Conferência e debate
sobre a obra com o

Prof. MS Bruno Cava

– Universidade Nômade e Quadrado dos Loucos



10 de novembro (quinta-feira) às 19h30min
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

A passagem pela clínica de Deus

Leonardo Boff entende que a vida vai para além da morte. Assim, morrer não é findar-se. É se transfigurar e concluir algo iniciado na irrupção do parto

Por João Vitor Santos

“**A** morte é um acabar de nascer. Como dizia José Martí: ‘morrer é fechar os olhos para ver melhor’, ver Deus e as realidades bem-aventuradas que desde sempre nos preparou”. É assim que o teólogo Leonardo Boff apresenta seu entendimento sobre a morte. “A vida se estrutura dentro de duas linhas: numa, a vida começa a nascer e vai nascendo ao longo do tempo até acabar de nascer. É o momento da morte. Na outra, a vida começa a morrer, pois lentamente o capital vital vai se consumindo ao longo da vida até acabar de morrer”, explica. Nessa sua perspectiva, está incrustado o conceito de ressurreição. “No cruzamento das duas linhas se dá a passagem para outro nível de vida que os cristãos chamam de ressurreição: a vida que chega, na morte, à plena realização de suas potencialidades”.

Assim, o teólogo se propõe a olhar a experiência do Cristo para ampliar o entendimento sobre a morte. “Como todos os humanos, ele temeu a morte porque amava esta vida”, pontua. “Mas Jesus superou o momento da desesperança. Triunfou uma entrega serena ao Mistério sem nome”, completa, ao lembrar que a resposta a entrega foi a ressurreição. O teólogo ainda recupera a história de São Francisco de Assis para falar da cosmologia da morte. Lembra que o frei não toma a morte como algo sinistro, “mas uma irmã que nos conduz ao

nosso destino derradeiro”. Para Francisco, “morrer é entrar também em comunhão com a Mãe Terra”. Foi, segundo Boff, por isso que ele pediu que o colocassem nu sobre a terra, num “arquetípico de uma profunda comunhão coma irmã e Mãe Terra”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Boff ainda lembra como a atual vida moderna, presa ao material, tende a entender a morte como perda, uma desgraça. O que, para ele, é uma perspectiva reducionista diante da potência de vida que há na humanidade. Por isso, provoca: “precisamos é acolher a morte como parte da vida. Não como uma desgraça, mas como a passagem alquímica para outro estágio do mistério da vida”.

Leonardo Boff é teólogo. Sobre o tema da morte, escreveu dois livros publicados pela Editora Vozes: *Vida para além da morte* (1973) e *A ressurreição de Cristo - a nossa ressurreição na morte* (1974), além de artigos para congressos de médicos e psicanalistas. Durante 22 anos, foi professor de Teologia Sistemática no Instituto Franciscano de Petrópolis e, posteriormente, professor de Ética e de Ecologia Filosófica na Universidade do Rio de Janeiro. Sua bibliografia é composta por mais de 100 livros que tratam de temas ligados à mística, espiritualidade, filosofia, ética e ecologia.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - A morte pode ser entendida como um fim da vida?

Leonardo Boff - Não considero a morte como o fim da vida. Morrer é um acabar de nascer. A vida vai para além da morte. Por isso meu livro sobre o tema não se intitula: “Vida depois da morte”, mas “Vida para além da morte”. A vida se estrutura dentro de duas linhas:

numa, a vida começa a nascer e vai nascendo ao longo do tempo até acabar de nascer. É o momento da morte. Na outra, a vida começa a morrer, pois lentamente o capital vital vai se consumindo ao longo da vida até acabar de morrer.

No cruzamento das duas linhas se dá a passagem para outro nível de vida que os cristãos chamam de

ressurreição: a vida que chega, na morte, à plena realização de suas potencialidades, ao irromper para dentro de Deus. Mas não de qualquer jeito, pois somos imperfeitos. Passaremos pela clínica de Deus na qual amadureceremos até chegar à nossa plenitude. É o juízo purificador. Outros chamam de purgatório. Em todos os casos não vivemos para

morrer, como diziam os existencia- listas. Morremos para ressuscitar, para viver mais e melhor.

IHU On-Line - Como podemos relacionar morte e juízo final? Em que medida esse temor ao juízo se transforma no medo da morte, limitando uma compreensão mais ampla?

Leonardo Boff - Para a pessoa que morre, o mundo se acabou. Deixou-o para trás. Começa outro tipo de mundo. Depois do tempo vem a eternidade. Mas entre um e outro há o juízo, não medido pelo tempo do relógio, sempre igual, mas pelo tempo existencial, próprio de cada pessoa. Por esse juízo nos é concedida a oportunidade de uma visão global de nossa vida, dentro da corrente da vida universal e de nosso lugar dentro do universo.

Nessa cisão entre o tempo e a eternidade se cria a oportunidade de uma “de-cisão” derradeira, uma adesão ao projeto de Deus sobre nossa existência. Creio que será sempre positiva, tal é a intensidade da visão de amor e de atração da divina realidade. A pessoa pode custar em desfazer-se de laços desordenados que não o alinhavam na lógica global do universo e de Deus. Mas o fará, pois fomos criados para sermos companheiros do infinito Amor. Morrer é voltar à casa a qual sempre pertencemos e que, depois de um penoso caminhar, chegaremos felizes a ela.

IHU On-Line - Como o conceito de morte pode nos evocar comunhão? E como compreender o conceito de ressurreição a partir da morte?

Leonardo Boff - Morrer é penetrar no coração do universo, onde todas as coisas são um, quer dizer, onde todas as teias de relação, que constituem a realidade universal, encontram o seu nó de origem e de sustentação. É a possibilidade de comunhão de tudo com tudo e a identificação de nosso lugar e de nossa importância para o todo e no todo. Nós mesmos nos tornamos cósmicos. Esse é o conceito teológico de res-

surreição. Não se trata da reanimação de um cadáver como o de Lázar¹ que, no final, acabou novamente morrendo. Trata-se da superação da morte e do ter que morrer.

Ressurreição comporta a realização de todas as potencialidades escondidas dentro de cada pessoa. Somos um projeto infinito, somos seres feitos de utopias e de sonhos. Agora eles podem vir à tona e conhecer uma ridente e plena concretização. Aí surge aquilo que São Paulo² diz ao se referir, na Epístola aos Coríntios³, à ressurreição de Jesus: é irrupção do “novissimus Adam”, do ser novo, que recém acabou de nascer. Ele é o primeiro entre muitos irmãos e irmãs. Conosco acontecerá o mesmo, cada

¹ O entrevistado se refere ao texto de João 11, 38-57. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Paulo de Tarso** (3-66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originalmente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A **IHU On-Line** 175, de 10-04-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em <http://bit.ly/105Sq3R>. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos **Cadernos IHU em formação**, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuem32>, e a edição 55 dos **Cadernos Teologia Pública**, *São Paulo contra as mulheres? Afirmção e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em <http://bit.ly/ihuteo55>. (Nota da **IHU On-Line**)

³ Primeira Carta aos Coríntios, 15, 1-57. (Nota da **IHU On-Line**)

um conforme a sua identidade que é singular e única. Mas todos ressuscitaremos, pois essa é a mensagem derradeira da ressurreição de Jesus. Não é apenas algo que ocorreu somente com ele. É o Messias que ressuscita. E ele ressuscita com a comunidade. E a comunidade é a humana e também cósmica.

IHU On-Line - O que a história do Cristo ensina e inspira a pensar sobre a morte?

Leonardo Boff - Jesus morreu não porque todos morrem. Ele foi sentenciado e condenado à morte. A morte lhe foi imposta. A forma como ele acolheu a morte nos é inspiradora. Como todos os humanos, ele temeu a morte porque amava esta vida e seus amigos e amigas com quem compartilhava uma comunidade de destino. Mas como diz a Epístola aos Hebreus, “Jesus dirigiu preces e súplicas entre clamores e lágrimas àquele que o podia salvar da morte” (5,8). O texto continua dizendo “e foi atendido por sua piedade”. Exegetas de renome como Bultmann⁴ e Harnack⁵ afirmam que aqui havia um “não” (ouk): “e não foi atendido embora fosse Filho de Deus” (5, 8). Isso é coerente com a história real de Jesus. Ele não foi libertado, ao contrário, sofreu a execução.

A mesma angústia face à morte mostrou no jardim das Oliveiras:

⁴ **Rudolf Karl Bultmann** (1884-1976): foi um teólogo alemão. Em 1912 começou a trabalhar como docente na área de Bíblia – Novo Testamento em Marburg; em 1916, tornou-se professor em Breslau; em 1920 foi para Gießen e, em 1921, transferiu-se para Marburg, onde viveu e trabalhou até o final de sua vida. Ocupou-se com muitos temas da teologia, filologia e arqueologia. Levantou questões importantes que dominaram a discussão teológica do século passado e são relevantes até hoje, como, por exemplo, o problema da demitologização. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Adolf von Harnack** (1851-1930): teólogo alemão, além de historiador do Cristianismo. Suas duas obras mais conhecidas são o *Lehrbuch der Dogmengeschichte* (“Manual de história do dogma”, em três volumes) e a série de palestras *Das Wesen des Christentums* (“A essência do cristianismo”), texto clássico da teologia liberal. Harnack recebeu diversas condecorações, entre outros, em 1902 a Ordem Pour le Mérite para as Ciências e as Artes, da qual foi chanceler de 1920 até a sua morte em 1930. (Nota da **IHU On-Line**)

“Pai, afasta de mim este cálice”. O texto diz que suou sangue. Médicos afirmam que condenados à morte, diante do pavor, suam sangue. Mas a maior expressão, de quase desespero, manifestou no alto da cruz, clamando em sua língua materna conservada na versão de São Marcos: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste (Mc 15, 34)?”⁶ E o texto termina de uma forma aterradoramente: “Dando um imenso grito, Jesus expirou” (Mc 15,37).

Superação da desesperança

Mas Jesus superou o momento da desesperança. Triunfou uma entrega serena ao Mistério sem nome, embora sempre o chamasse na linguagem da ternura infantil de Abba, “meu querido paizinho”: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”. A resposta desta entrega confiante, para além de toda a tentação, foi a sua ressurreição. O Pai o ressuscitou inaugurando uma nova humanidade, finalmente, redimida.

Qual a lição? Temeu a morte como todos a temem. Bebeu o cálice do temor e do pavor até ao fundo. Gritou ao céu. Mas, por fim, resignado e livre, acolheu o desígnio misterioso do Pai, aceitando a morte. Bem diz no evangelho de João. “Ninguém me tira a vida, eu a dou por mim mesmo”. Essa doação e entrega pode nos inspirar. A morte pertence à vida e devemos integrá-la. Nós não sucumbimos à morte, mas nos transfiguramos através da morte, como foi o caso de Jesus. Em outras palavras: a palavra derradeira pronunciada por Deus sobre o nosso destino não é a morte, mas a vida em plenitude, a vida ressuscitada.

IHU On-Line - Como a experiência de São Francisco⁷ pode nos

6 Sobre esse tema, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU possui diversos textos publicados disponíveis no seu sítio. Destacamos, *O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus*, artigo de Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher, publicado em *Cadernos de Teologia Pública*, número 89, disponível em <http://bit.ly/2dUWJBN>. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **São Francisco de Assis** (1181-1226): frade católico, fundador da “Ordem dos Frades

inspirar a pensar sobre a morte? Em que medida é possível afirmar que essa experiência atualiza a do próprio Cristo?

Leonardo Boff - São Francisco viveu uma experiência singular da morte. Como se havia reconciliado com todas as coisas, chamando-as com o doce nome de irmãos e irmãs, o mesmo fez com a morte. Ela é irmã que nos leva para a Casa do Pai. Não é uma figura sinistra que nos vem arrebatando a vida. Mas uma irmã que nos conduz ao nosso destino derradeiro. Morrer é ir ao encontro do Pai, sem medo, pois Ele é pura bondade, misericórdia e amor. Morrer é cair em seus braços para o abraço infinito da paz e do amor.

Em São Francisco não há angústia como notamos em Jesus, pois seguramente tinha diante dos olhos o fato da ressurreição. Há acolhida e total entrega. Morrer é entrar também em comunhão com a Mãe Terra. Pediu que o desnudassem e o colocassem, nu, sobre a terra. Isso é arquetípico de uma profunda comunhão com a Mãe Terra que ele cantou no “Cântico ao Irmão Sol”⁸. Somos Terra, dela viemos e

Menores”, mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Sobre Francisco de Assis confira a edição 238 da **IHU On-Line**, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, disponível para download em <http://bit.ly/1NLAtl7> e a entrevista com a medievalista italiana Chiara Frugoni, intitulada *Uma outra face de São Francisco de Assis*, na revista **IHU On-Line** número 469, de 03-08-2015, disponível em <http://bit.ly/2erAzUq>. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Cântico das Criaturas** (em italiano: Cantic delle creature; em latim: Laudes Creaturarum), também conhecido como Cântico do Irmão Sol, é uma canção religiosa cristã composta por Francisco de Assis. Escrita no dialeto úmbrio do italiano, acredita-se que esteja entre as primeiras obras escritas no idioma. Ao contrário de outras canções religiosas da época, o Cântico das Criaturas é quase infantil na maneira em que louva Deus agradecendo-o por criações como o “Irmão Fogo” e a “Irmã Água”. A letra é uma afirmação da teologia pessoal de Francisco de Assis. Ele frequentemente se referia aos animais como irmãos e irmãs da Humanidade, rejeitava qualquer tipo de acúmulo material e confortos sensuais, em troca da “Senhora Pobreza”. Francisco teria composto a maior parte do cântico no fim de 1224, enquanto se recuperava de uma doença em San Da-

para ela vamos, entregando o corpo que ela nos deu.

Talvez, a única semelhança seja a total e serena entrega ao Pai, no supremo momento, como finalmente e depois de muita luta, o fez Jesus. Por isso que os franciscanos, guardando a tradição de São Francisco, sempre que um frade falece, fazem festa na comunidade, com comes e bebes, pois celebram a entrada do confrade no Reino da Trindade.

IHU On-Line - No livro *Vida para além da morte* (Petrópolis: Vozes, 1973), apresenta uma perspectiva de que o purgatório pode se constituir na terra, em vida, a partir das dores e sofrimentos a que se é submetido. Gostaria que recuperasse essa ideia e refletisse como essa perspectiva pode contribuir para dissociar a ideia de morte e dor.

Leonardo Boff - A categoria “purgatório” é tardia na reflexão teológica. Como Jacques Le Goff⁹ o mostrou, ela surgiu no mundo medieval no contexto das hierarquias da nobreza e das correspondentes

miano, em uma pequena cabana construída para ele por Clara de Assis e outras mulheres pertencentes à sua ordem. De acordo com a tradição, ela teria sido cantada pela primeira vez por São Francisco e pelos irmãos Angelo e Leo, dois de seus companheiros originais, no leito de morte de Francisco, com o verso final que louva a “Irmã Morte” tendo sido acrescentado apenas alguns minutos anteriormente. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Jacques Le Goff** (1924): medievalista francês, formado em história e membro da Escola dos Annales. Presidente, de 1972 a 1977, da VI Seção da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), foi diretor de pesquisa no grupo de antropologia histórica do Ocidente medieval dessa mesma instituição. Entre outras altas distinções, Le Goff recebeu a medalha de ouro do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), pela primeira vez atribuída a um historiador. Boa parte de sua obra está ao alcance do leitor brasileiro, como por exemplo, *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente* (Lisboa: Estampa, 1980); *Mercadores e banqueiros da Idade Média* (Lisboa: Gradiva, 1982); e *A civilização no Ocidente Medieval* (Lisboa: Estampa, 1984). Le Goff concedeu a entrevista *Roma, alimento e paralisia da Idade Média* à edição 198 da revista **IHU On-Line**, de 02-10-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon198>. Entre seus livros, destacamos *O nascimento do purgatório* (Lisboa: Estampa, 1995) (Nota da **IHU On-Line**)

ofensas que podem ocorrer contra elas. Para cada ofensa, o seu merecido castigo. O purgatório foi incorporado à teologia, a partir de algumas referências de Santo Agostinho¹⁰, que insinuava o fato de que não se pode chegar a Deus imperfeitos. Temos que nos aperfeiçoar para sermos adequados ao mundo da absoluta perfeição divina na eternidade. O purgatório cumpriria essa função de purgação.

A tendência da moderna teologia ecumênica é dispensar o purgatório como construção teológica e não mais como doutrina oficial. A vida, vivida com virtudes, superando dificuldades e padecimentos, mas principalmente, vivendo amor e a compaixão fazem com que vamos nos purificando. A grande purificação viria no momento do juízo que se dá entre o fim do tempo e o começo da eternidade. No juízo nos damos conta de nossos benefícios e malfeitos, de qual foi o nosso projeto fundamental. Somos colocados diante de Deus-amor e bondade e de nossa missão no desígnio do Mistério dentro da história e do próprio universo. É o momento de fazermos um ato de amor e de total entrega a Deus. Alguns o farão com dificuldades, dada a sua adesão a um tipo de vida que não se alinhava ao propósito do Criador. Mas face a tanta bondade, amor e misericórdia do Deus-Trindade, nos rendemos em arrependimento e ação de graças. Sairemos purificados.

E então participaremos do mundo para o qual fomos destinados desde toda a eternidade. Bem disse o Papa Francisco: para Deus não há condenação eterna. Há misericórdia. Seguramente se revelará a justiça no juízo. Mas passamos pelo juízo e, transfigurados, gozaremos e cantaremos, cantaremos e celebraremos, celebraremos e comungaremos a vida infinita, terna e eterna do Deus-comunhão-de-divinas Pessoas.

10 **Santo Agostinho** (Aurélio Agostinho, 354-430): bispo, escritor, teólogo, filósofo, foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Ele foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e criou os conceitos de pecado original e guerra justa. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Muitas pessoas que se anunciam católicos - e por vezes até professam sua fé no catolicismo - acabam buscando referência em outras religiões quando confrontadas pela experiência da morte. Como compreender esses movimentos? Em que medida isso revela os limites do catolicismo na construção que faz da morte?

Leonardo Boff - A teologia oficial que entrou nos catecismos é mais devedora da cosmogonia grega do que da leitura cristã da vida e da morte. Ainda se manejam os conceitos antropológicamente pobres de corpo e alma ao invés de captar o ser humano como o faz a visão originária e bíblica: o ser humano em suas várias situações. Um dos maiores reducionismos da encarnação da fé cristã na cultura greco-latina foi praticamente o abandono da mensagem revolucionária da ressurreição. Ela ficou como uma espécie de milagre para mostrar que Jesus era Deus, quando na verdade, mostrava a verdadeira leitura cristã sobre o destino humano, chamado à transfiguração.

Em seu lugar entrou o tema fácil de origem platônica, da imortalidade da alma, entregando o corpo ao pó da terra. A ressurreição ficou algo para o fim do mundo. Como não sabemos quando ele acontecerá, o tema ressurreição perdeu relevância existencial. Graças a Deus que a moderna teologia ecumênica resgatou a centralidade da ressurreição e permitiu uma nova leitura do destino final do ser humano. Ressuscitaremos no fim do mundo, vale dizer, no momento em que para cada um o mundo acabou e se inicia a eternidade. Quer dizer, ressuscitaremos na morte. Vamos inteiros com toda nossa realidade, purificada pelo juízo, ao seio do Pai e Mãe de infinita bondade.

Entretanto, essa ressurreição não é completa. Nem a de Jesus. Apenas o núcleo pessoal ressuscitou. Enquanto nossa Casa Comum, o inteiro universo também não participa da ressurreição, vivemos uma ressurreição ainda por completar. No final, tudo será transfigurado. Será como o corpo da Trindade.

IHU On-Line - Em que medida a morte, numa perspectiva escatológica¹¹, pode suscitar uma reflexão sobre a esperança cristã?

Leonardo Boff - Se entendermos a escatologia não como algo que acontece no termo da história, mas como a presença antecipada dos bens do Reino, como o perdão, a graça e, especialmente, a ressurreição, podemos nos encher de alegria e desafogo existencial. Morrer é atender a um chamado de Deus. E vamos felizes ao encontro dele. Na passagem se dá a nossa transfiguração. Não morremos, nos transfiguramos. Nietzsche¹² comentava

11 **Escatologia** (do grego antigo εσχατος, “último”, mais o sufixo -logia): parte da teologia e filosofia que trata dos últimos eventos na história do mundo ou do destino final do gênero humano, comumente denominado como fim do mundo. Em muitas religiões, o fim do mundo é um evento futuro profetizado no texto sagrado ou no folclore. De forma ampla, escatologia costuma relacionar-se com conceitos tais como Messias ou Era Messiânica, a pós-vida, e a alma. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologicismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologicismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://bit.ly/nqUxGO>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

que os cristãos andam tão tristes como se não tivesse havido redenção nem tivesse eclodido a ressurreição. Temos mil razões para vivermos felizes e serenos, mesmo dentro das maiores dificuldades, pois o fim é bom e significa a plenificação de todos os nossos sonhos e desejos, a irradiação total da vida.

IHU On-Line - Quais caminhos são necessários percorrer para dissociar a ideia de morte da ideia de perda - de alguém - e associar a ideia de integração com o todo da criação, quase que como uma perspectiva cosmológica de povos originais?

Leonardo Boff - O que precisamos é acolher a morte como parte da vida. Não como uma desgraça, mas como a passagem alquímica para outro estágio do mistério da vida. Os mortos não são ausentes. São apenas invisíveis. E podem ser invocados e senti-los como compa-

nheiros em nossa caminhada. É o conteúdo concreto do que está no Credo¹³: "creio na comunhão dos santos". Isso não tem nada a ver com os santos e santas que estão nos altares. Mas tem a ver com todos os que estão em Deus, onde cremos que estarão nossos entes queridos. Ficamos tristes com a partida. Mas podemos ficar alegres com a chegada deles na suprema felicidade.

IHU On-Line - Em que medida a lógica desses nossos tempos nos levam a falar da morte de uma maneira exterior a nós mesmos? Quais as implicações dessa perspectiva?

Leonardo Boff - Para os modernos, vítimas da cultura materialista e consumista do capital, a

¹³ **Credo também chamado de Símbolo** é a profissão de fé cristã expressa no Símbolo Apostólico e no Símbolo Niceno-Constantinopolitano. (Nota da **IHU On-Line**)

morte significa a maior desgraça. Pois para a maioria tudo acaba no pó cósmico. Então não vale a pena fazer qualquer sacrifício em função de uma vida que vai para além da morte. Tudo se realiza aqui. Esta visão é pequena e não corresponde aos impulsos do coração, aos sonhos que nos habitam, de querer vida e mais vida, e a eternidade da vida. Por isso existe nos países ricos como nos Estados Unidos todo um disfarce da morte, uma indústria de preparação dos cadáveres para que pareçam vivos e sejam colocados até de pé. Estimo que esta visão é pobre demais para se adequar com aquilo que de fato ocorre em nossa interioridade, em nossos anelos mais profundos. Ela é contra vida, pois a vida chama à vida e não à morte. Por isso devemos sempre defendê-la em sua dignidade, a partir daqueles condenados a ter menos vida. Estes serão os primeiros a herdar a vida no Reino da Trindade. ■

- *Ecologia integral. A grande novidade da Laudato Si'.* "Nem a ONU produziu um texto desta natureza". Entrevista especial com Leonardo Boff, publicada nas **Notícias do Dia** de 18-7-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2eq6Hwb>.
- *O amor e a misericórdia são categorias centrais da teologia e prática de Francisco.* Entrevista com Leonardo Boff, publica na revista **IHU On-Line** número 465, de 18-5-2015, disponível em <http://bit.ly/2eqOV9L>.
- *Os intelectuais que têm algum sentido ético precisam falar sobre a Terra ameaçada.* Entrevista com Leonardo Boff, publicada em **Notícias do Dia** de 16-10-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2eZz17B>.
- *"Com Francisco, diálogo contínuo embora a distância".* Entrevista com Leonardo Boff, publicada em **Notícias do Dia** de 17-9-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2dtYRAB>.
- *Ser mais com menos: eis o futuro da humanidade.* Entrevista com Leonardo Boff, publicada em **Notícias do Dia** de 24-6-2009, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2e80cdZ>.
- *Apoio ao Papa Francisco contra um escritor nostálgico.* Artigo de Leonardo Boff, publicado nas **Notícias do Dia** de 07-1-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2eTJoXy>.
- *Realmente não existem verdades absolutas.* Artigo de Leonardo Boff, publicado nas **Notícias do Dia** de 28-7-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2f4xWcg>.
- *Como reproduzimos a cultura do capital.* Artigo de Leonardo Boff, publicado nas **Notícias do Dia** de 20-4-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2eMbaHe>.

A compreensão cosmológica sobre o fim da vida

Diego Irarrazaval analisa a morte desde a perspectiva dos povos originais, pontuando no que pode inspirar a cultura urbana ocidental

Por João Vitor Santos | Tradução: Henrique Denis Lucas

Na cultura indígena, morrer é não acabar-se. É voltar à integralidade da Terra, da natureza. “A condição humana se desenvolve na Mãe Terra, que pressupõe uma espiritualidade terrestre. Ao morrer na Terra, há um reencontro com os antepassados, a comunidade se reconstitui e a reciprocidade entre homem e mulher se revigora. Nada termina sem sentido: tudo recomeça”, completa Diego Irarrazaval, religioso com larga experiência na cultura de povos originais, essencialmente os latino-americanos. Para ele, essa concepção sobre o fim da vida é diametralmente oposta à cultura urbana ocidental da atualidade. “A ordem social hegemônica tende a suprimir a morte. E, quando a leva em consideração, é apenas como espetáculo”, critica.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Irarrazaval aprofunda sua reflexão destacando que “o conjunto dos comportamentos indígenas pode ser compreendido a partir de seu interior, com sua espiritualidade

cósmica e histórica, além de sua lógica não ocidental”. Entretanto, alerta que “o indígena se opõe ao espiritualismo esotérico, de onde só sobrevivem o espírito e a consciência”. “A população indígena encara a morte muito bem e também visualiza, a seu modo, a nova vida. Diz-se que a assimilação da morte dá origem ao religioso. Na minha opinião, a morte permite, sobretudo, entender e agradecer à vida”, completa.

Diego Irarrazaval é escritor e teólogo chileno, presbítero da Congregação de Santa Cruz. Viveu mais de 30 anos nos mundos indígenas, principalmente nas terras altas do Peru. Ele define-se como “urbano e mestiço”. E faz questão de deixar claro: “espero que a minha morte e enterro sejam na região andina (com suas crenças, música e convivência). Assim tenho suplicado para amigos e familiares”. Entre seus livros publicados, destacamos *Itinerários en la Fe Andina* (Cochabamba: Verbo Divino, 2013).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como compreender a morte desde a perspectiva das culturas andinas?

Diego Irarrazaval - O habitante nativo não é considerado arcaico e exótico na América Latina, já que as comunidades originárias se misturaram e reconstruíram o moderno segundo o paradigma indígena de relacionalidade. Trata-se, pois, de entender vivências interculturais e polissêmicas. O jeito Andino de sentir/entender a morte tem

como fundamento a corporeidade cósmica. A condição humana se desenvolve na Mãe Terra, que pressupõe uma espiritualidade terrestre. Ao morrer na Terra, há um reencontro com os antepassados, a comunidade se reconstitui e a reciprocidade entre homem e mulher se revigora. Nada termina sem sentido: tudo recomeça.

Assim, sua simbologia se contrapõe ao cientificismo moderno. Este, entre outras coisas, entende

a morte como o término da existência. Por outro lado, o indígena se opõe ao espiritualismo esotérico, de onde só sobrevivem o espírito e a consciência. Adverti a comunidade onde estive inserido, em parte na brincadeira, em parte com seriedade, que no meu funeral se serviria torresmo preparado a *la aimara*, acompanhado de vinho chileno. Morrer implica viver, pressupõe estar com pessoas amáveis, comer bem, beber solidariamente.



O jeito Andino de sentir/entender a morte tem como fundamento a corporeidade cósmica

IHU On-Line - De que forma a memória, a lembrança aos mortos é realizada nas culturas dos povos originais latino-americanos?

Diego Irazazaval - Na América Latina, são desenvolvidos rituais e celebrações curativas com os falecidos. A população indígena encara a morte muito bem e também visualiza, a seu modo, a nova vida. Diz-se que a assimilação da morte dá origem ao religioso. Na minha opinião, a morte permite, sobretudo, entender e agradecer à vida. Na atualidade, o povo aimara (e também quíchua, maia, entre outros) dá comida para seus "mortos-vivos". Eles seguem enterrando-os nas terras de cultivo, onde descansam seus antepassados que hoje cuidam dos que têm vida. Desenvolve-se, pois, uma clara compreensão da corporeidade cósmica.

No início de novembro (Dia dos Mortos e da Festa de "Todos-os-Santos"), família e amigos se reúnem para consolidar os vínculos. Preparam e oferecem, em rituais, as comidas e as bebidas preferidas a cada pessoa falecida. Há uma programação de homenagens, diálogos, banquetes, orações, ritos de boas-vindas e de despedida da "alma" (que chega no dia primeiro e se retira no segundo dia de novembro). Há também uma convivência humana e sagrada nos primeiros aniversários de falecimento - por mês, por ano e aos três anos de falecido. Esses costumes estão mudando, dependendo das circunstâncias e lugares, e têm surgido substitutos (um funeral rápido e moderno, cerimônias de diferentes denominações cristãs etc.).

IHU On-Line - O que a ideia de morte pode suscitar acerca de reflexões sobre a vida?

Diego Irazazaval - A população indígena da América Latina (aproximadamente 50 milhões de pessoas com diferentes culturas e contextos) alimenta a paixão pela vida em plenitude. Ela cultiva "outros imaginários" mediante comportamentos e ritos em torno à morte. A isto se somam inúmeras iniciativas e redes humanas (que foram sintetizadas por cada Fórum Social Mundial: um outro mundo é possível).

IHU On-Line - É possível afirmar que a morte hoje, essencialmente nas sociedades ocidentais, sofre um processo de desumanização. Por quê?

Diego Irazazaval - A morte é maquiada e ocultada. A temática da recordação é deixada de lado e o processo da morte é desumanizado, assim como o enterro e o duelo. A ordem social hegemônica tende a suprimir a morte. E, quando a leva em consideração, é apenas como espetáculo. Esta trivialidade preenche os meios de comunicação. Diz-se que com a morte "tudo acaba". Na verdade, no mito do progresso, tudo continua preso às suas ilusões. Na realidade contemporânea, a morte tornou-se banal e trivial.

IHU On-Line - E, nesse sentido de "desumanização da morte", que reflexões a cultura de povos originais nos inspiram?

Diego Irazazaval - A espiritualidade cristã engloba nas festas a percepção do Crucificado, que empodera os marginalizados, e o sentir Deus. Em cada morte é celebrada a vida (e não o seu término). Lamentavelmente, muita reflexão cristã desqualifica o indígena, seja a partir da filosofia de caráter

personalista ou a partir de um dualismo em que uma realidade não inclui a que é diferente ("esta" e "outra" vida, "alma" que continua e "corpo" que acaba etc.).

O conjunto dos comportamentos indígenas pode ser compreendido a partir de seu interior, com sua espiritualidade cósmica e histórica, além de sua lógica não ocidental. Além disso, a leitura analítica examina vários fatores, tais como os familiares, econômicos, psicossociais, entre outros. Quando o que foi vivido pela população é interpretado por nós, acompanhantes não indígenas, nossas categorias culturais e espirituais têm de ser empregadas com muito cuidado. Há de se evitar o pensamento unilateral de uma filosofia ou uma teologia. Além disso, a população indígena de hoje se movimenta entre vários mundos e é largamente pluricultural. Tudo isso dificulta, mas também faz do esforço para compreender as experiências polícromáticas, apaixonante.

IHU On-Line - Qual a importância e como compreender os rituais, os chamados ritos de passagem, relacionados à morte?

Diego Irazazaval - O ciclo de falecimento, velório e enterro tem profundas linguagens com signos relacionados ao reviver. Há velas acesas e flores ao redor do cadáver, a quem se reza, pois está ali presente. Há pessoas escolhidas para lavar e preparar o corpo para sua "viagem" ao descanso. Durante noites e dias intensos, a pessoa falecida e aqueles que sobreviveram são bem "acompanhados" (já que deixá-los sozinhos seria um crime). Ao redor da morte, a comida saborosa e as bebidas são compartilhadas generosamente. Outros signos de vida são o sinal da Cruz, rezar o Pai Nosso e a Ave Maria, utilizar água benta, hinos, prece do Rosário e outros gestos católicos enculturados no morrer andino. Uma cruz é colocada no caixão e no túmulo. Em cima e dentro do caixão são colocados oferendas rituais e elementos vitais. É feita uma saudação cerimonial ao falecido, que

ouve e recebe vários sinais de convivência, além de cumprimentos entre as pessoas presentes.

A pessoa falecida está presente e se fala com ela e dela. São orados “responsórios”, alimentos são preparados e compartilhados (especialmente no início de novembro). As “almas” se retiram satisfeitas e a família também se sente protegida pelos antepassados e falecidos especiais. No entanto, também se manifestam desconfiança e medo. Às vezes, as pessoas falecidas enviam sinais através de sonhos. Às vezes, castigam e causam desgraças, e é necessário apaziguá-las mediante rituais.

IHU On-Line - A partir de suas experiências ocidentais urbanas e da cultura dos povos originais, que conceito de morte elabora?

Diego Irarrazaval - O ponto central é que, ao morrer, a vida é afirmada no contexto da família, da comunidade, do cosmos e da história. Em poucas palavras: a racionalidade “salva” as entidades frágeis do universo e dá significado ao morrer¹. No México, e em todo o continente, há uma “intensa rede de relações que ligam a comunidade dos vivos com a dos mortos... nos meios populares latino-americanos, cada morte implica uma reativação especial da comunidade ao redor da família do falecido”². Nas sociedades da África, a relação entre mortos-vivos (‘the living-dead’) também é cálida. Segundo

1 Ver Josef Estermann, *Filosofia Andina La Paz*: IVES, 2006, 231-236. (Nota do entrevistado)

2 José Luis González, *Fuerza y sentido, el catolicismo popular al comienzo del siglo XXI*, México: Dabar, 2002, 119. (Nota do entrevistado)

John Mbiti³, “eles continuam a ser pessoas” e são os “melhores intermediários entre a humanidade e Deus”⁴. Cabe, portanto, apreciar o que existe em cada universo simbólico onde a morte não é a palavra final, mas uma crise radical que a vida proporciona.

Para concluir, saliento a reconexão humana e espiritual que ocorre em torno da morte. São manifestados vínculos com antepassados e seres sagrados. Desenvolve-se uma reconexão de uma pessoa consigo mesma e com os(as) outros(as). A corporeidade conjuga dimensões do futuro, presente e passado. Isto se contrapõe à cotidianidade moderna. ■

3 **John Samuel Mbiti** (1931): queniano, Teólogo, Filósofo, professor da Universidade de Berna, Ministro da paróquia em Burgdorf, na Suíça. (Nota da **IHU On-Line**)

4 John Mbiti, *African religions and philosophy*, Nairobi: Heineman, 1969, 83. (Nota do entrevistado)

LEIA MAIS

– *San Romero da América, mártir!* Entrevista especial com Diego Irarrazaval, publicada nas *Notícias do Dia* de 23-3-2009, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2ezwhNq>.



IHU NOTÍCIAS

Acompanhe notícias, artigos e entrevistas veiculadas na mídia do Brasil e do mundo, em uma seleção preparada pela equipe do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU.**



ihu.unisinos.br/noticias

A construção de cemitérios internos

Mário Corso analisa a importância do luto e dos ritos de passagem e como a vida moderna, com a exigência da brevidade, pode interferir nesse processo de elaboração da morte

Por João Vitor Santos

O psicanalista Mário Corso acredita que a morte é uma experiência pessoal. Entender e refletir sobre o fim da vida requer, segundo ele, um tempo muito particular. Para assimilar a morte, na perda de alguém, é preciso que, de certa forma, se vivencie essa dor. “Não existe uma representação inconsciente da morte, insistia Freud. Por isso vamos ter que fazer uma inscrição particular para cada um que perdemos. Existe um cemitério dentro de cada um de nós”, destaca. “A ideia é sempre a mesma: fazer os rituais todos, falar sobre a morte e como sofremos”, completa, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

O problema é que nem sempre é dado esse tempo para elaboração da morte. “Atualmente, a morte é vedada aos olhos públicos, ela é confinada aos hospitais, morre-se sozinho, oculto, e os rituais de partida, como velório, enterro, trajar luto, estão cada vez mais economizados. Hoje nos despedimos mais rápido, como se a morte fosse contagiosa”, avalia. Para o psicanalista, a competitividade e a individualidade dos tempos de hoje são ingredientes para essa concepção. “O luto é dificultado pela ideologia individualista que nos desconecta das nossas raízes”, aponta. Corso entende que a modernidade, muitas vezes, não autoriza essa parada, esse tempo do luto e da construção do cemitério interno. Por isso, é fundamental sempre se ter a clareza de que “somos lentos para começar a amar e para deixar de amar”.

Mário Corso é psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - APPOA. Formado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, trabalha com adolescentes e adultos. Entre suas publicações de livros estão *Monstruário - Inventário de Entidades Imaginárias e de Mitos Brasileiros* (Porto Alegre: Tomo, 2002), *Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis* (Porto Alegre: Artmed, 2009) e *Psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia* (Porto Alegre: Artmed, 2010). Em 2014 publicou seu primeiro livro infantil, *A história mais triste do mundo* (Porto Alegre: Editora Bolacha Maria, 2014).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - De que forma a psicanálise compreende a necessidade de elaboração¹ da morte?

¹ **Elaboração ou perelaboração** (perspectiva psicanalítica): expressão utilizada por Freud para designar o trabalho de integração das experiências vividas, sejam excitações somáticas, estímulos externos ou informações, ao mundo mental. O efeito traumático de uma experiência decorre da impossibilidade da mente em elaborá-la, integrá-la na trama existencial. O processo de elaboração costuma ser iniciado a partir de uma compreensão ou de uma percepção interna que ocorra de modo claro e imediato (insight) sobre algum

Mário Corso - A questão é elaborar, ter alguma consciência da nossa finitude, pois essa é a nossa condição básica. Sem isso estaremos a mercê de quaisquer promessas que negam essa premissa. As religiões

aspecto pessoal novo ou que até então estava sendo mantido dissociado da vida mental (por negação, repressão, recusa ou rejeição). A elaboração é um processo lento e trabalhoso que tem por objetivo a inserção deste novo conhecimento ou de uma determinada experiência vivida na trama histórico-existencial da pessoa. (Nota da **IHU On-Line**)

basicamente vivem de negar a animalidade do homem e, como consequência, nossa finitude. Somos seres que nos sabemos mortais, ao mesmo tempo negamos o óbvio inventando transcendências. Nosso narcisismo² não suporta que tenhamos uma validade curta.

² **Contemplação narcísica:** referente à lenda de Narciso, surgida provavelmente da superstição grega segundo a qual contemplar a própria imagem prenunciava má sorte, possui um simbolismo que fez dela uma das mais duradouras da mitologia grega. Narciso era

IHU On-Line - Por que ainda é tão complicado abordar o tema do fim da vida?

Mário Corso - A palavra "ainda" coloca uma ideia de que um dia será mais fácil. Acredito que não, inclusive penso que o movimento caminha numa direção oposta. Atualmente, a morte é vedada aos olhos públicos, ela é confinada aos hospitais, morre-se sozinho, oculto, e os rituais de partida, como velório, enterro, trajar luto, estão cada vez mais economizados. Hoje nos despedimos mais rápido, como se a morte fosse contagiosa.

IHU On-Line - Como observa a forma como as pessoas constituem a ideia da morte nos dias de hoje, atravessadas pelas lógicas das tecnologias, redes sociais e velocidade da informação?

Mário Corso - O homem está demasiado conectado a máquinas velozes e temo que ele fique um tanto identificado a elas e exija de si aquilo que é impossível, pois o nosso tempo é muito distinto do tempo da máquina. Somos lentos para elaborar nossas perdas. Somos lentos para aprender e discernir. Somos lentos para começar a amar e para deixar de amar. O luto pede um tempo que a modernidade não autoriza.

IHU On-Line - Hoje, parece haver um imperativo que torna obrigatório o anúncio da morte

um jovem de singular beleza, filho do deus-rio Cefiso e da ninfa Liríope. No dia de seu nascimento, o adivinho Tirésias vaticinou que Narciso teria vida longa desde que jamais contemplasse a própria figura. Indiferente aos sentimentos alheios, Narciso desprezou o amor da ninfa Eco e seu egoísmo provocou o castigo dos deuses. Ao observar o reflexo de seu rosto nas águas de uma fonte, apaixonou-se pela própria imagem e contemplou-a até consumir-se. A flor conhecida pelo nome de narciso nasceu, então, no lugar onde morreu. Em outra versão da lenda, Narciso contemplava a própria imagem para recordar os traços da irmã gêmea, morta tragicamente. Foi, no entanto, a versão tradicional, reproduzida por Ovídio em *Metamorfoses*, que se transmitiu à cultura ocidental por intermédio dos autores renascentistas. Na psiquiatria, particularmente na psicanálise, o termo narcisismo designa a condição mórbida do indivíduo que tem interesse exagerado pelo próprio corpo. (Nota da **IHU On-Line**)

nas redes sociais. Mas, ao tempo, a solidão das grandes cidades ainda permite que saibamos de mortes de vizinhos apenas meses depois. Como compreender essas duas realidades?

Mário Corso - Sou um usuário periférico das redes sociais. Uso mais para entender o fenômeno do que para de fato habitá-las. Acredito que elas fazem uma bolha mágica onde todos concordam entre si, um espaço de desinformação e autoengano. Criou-se um jornalismo sem jornalistas e isso é um perigo. Veja, não sou um crítico do uso dela, acredito que é a reencenação da aldeia perdida, da fome de comunidade, da fuga da solidão. Que façam bom proveito, mas para informar-se ela é um desastre. E de fato, se estamos demasiado dentro da rede, podemos nos comover com uma morte longínqua sem dar-se conta de que o vizinho ao lado se foi.

IHU On-Line - Por que, essencialmente quando se perde alguém, é importante compreender a experiência morte?

Mário Corso - Especialmente para parar de esperar pelo morto. Não existe uma representação inconsciente da morte, insistia Freud³. Por isso vamos ter que fazer uma inscrição particular para cada um que perdemos. Existe um cemitério dentro de cada um de

nós. Arrastamos nossos mortos para sempre, e quanto mais estivermos em paz com cada um que se foi, mais fácil será carregar esse fardo, mas ele está ali, e um dia cobra o preço do seu peso. Atenção, esse peso pode ser positivo, também saímos mais sábios. Mas a sabedoria, mesmo que nos faça ver o mundo mais leve, paradoxalmente, tem seu peso.

Tenho visto que muitas depressões são lutos mal curados. Mas um detalhe: às vezes o luto não é necessariamente por um morto, mas por um emprego, uma promessa, um sonho, um amor, mas sempre uma perda que não elaboramos, que não demos importância quando ela se foi e a perda vai ser sentida depois, em bruto, sem uma ligação com o que foi perdido. O trabalho terapêutico é restabelecer a ponte entre o sofrimento e o que foi perdido.

IHU On-Line - De que maneira a morte pode ser elaborada em diferentes fases da vida, especialmente na infância e adolescência?

Mário Corso - Nunca é fácil, seja em qual fase da vida for. Pois, se na infância estamos muito despreparados e desamparados para enfrentar, quando a idade avança, embora com mais suporte interior, mais nos aproximamos de sermos os próximos a partir. A ideia é sempre a mesma: fazer os rituais todos, falar sobre a morte e como sofremos.

Sou a favor de levar crianças, mesmo que pequenas, aos enterros de seus queridos, deixá-las de fora é dificultar seu luto. O mesmo vale para os animais de estimação. Acredito que, como eles duram menos, uma de suas funções é ajudar os pequenos a pensar na finitude e não ficar dizendo que eles foram para uma "fazenda". Quanto mais se fala sobre a perda, menos ela pesa. No intuito de proteger as crianças, as deixamos despreparadas e solitárias para pensar na nossa condição humana e nas perdas que inevitavelmente ela terá. É uma falsa proteção e é egoísta, na verdade protegemos a nós mesmos de falar sobre um tema difícil.

³ **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista, fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Freud nos trouxe a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam ainda muito debatidos hoje. A edição 179 da **IHU On-Line**, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Qual é o papel do luto e como é vivido hoje?

Mário Corso - O luto é dificultado pela ideologia individualista que nos desconecta das nossas raízes. Nos vemos como seres autônomos e não como fruto de nossos pais, avós e do nosso meio. A experiência de luto nos reconecta com nossa história, com o peso de cada um dos indivíduos que nos emprestou elementos com os quais nos identificamos. Somos a somatória daquilo tudo que uma vez amamos, uma coleção particular, única, mas ligado a uma rede de pessoas que nos ajudou a ser alguém. Se negamos a nossa pertença a essa rede, é normal que o luto vá ser mais complicado, na verdade não sentimos como luto e sim como uma injustificada depressão, que como é desligada de tudo, parece genética, orgânica, uma falha cerebral.

IHU On-Line - Como compreender o fato de que para algumas pessoas a morte é algo abominável e para outras exerce um grande fascínio? Quais os riscos que há nas duas perspectivas?

Mário Corso - A morte é nosso limite, não há como ela não assustar e não nos fascinar. Acho que enquanto uns acreditam que evitá-la é a melhor estratégia para não temê-la, outros acreditam que desafiá-la é a maneira de dizer que não tem medo. Mas existe algo a mais, concordo com Simone de Beauvoir⁴

⁴ **Simone de Beauvoir** (1908-1986): escritora, filósofa existencialista e feminista francesa. Ligou-se pessoal e intelectualmente ao filósofo francês Jean-Paul Sartre. Entre seus ensaios críticos cabe destacar *O Segundo*

quando diz que a mulher, por dar a vida, está ligada a ela, enquanto o homem extrai sua identidade do papel de quem tira a vida, como guerreiro, soldado. O arquétipo masculino é de quem se prova contra a morte, ou é seu representante ou instrumento. Logo, quando temos masculinidades instáveis, para assumir seu valor, e mostrar que ele é homem, ele pode, mais facilmente que a mulher, matar. Assim, a morte como as armas, podem ser um fetiche para masculinidades frágeis.

IHU On-Line - Em que medida a morte poder ser interpretada como um sentido para a vida?

Mário Corso - Sou da geração que viu a aids dizimar muita gente. Eu mesmo perdi muitos amigos próximos. Quando chegava o diagnóstico, eu percebia duas atitudes distintas, uns se desorganizavam de vez e morriam rapidamente. Outros, sabendo que seu tempo seria curto, se organizavam para viver alguma coisa.

Paradoxalmente, um sinal da proximidade da morte organizava vidas que andavam sem sentido, sobreviver tornou-se um sentido e muitos foram bem longe e outros ainda estão vivos. Creio que, de certa forma, na vida de cada um, essa experiência que se dá pela doença é quase caricata, da forma

Sexo (1949), uma profunda análise sobre o papel das mulheres na sociedade; *A velhice* (1970), sobre o processo de envelhecimento, onde teceu críticas apaixonadas sobre a atitude da sociedade para com os anciãos; e *A cerimônia do adeus* (1981), onde evocou a figura de seu companheiro de tantos anos, Sartre. (Nota da IHU On-Line)

como se mostra. Passamos a ser mais responsáveis quando sabemos que nosso tempo é limitado.

IHU On-Line - Como compreender o suicídio? Que questões estão em jogo e o que leva a esse extremo?

Mário Corso - Não existe o suicida, é sempre caso a caso. Difícil responder uma pergunta que pede uma generalização. Mas, em muitos casos, eles não querem morrer; na fantasia, só querem matar a parte dentro de si que os impede de viver. Recentemente, conheci um jovem que queria matar sua parte homossexual. Outro, o pai que o abandonou na infância e que nunca se refez das esperas das visitas que nunca aconteceram. Enfim, não há uma resposta única para esse ato desesperado de fazer uma marca no mundo, nem que seja pelo avesso, sendo uma falta.

IHU On-Line - O suicídio ainda é tratado como tabu. Como superar essa perspectiva e encarar a questão como saúde pública?

Mário Corso - É muito delicado, porque, se ao mesmo tempo precisamos tratar do assunto (os índices no nosso estado são elevadíssimos), é necessário muito cuidado para não romantizar o ato, pois isso encoraja novos suicídios. Apenas uma regra é comum no suicídio, eles são contagiosos. Um suicídio público, espetacular, anima outros, por isso o silêncio correto da imprensa. Mas precisamos criar maneiras alternativas de falar sobre o suicídio. Não é uma tarefa fácil. ■

LEIA MAIS

- *O flerte dos adolescentes e jovens com a morte*. Entrevista com Mário Corso, publicada na revista **IHU On-Line**, número 312, de 26-10-2009, disponível em <http://bit.ly/2dD4ZES>.
- *‘O grande medo dos jovens é não encontrar um lugar no mundo adulto’*. Entrevista com Mário Corso, publicada na revista **IHU On-Line**, número 273, de 15-9-2008, disponível em <http://bit.ly/2eKlOLY>.
- *A grande experiência da revolução sexual não se deu*. Entrevista com Mário Corso, publicada na revista **IHU On-Line**, número 173, de 27-3-2006, disponível em <http://bit.ly/2ep4UE1>.

Um outro *status* de luto

As sociólogas norte-americanas Jennifer Branstad e Nina Cesare estudam a morte em redes sociais e como, diante desse suporte, o luto é vivenciado

Por João Vitor Santos | Tradução: Walter O. Schlupp

Axperiência da morte de alguém conhecido mobiliza não só sentimentos, mas também ações. Quem já vivenciou essa experiência em comunidades menores, sabe que esses lugares literalmente param para realizar os atos fúnebres. E, depois, ainda há todos os ritos do estado de luto. Porém, a experiência “moderna” tem subvertido um pouco essa lógica. “Nos países ocidentais, especialmente nos Estados Unidos, a dor foi relegada à esfera privada, familiar, em meados do século XX”, pontuam as sociólogas Jennifer Branstad e Nina Cesare, ao lembrarem que a morte deixa de ser “experienciada” em comunidade e passa para uma esfera privada. “Especialistas sugeriam às pessoas próximas de quem faleceu que tocassem rapidamente em frente, sendo que discussões sobre morte e tristeza muitas vezes se limitavam a pequeno círculo de amigos íntimos e familiares”, completam.

Jennifer e Nina observam que as redes sociais parecem estar trazendo uma outra forma de vivenciar o luto. Não chega a ser um resgate da forma clássica de luto em comunidade, mas também faz a dor da perda extrapolar

a esfera do privado, do pequeno círculo. “Mudanças sociais - como a introdução da mídia social - podem estar contribuindo para redirecionar o processamento social da morte. Podemos estar assistindo a uma abertura do conversar sobre a morte”, analisa a dupla, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. “Em nosso estudo, descobrimos que as pessoas compartilham emoções (como dor e tristeza) e também informações, inclusive artigos”.

Jennifer Branstad e Nina Cesare são sociólogas, doutorandas no Departamento de Sociologia da Universidade de Washington, Estados Unidos. Têm-se envolvido em uma série de projetos de pesquisa que usam os dados do Twitter para estudar o mundo social. Na sua atual pesquisa, analisaram 39 perfis do Twitter de pessoas falecidas e as compararam com outros, do Facebook, para estudar as conversas e o comportamento das pessoas diante da morte. O jornal El País, 28-8-2016, publicou uma reportagem sobre a pesquisa que pode ser acessada em <http://bit.ly/2exw3bJ>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line- Como a morte aparece nas redes sociais?

Jennifer Branstad e Nina Cesare - A morte aparece de várias maneiras nas redes sociais. Pessoas podem fazer postagens sobre seus amigos falecidos e membros da família e compartilhar informações (incluindo artigos da imprensa) sobre pessoas falecidas que elas podem ou não ter conhecido fora da internet. Muitas vezes, o perfil do usuário falecido continua a existir

após sua morte e pessoas continuam interagindo com esse perfil. A forma como a morte é reconhecida pode variar, dependendo da relação entre o sobrevivente e o falecido, e da estrutura da plataforma de mídia social utilizada.

IHU On-Line - De que forma as pessoas reagem à morte nas redes sociais?

Jennifer Branstad e Nina Cesare - Reações à morte variam conside-

ravelmente. Trabalhos anteriores de Brubaker¹ e colegas constataam que os sobreviventes muitas vezes compartilham sentimentos muito pessoais e emocionalmente car-

¹ **Jed Brubaker**: professor assistente no departamento de Ciência da Informação da Universidade do Colorado em Boulder, Estados Unidos, onde realiza pesquisas sobre identidade digital, mídia social e humana centrada na computação. Nos últimos seis anos, tem estudado “afterlives digitais” com o objetivo de melhorar a gestão de contas e os dados de pessoas mortas. (Nota da **IHU On-Line**)

regados sobre a morte e sobre a pessoa falecida na mídia social. Em nosso estudo, descobrimos que as pessoas compartilham emoções (como dor e tristeza), e também informações, inclusive artigos. Também constatamos que no Twitter alguns indivíduos comentam sobre a natureza da morte. Esses comentários são, por vezes, confirmações e julgamentos sobre a causa da morte (como condução imprudente) ou sobre a pessoa que morreu (como terroristas).

Em alguns casos, a morte de indivíduos desconhecidos recebe muita atenção e a pessoa falecida torna-se símbolo de um problema maior. Por exemplo, depois de um/a adolescente ser assassinado/a por alguém com doença mental, pessoas usaram o Twitter para comentar sua morte trágica e conclamar para a reforma da saúde mental.

IHU On-Line - É possível afirmar que as redes sociais proporcionam novas formas de se vivenciar o luto? Quais são as particularidades desse luto?

Jennifer Branstad e Nina Cesare - O processamento social da morte e do luto depende de época e lugar. Nos países ocidentais, especialmente nos Estados Unidos, a dor foi relegada à esfera privada, familiar, em meados do século XX. Nessa época, especialistas sugeriam às pessoas próximas de quem faleceu que tocassem rapidamente em frente, sendo que discussões sobre morte e tristeza muitas vezes se limitavam a pequeno círculo de amigos íntimos e familiares. Mudanças sociais - como a introdução da mídia social - podem estar contribuindo para redirecionar o processamento social da morte. Podemos estar assistindo a uma abertura do conversar sobre a morte. Não podemos dizer que a mídia social está necessariamente causando essa mudança, mas de alguma forma pode estar ajudando ou facilitando isso.

IHU On-Line - Como a morte nas redes sociais tensiona as esferas da vida pública e privada?

Jennifer Branstad e Nina Cesare - O grau de visibilidade da morte nos espaços de mídia social - se é um evento público ou privado - depende da mídia social em questão. Em nosso estudo, vemos luto no Facebook como uma experiência bastante íntima, uma vez que luto visível nesse site se limita à rede social de um usuário. Aviso de falecimento no Twitter pode ser uma experiência mais pública, uma vez que o Twitter funciona tanto como divulgação de informações quanto como espaço social.

IHU On-Line - Que associações e dissociações podemos fazer entre a comunicação das mortes em redes sociais e a editoria de obituário, tradicional, ainda praticada na imprensa?

Jennifer Branstad e Nina Cesare - Nosso estudo não procura traçar paralelos entre esses dois fenômenos. No entanto, podemos dizer que o luto público não é um fenômeno novo. Embora o século XX se caracterize por uma "privatização" da morte nas sociedades ocidentais, vemos exemplos de luto público aflorando de tempos em tempos. Obituários são exemplo disso. Em nosso artigo², percebemos o reconhecimento da morte em mídias sociais como apenas mais uma forma de luto público - embora num contexto novo, mais imediatamente interativo.

IHU On-Line - Há distinções, no tratamento da morte, entre Twitter e Facebook? Quais?

Jennifer Branstad e Nina Cesare - Pesquisas anteriores verificaram que as comunicações no Facebook e MySpace são muito íntimas e pessoais (vide estudos de Brubaker e colegas). Nesses sites, as pessoas mandam mensagens íntimas de luto, assim como suas memórias sobre o falecido. Muitas vezes, essas mensagens se dirigem diretamente à pessoa falecida (como "sinto sua falta").

² As entrevistadas estão compilando dados sobre a pesquisa e produzindo um artigo que, atualmente, está em fase de revisão. (Nota da **IHU On-Line**)

Em nosso artigo, registramos tendências semelhantes no Twitter. Entretanto, constatamos também que no Twitter as pessoas expressam uma ampla gama de sentimentos e comentam diretamente sobre e para pessoas que não conheciam na vida real. Por causa da estrutura e das normas do Twitter, os laços não são necessariamente dirigidos ou retribuídos no Twitter, significando que qualquer pessoa pode dirigir um comentário para qualquer outra pessoa usando o símbolo @. Isso implica que os usuários que podem não estar envolvidos de alguma outra maneira numa conversa sobre a morte de um usuário podem ficar sabendo do falecimento tanto quanto oferecer sua reflexão sobre vida e legado do usuário.

IHU On-Line - A morte no chamado mundo real não ocorre ao mesmo tempo que a "morte" nas redes sociais. Que tensionamentos provoca essa vida virtual de quem já partiu?

Jennifer Branstad e Nina Cesare - Quando as pessoas são confrontadas com perfis de usuários falecidos, elas podem ser motivadas a pensar mais sobre eles e/ou expressar opiniões sobre eles. Nós reconhecemos que os eventos de vida são visíveis nas mídias sociais, mas nosso estudo não aborda diretamente esta associação.

IHU On-Line - O que ocorre quando uma pessoa morre e seu perfil continua ativo numa rede social?

Jennifer Branstad e Nina Cesare - Sites de mídia social variam em seus termos de uso sobre os usuários falecidos. Facebook³ e Twitter⁴ possuem páginas específicas com orientações sobre essa situação. ■

³ A referida página do Facebook está disponível em <http://bit.ly/2e3mV9z>. (Nota das entrevistadas)

⁴ A referida página do Twitter está disponível em <http://bit.ly/2eJHYaJ>. (Nota das entrevistadas)

Pietàs cinematográficas

Por Vitor Necchi

A célebre escultura de Michelangelo que retrata a Virgem Maria amparando em seu colo o Cristo morto é uma referência recorrente para cineastas. Atualmente instalada na Basílica de São Pedro, no Vaticano, ela surpreende pelas circunstâncias. “Maria tem uma fisionomia não apenas resignada, mas jovem. Em seu colo, deitado sobre seu manto, a pose de Cristo se assemelha a uma criança que dorme junto à mãe. As mãos da mulher foram construídas a partir de uma certa ambivalência: a direita sustenta o corpo inerte; a outra, suspensa, parece que apresenta, com alguma incredulidade, o filho desafortunado”, descreve Vitor Necchi.

No artigo¹, o jornalista e professor identifica na filmografia mundial obras que recriam um dos fatos mais marcantes da cristandade, que no imaginário do mundo ocidental tem na obra de Michelangelo a síntese perfeita. No mármore cinzelado, Jesus Cristo foi representado numa dimensão menor que a de sua mãe, de modo que ela pudesse amparar plenamente o corpo adulto do filho. No cinema, diferentes composições emulam a *Pietà* e, em sentido mais amplo, a própria história de Maria e Jesus, com variações próprias a cada narrativa audiovisual.

Vitor Necchi é jornalista, mestre e doutorando em Comunicação Social. Lecionou na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos e na Universidade Feevale. Atualmente, é jornalista do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Coordenou os cursos de Jornalismo da PUCRS e de Realização Audiovisual da Unisinos. Foi editor da revista NORTE - Livros, artes e ideias; repórter, editor e coordenador de produção do jornal Zero Hora; assessor de comunicação do presidente do Banco do Estado do Rio Grande do Sul - Banrisul e assessor de comunicação do vice-prefeito de Porto Alegre.

Eis o artigo.

Há criações que representam com tamanha intensidade ou fidelidade uma circunstância ou um sentimento que viram uma espécie de emblema do fato original. É o caso da *Pietà*, de Michelangelo², escultura

¹ Uma versão preliminar deste texto foi publicada na revista Arquipélagos, do Instituto Estadual do Livro - IEL do Rio Grande do Sul, em 2006. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni** (1475 -1564): mais conhecido simplesmente como Michelangelo ou Miguel Ângelo, foi um pintor, escultor, poeta e arquiteto italiano, considerado um dos maiores criadores da história da arte do ocidente. Ele desenvolveu o seu trabalho artístico por mais de setenta anos entre Florença e Roma, onde viveram seus grandes mecenas, a família Medici de Florença e vários papas romanos. Iniciou-se como aprendiz dos irmãos Davide e Domenico Ghirlandaio em Florença. Tendo o seu talento logo reconhecido, tornou-se um protegido dos Medici, para quem realizou várias obras. Depois fixou-se em Roma, onde deixou a maior parte de suas obras mais representativas. Sua carreira se desenvolveu na transição do Renascimento para o Maneirismo, e seu estilo sintetizou influências da arte da Antiguidade clássica, do primeiro Renascimento, dos ideais do Humanismo e do Neoplatonismo, centrado na representação da figura humana e em especial no nu masculino, que retratou com enorme pujança. Várias de suas criações estão entre as mais célebres da arte do ocidente, destacando-se na escultura o Baco, a *Pietà*, o Da-

terminada em 1499 que se confunde no imaginário do mundo ocidental com a própria cena da comiseração da Virgem Maria, a mãe piedosa, que acolhe em seu colo o rebento morto. Esta é uma imagem tão forte, tão eivada de significado, tão arquetípica, que a visão de uma pessoa jazida sobre o colo de alguém remete à célebre obra que o artista italiano criou em mármore, com surpreendente capacidade de extrair detalhes da pedra bruta.

No cinema, que se vale fartamente de citações, é comum associar à *Pietà* cenas nas quais os personagens compõem uma situação que remete à clássica circunstância do Cristo morto acolhido pela mãe condói-

vid, as duas tumbas Medici e o Moisés; na pintura, o vasto ciclo do teto da Capela Sistina e o Juízo Final no mesmo local, e dois afrescos na Capela Paulina; serviu como arquiteto da Basílica de São Pedro, implementando grandes reformas em sua estrutura e desenhando a cúpula, além de remodelar a praça do Capitólio romano e projetar diversos edifícios. Também escreveu grande número de poesias. (Nota da **IHU On-Line**)

da, mas ao mesmo tempo portadora de traços serenos, profundamente serenos. A personagem cinzelada por Michelangelo em plena Renascença subverteu práticas recorrentes na cristandade, que usualmente associa morte a dor e a sofrimento, e legou para a posteridade de uma mãe resignada, com uma piedade - *pietà* - que suplanta a própria dor.

A estátua, atualmente instalada na Basílica de São Pedro, no Vaticano, surpreende pelas circunstâncias. Maria tem uma fisionomia não apenas resignada, mas jovem. Em seu colo, deitado sobre seu manto, a pose de Cristo se assemelha à de uma criança que dorme junto à mãe. As mãos da mulher foram construídas a partir de uma certa ambivalência: a direita sustenta o corpo inerte; a outra, suspensa, parece que apresenta, com alguma incredulidade, o filho desafortunado.

Tamanha força alegórica mobiliza vários cineastas a criarem suas *pietàs* cinematográficas. Algumas cenas já se tornaram clássicas na filmografia mundial. A começar pelo diretor sueco Ingmar Bergman³. No claustrofóbico e perturbador *Gritos e sussurros* (1973), ele conta a história de duas irmãs (interpretadas por Liv Ullmann e Ingrid Thulin) e uma empregada (Kari Sylwan) que acompanham no casarão de campo da família a agonia da terceira irmã (Harriet Andersson). A morte, aliás, é tema recorrente na filmografia do cineasta. O exemplo mais emblemático talvez seja *O sétimo selo* (1959), em que um cavaleiro retorna das Cruzadas e joga uma partida de xadrez com a Morte.

Em *Gritos e sussurros*, Bergman se vale de closes das personagens para montar uma espécie de galeria da dor, do sofrimento, da incomunicabilidade, da agressão, da repressão e da resignação sustentada por um impressionante elenco feminino e pela dramática fotografia de Sven Nykvist, seu parceiro habitual. O rosto humano é um personagem à parte, devido ao destaque dado à expressividade latente em ângulos, olhares e traços. Em flashbacks pontuados pelas faces das quatro mulheres, os ódios reais e presumidos e a frieza das relações familiares deterioradas ressurgem através das tensões vividas nos longos ambientes mobiliados com comedimento, mas onde o vermelho - no tapete, nas almofadas, nas paredes - se impõe como o tom dominante da trama.

Por causa da total incapacidade dos laços sanguíneos na construção ou manutenção de afetos, coube à dedicada e amorosa Anna suprir a patroa acamada, Agnes, de atenção e cuidados, de abraços e beijos suaves que cobrem a boca e o rosto retesados pela dor intensa. É da empregada de corpo farto como uma mo-

delo renascentista que provêm o calor e o amparo do seio desnudo e o colo que dá amparo na morte para a personagem cujo nome remete à Paixão (*Agnus Dei*, Cordeiro de Deus). Após um improvável diálogo entre as duas irmãs com a caçula morta e depois da recusa delas em lidar com o cadáver, é Anna quem assume para si o papel da Virgem Maria e abriga junto de si a morta. Num ato de piedade, ela é a única que não repele o corpo inerte. Recosta-se na cabeceira da cama e acolhe a patroa em seu colo.

No mítico e idealizado Pampa gaúcho, território onde foi forjada a identidade dos brasileiros nascidos no mais meridional dos estados brasileiros, o cineasta Sérgio Silva⁴ subverte as representações mais tradicionais do gaúcho com seu filme *Anahy de las Misiones* (1997) e ousa ao propor uma versão gay da *Pietà*. Na trama, a personagem principal, interpretada com vigor por Araci Esteves, tenta manter sua família unida e viva. Para tanto, engendra um êxodo interminável pelo Rio Grande, garantindo a sobrevivência com a prática do carcheio (apropriação de pertences dos mortos após as batalhas a fim de vendê-los para outros combatentes).

O filme - ao contrário do que se possa supor num primeiro momento - não despreza os elementos que integram a identidade gaúcha hegemônica. A chave para se entender o que faz de *Anahy* uma obra distinta na cinematografia produzida no Rio Grande do Sul, no que se refere à representação do gaúcho, remete a um processo de deslocamento de gênero. Isso ocorre na medida em que atributos que se poderiam considerar próprios do gaúcho se encontram registrados no filme não em personagens masculinos, mas em uma mulher. Outro aspecto relevante para se entender a subversão do filme é o fato de que a figura masculina aparece fragilizada em sua representação. A começar pela ausência de batalhas numa história cuja ação transcorre, justamente, durante a mais enaltecida e mítica guerra travada em solo rio-grandense. O filme não mostra cenas de combate, nem guerreiros indômitos. Os soldados apresentados estão derrotados, agonizando, ensanguentados ou mortos.

De maneira sutil, o diretor apresenta elementos que sugerem uma relação homoerótica entre Teo e Manoel, mas é na morte do casal de homens que o cineasta, valendo-se da referência, consagra a relação. Num dos tantos campos de batalha por onde a família cruza, a filha de Anahy descobre a dupla morta. O soldado se encontra sentado no chão, recostado em uma pedra. O corpo de Teo repousa inerte sobre o colo do amante, criando uma dramática e pungente cena.

3 **Ernst Ingmar Bergman** (1918-2007): dramaturgo e cineasta sueco. Estudou na Universidade de Estocolmo, onde se interessou por teatro e, mais tarde, por cinema. Iniciou a carreira em 1941, escrevendo a peça teatral *Morte de Kasper*. Em 1944, desenvolveu o primeiro argumento para o filme *Hets*. Realizou o primeiro filme em 1945, *Kris*. Seus trabalhos lidam geralmente com questões existenciais, como a mortalidade, a solidão e a fé. Sobre o cineasta, confira a entrevista com Andreia Vasconcellos, intitulada *Bergman e o contínuo turbilhão contraditório da dúvida existencial*, publicada na revista **IHU On-Line** número 412, de 18-12-2012, disponível em <http://bit.ly/2eX8goZ>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Sérgio Silva** (1945-2012): foi um cineasta brasileiro. Como diretor e roteirista, realizou 21 filmes, sendo a maior parte deles curtas-metragens e vários realizados nas bitolas 16 mm e super-8. *Sem tradição, sem família e sem propriedade*, de 1968, é considerado um dos primeiros filmes em super-8 com intenção artística realizados no Brasil. *Adiós, América do Sul* conquistou em 1984 a medalha de prata no Festival Internacional da UNICA, em Saint-Nazaire, na França. Sérgio Silva foi professor dos departamentos de Arte Dramática e de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. (Nota da **IHU On-Line**)

Outros dois homens compõem mais uma versão da *Pietà*, unidos - aparentemente - pela criminalidade, até que o desfecho da trama prove o contrário. *Cães de aluguel* (1992), estreia de Quentin Tarantino⁵ no cinema, é um filme policial recheado de intriga e comédia. Tem também muita violência, sangue e diálogo para contar a história de um grupo reunido por Joe Cabot (Lawrence Tierney), um tarimbado criminoso, para fazer um grande roubo de diamantes. Ninguém se conhece direito, e cada um tem uma cor como codinome. Na hora do assalto, vários policiais estavam no local.

Mr. White (Harvey Keitel) escapa com Mr. Orange (Tim Roth). Na fuga, Mr. Orange leva um tiro e começa a sangrar. Sangra muito, e vai morrer se não receber cuidados médicos. A dupla foge para um armazém - local de onde partem os flashbacks que conta a preparação do crime e onde todos iriam se encontrar depois do assalto. No meio da agonia, chega Mr. Pink (Steve Buscemi), convicto de que um dos homens é um policial disfarçado. Impõe-se a dúvida: quem é o traidor? Forma-se então um triângulo de desconfianças, em que cada vértice aponta a arma para outro comparsa, estabelecendo um clima de tensão que presumivelmente acabaria em mais sangue.

Após a profunda tensão estabelecida pela desconfiança, as armas disparam, e as três pontas do triângulo desabam. Perto deles, Mr. Orange seguia agonizando. Mr. White se arrasta e tenta amparar o moribundo, a quem tentou defender, afirmando para o chefe do bando que se tratava de um bom garoto, que ele não era traidor. Mr. White, embora ferido, encontra forças para acolher um desesperado Mr. Orange, que não suporta a sangueira onde se encontra atirado. Quando a dupla, enfim, encarna a posição da *Pietà*, Mr. Orange, em seu estertor, balbucia a confissão: ele era tira. Traído, enganado, decepcionado, Mr. White afasta sua mão que acolhia no colo o corpo ferido do bom garoto e aponta a arma para a cabeça do tira, transmutando a piedade em decepção e raiva.

E numa inversão de papéis, em *Central do Brasil* (1998), de Walter Salles⁶, o filho (Vinicius de Oliveira) ampara uma mulher, Dora (Fernanda Montenegro), que assume o papel de mãe durante a viagem. Josué é um garoto cuja mãe morreu atropelada em São Paulo, após ambos desembarcarem na estação. Sozinho e perdido, contrata os serviços de Dora, uma professora aposentada que ganha um troco a mais escrevendo

cartas para analfabetos que circulam na Central do Brasil, em São Paulo. Ele quer achar o pai que nunca conheceu. A trama se desenrola até que Dora acaba acompanhando Josué numa imersão pelas entranhas do Nordeste, em busca do pai desconhecido.

A dupla embarca num caminhão típico de boias-frias, mas lotado de romeiros que rumam até uma festa religiosa em Bom Jesus, cidade onde supostamente moraria o homem. Anoincece, e a dupla está sem dinheiro, faminta e exausta. Discutem, e o menino dispara para o meio da multidão de fiéis. Dora corre à procura de Josué, entra numa casa lotada de ex-votos e, exaurida, desmaia. Quando ela acorda, a noite já havia dado lugar ao dia, e sua cabeça repousa no colo do menino. Na *Pietà* original, Michelangelo alterou a proporção dos corpos. Jesus Cristo foi representado numa dimensão menor que a de sua mãe, de modo que ela pudesse amparar plenamente o corpo adulto do filho. Em *Central do Brasil*, mesmo com pouca estatura, é o garoto que ampara o corpo maior. Despertada pelo brilho da alvorada, Dora sorri no aconchego da perna franzina.

As referências cinematográficas em torno da obra de Michelangelo são tantas que o filme vencedor do Festival de Veneza de 2012 se chama *Pietà*. Dirigido pelo sul-coreano Kim Ki-Duk⁷, conta a história um homem cruel e frio, que trabalha como cobrador para agiotas. Vive solitariamente, mutilando devedores, até que um dia aparece uma mulher dizendo que era sua mãe. A referência à escultura é cena crucial para o filme. Ki-Duk, em entrevista durante o festival, contou: “Estive duas vezes no Vaticano e vi essa obra-prima. Para mim, aquele abraço da mãe em seu filho é um abraço em toda a humanidade que sofre. É um símbolo do compartilhamento da dor e do sofrimento”.

A lista vai longe. Na obra de Alfred Hitchcock⁸, há referências à *Pietà* em pelo menos quatro filmes: *Intervenção* (1946), *A tortura do silêncio* (1953), *Janela indiscreta* (1954) e *Topázio* (1969). Outra *Pietà* similar à de Sérgio Silva aparece em *Garotos de programa* (1991), filme de Gus Van Sant. Prova de que a cadeia de referências não tem fim, estabelecendo uma teia de sentidos ampliados em torno da experiência humana. ■

⁵ **Quentin Jerome Tarantino** (1963): é um premiado diretor, roteirista, produtor de cinema e ocasionalmente ator dos Estados Unidos. Alcançou a fama rapidamente no início da década de 1990 por seus roteiros não-lineares, diálogos memoráveis e o uso de violência, que trouxeram uma vida nova ao padrão de filmes norte-americanos. É o mais famoso dos jovens diretores por trás da revolução de filmes independentes dos anos 1990, tornando-se conhecido pela sua verbosidade, seu conhecimento enciclopédico de filmes, tanto populares, quanto os considerados “cinema de arte”. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Walter Moreira Salles Jr.** (1956): cineasta brasileiro, filho do embaixador Walther Moreira Salles, adquiriu projeção internacional, especialmente após os seus filmes que foram nomeados para o Oscar. Seu primeiro filme relevante, *Terra estrangeira*, foi rodado em 1995 e premiado como melhor filme do ano no Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Kim Ki-duk** (1960): é um cineasta sul-coreano. É um dos mais conhecidos representantes da vanguarda cinematográfica da Coreia do Sul. Provém de uma família de classe operária e não recebeu formação técnica como cineasta, começando sua carreira na idade relativamente tardia de 33 anos como roteirista e diretor. Autor de cerca de 20 obras, às vezes altamente experimentais, é sensível o ritmo pausado de seu cinema, o forte conteúdo visual muitas vezes sangrento, o parcimonioso uso do diálogo e a ênfase em elementos criminais ou marginais da sociedade. Este último reflete a posição de Kim dentro da sociedade sul-coreana em geral, e o âmbito fílmico em particular. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ **Alfred Joseph Hitchcock** (1899-1980): foi um cineasta britânico. Considerado o “Mestre dos filmes de suspense”, foi um dos mais conhecidos e populares realizadores de todos os tempos. A estreia de Alfred Hitchcock em Hollywood foi com *Rebecca* (1940), que veio a vencer o Oscar de melhor filme. Este foi o único filme do diretor a ganhar um Oscar nessa categoria. Nas três décadas seguintes, Hitchcock dirigiu praticamente um filme por ano em Hollywood. (Nota da **IHU On-Line**)

Música contribui para ressignificar a morte

José Reinaldo Felipe Martins Filho ressalta que composições próprias para celebrações religiosas são um instrumento do simbólico - quem sabe um instrumento do próprio sagrado

Por João Vitor Santos | Edição: Vitor Necchi

A experiência humana é representada pelas artes, e a morte ocupa um lugar privilegiado neste enredo, afirma o professor José Reinaldo Felipe Martins Filho, que tem formação em Filosofia, Teologia e Música. “Desde as antigas tragédias gregas é possível encontrar o contraste entre vida e morte, o desfecho infortúnio do herói trágico, as desventuras coadjuvantes dos que apenas incrementavam a trama com sua morte.” Com a ascensão do cristianismo e sua promessa de uma vida eterna, a música foi impactada.

Martins Filho, em entrevista concedida por e-mail para a revista **IHU On-Line**, diz que, frente à impossibilidade de compreender a morte, “nada mais oportuno que diante dela silenciar-se”. E o silêncio fúnebre é evocado de diferentes maneiras pelas mais diversas religiões, “seja com um toque instrumental, uma peça para órgão ou, mesmo, algumas badaladas de sinos”.

A história da música apresenta recorrências na maneira de representar elementos que caracterizam a morte: “sons graves indicam movimento descendente, isto é, para baixo, para o que está embaixo (inferno, túmulo, morte), enquanto o agudo tende para cima, para o alto e as coisas eternas (a vida celestial, a eternidade)”.

O professor ressalta que a música, “inserida no âmbito das celebrações religiosas como um instrumento do simbólico - quem sabe como um instrumento do próprio sagrado”, não contribui em nada para o entendimento da morte. Porém, pode ajudar a ressignificar a morte e o morto, “quem sabe até ao ponto de aceitá-la como parte do fluir natural de todo ser vivente”.

José Reinaldo Felipe Martins Filho possui formação em Filosofia, Teologia e Música, com mestrado em Filosofia e em Música, ambos pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Atualmente desenvolve sua pesquisa de doutoramento em Ciências da Religião junto à Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-Goiás. Desde 2010 é membro colaborador do Círculo Latino-Americano de Fenomenologia - CLAFEN, a partir de 2014 do Laboratório de Musicologia Braz Wilson Pompeu de Pina Filho, da UFG, e do Grupo de Pesquisa em Religião, Cultura e Sociedade, da PUC-Goiás. Atualmente é professor no Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás - IFITEG, no Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz e na PUC-Goiás. É autor de *Fenomenologia e Subjetividade: a retomada e a crítica de Husserl a Heidegger*, pela Editora Prismas, e de uma série de artigos publicados em revistas nacionais e internacionais.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como a morte está presente na música?

José Reinaldo Felipe Martins Filho - Em primeiro lugar, acredito que falar sobre a morte significa

tocar um dos principais simbolismos do ser humano, em qualquer realidade ou cultura. Em diferentes épocas e lugares, a morte sempre despertou o interesse do

homem. Conforme um antigo ditado alemão, basta nascer e já se é velho o suficiente para morrer. Ou ainda, como diriam os medievais, a morte é uma realidade da qual

nenhum ser vivente pode escapar; uma realidade capaz de igualar ricos e pobres, bonitos e feios, homens e mulheres. Diante de sua soberania, todos perecem. A esse respeito escreveria o cisterciense Hélinand de Froimont¹, em 1194: “a morte libera o escravo / a morte submete rei e papa / e paga a cada um seu salário / e devolve ao pobre o que ele perde / e toma do rico o que ele abocanha”. Os medievais a tomavam como companheira e musa inspiradora. Declamada por alguns, esculpida, desenhada ou pintada por outros e, enfim, cantada. Se as artes souberam representar o ser humano em seus dramas e esperanças, é verdade que a morte ocupou neste enredo um lugar privilegiado.

Desde as antigas tragédias gregas é possível encontrar o contraste entre vida e morte, o desfecho infartúnio do herói trágico, as desventuras coadjuvantes dos que apenas incrementavam a trama com sua morte. Por conseguinte, com a ascensão do cristianismo - e, mormente, de sua promessa de uma vida eterna, que jamais encontraria o caso -, a relação morte/vida ganharia um novo acento. Assim, na história da música, como não poderia ser diferente, identificamos a morte do começo ao fim. Já Monteverdi², em uma das primei-

ras óperas de que se tem notícia, narrara a trama do grande Orfeu, o filho da Musa, que não apenas testemunhou a morte de sua amada Eurídice, como, também ele próprio, descera às profundezas do Hades³, encantando os deuses com sua música e, conseqüentemente, sobrevivendo a tais façanhas. Quem sabe Monteverdi já estivesse consciente desta capacidade inerente à música de transitar entre o mundo dos vivos e dos mortos. Dali em diante, seja como tema dos mais variados estilos musicais (e a narrativa da morte de Cristo seria uma das mais recorrentes), seja como estilo autônomo para as liturgias cristãs (o *réquiem*⁴, por

nascimento para um estilo mais livre, dramático e dissonante, baseado na monodia e nas convenções do baixo contínuo e da harmonia vertical, que se tornaram as características centrais da música dos períodos seguintes, o Maneirismo e o Barroco. Considerado o último grande madrigalista, certamente o maior compositor italiano de sua geração, um dos grandes operistas de todos os tempos e uma das personalidades mais influentes de toda a história da música do ocidente. Sua elevada estatura musical deriva de ter empregado recursos existentes com uma força e eficiência sem paralelos em sua geração e integrado diferentes práticas e estilos em uma obra pessoal rica, variada e muito expressiva. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Hades**: deus do mundo subterrâneo da mitologia grega (ou Plutão, na mitologia romana), filho de Cronos e Reia, irmão de Zeus, Héstia, Demeter, Hera e Poseidon. Era casado com Perséfone (Cora para os romanos), raptada do mundo superior, para ter como sua rainha. Este mito ficou muito conhecido como o rapto de Cora. Ele a traiu duas vezes, uma quando teve um caso com a ninfa do Cócito e também quando se apaixonou por Leuce, filha do Oceano. Hades dominava o reino dos mortos, um lugar onde só imperava a tristeza. Conseguiu esse domínio através de uma luta contra os titãs, que Poseidon, Zeus e ele venceram. Assim Poseidon ficou com o domínio dos mares, Zeus, com o céu e a Terra, e Hades, com o domínio das profundezas. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Réquiem**: missa (cerimônia religiosa cristã) especialmente composta para um funeral. Na música, contém passagens bíblicas e orações para a entrada dos mortos no céu. O termo (*réquiem*) tem sido ocasionalmente associado a outras composições musicais em honra aos mortos. Os réquiems mais famosos foram compostos por Mozart, Brahms e Verdi. Mozart (1756-1791) compôs o Réquiem K.626, contudo, trabalhando em outros projetos e com a saúde cada vez mais enfraquecida, morreu no dia 5 de dezembro, deixando a obra inacabada (há uma lenda que diz que estaria compondo o réquiem para que a obra fosse tocada em sua própria missa de sétimo dia). A peça foi completada por Franz Süssmayr, seu discípulo. (Nota da **IHU On-Line**)

exemplo), a morte sempre estaria presente como tema para a composição dos tecidos musicais.

IHU On-Line - Qual o papel da música nos rituais fúnebres e de morte?

José Reinaldo Felipe Martins Filho - Se, como acabo de afirmar, parece impossível tomar em conta a história da música sem perceber as diferentes ênfases dadas à morte por parte dos compositores, há, certamente, espaços privilegiados para esta manifestação, entre os quais não poderíamos deixar de recordar os rituais fúnebres. Aqui reside uma ambigüidade. Entre as várias tentativas de exprimir conceitualmente o que vem a ser a música, é possível dizer: música é uma combinação ordenada entre sons e silêncios. Desse modo, por mais que sempre nos reframos à música como o resultado de uma produção sonora, não há música que prescindida do silêncio.

Noutras palavras, silêncio e som são as duas faces do fenômeno musical. Digo isso porque, caso pensemos os ritos fúnebres das diferentes religiões, iremos logo identificar estruturas rituais em que a música desempenha um papel secundário ou, na melhor das hipóteses, a incumbência de facilitar o silêncio. Há, por assim dizer, uma música cuja finalidade não é outra senão construir o silêncio. Já que a morte não pode ser efetivamente compreendida, nada mais oportuno que diante dela silenciar-se. Distintas tradições religiosas possuem distintos modos de evocar o silêncio fúnebre. Seja com um toque instrumental, uma peça para órgão ou, mesmo, algumas badaladas de sinos. Em casos como estes, o fenômeno sonoro propriamente dito atua como preâmbulo para o espaço do luto, para a resignação e a sobriedade próprias à celebração de um funeral.

Em outros casos, no entanto, a música constitui-se como o próprio rito fúnebre. Entre estes, vale a pena recordarmos o *réquiem*, título pelo qual se convencionou denominar uma peça ritual espe-

1 **Hélinand de Froimont** (1150–provavelmente 1237): poeta, cronista e escritor eclesiástico medieval. De pais flamengos, nasceu em Pronleroy, em Oise, na França. Seus talentos como menestrel atraíram o rei Filipe Augusto e, por algum tempo, ele se entregou aos prazeres da corte real antes de se tornar um monge cisterciense no Mosteiro de Froimont, na Diocese de Beauvais, por volta de 1190. De uma pessoa autoindulgente, tornou-se um modelo de piedade e mortificação no mosteiro. Quando não estava envolvido em seus afazeres monásticos, dedicava-se aos estudos eclesiásticos e, depois de ser ordenado padre, à pregação e à literatura. A Igreja de Beauvais o honra como santo e celebra sua festa em 3 de fevereiro. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Monteverdi**: Claudio Giovanni Antonio Monteverdi (1567-1643) foi compositor, maestro, cantor e gambista nascido na Itália. Desenvolveu sua carreira trabalhando como músico da corte do duque Vincenzo I Gonzaga, em Mântua, e depois assumindo a direção musical da Basílica de São Marcos, em Veneza, destacando-se como compositor de madrigais e óperas. Foi um dos responsáveis pela passagem da tradição polifônica do Re-

cífica para as missas dos defuntos, amplamente divulgada no período clássico. Ao longo de suas estrofes, esta narrativa cantada avança desde o momento da morte, passando pela súplica dos fiéis reunidos pelo “descanso eterno” do falecido - e aqui enfatizamos uma das principais analogias para falar da morte: o descanso, o sono dos sons etc. - pelo juízo final e, enfim, pela graça da salvação. Cada momento traz a sua marca característica, variando do grave extremo (utilizado para a voz de Deus no juízo final) ao canto das vozes agudas (que representam a acolhida da alma na corte celestial).

Esta lógica, aliás, parece fazer sentido mesmo para os “não músicos”, já que sons graves indicam movimento descendente, isto é, para baixo, para o que está embaixo (inferno, túmulo, morte), enquanto o agudo tende para cima, para o alto e as coisas eternas (a vida celestial, a eternidade). Desse modo, o efeito catártico da arte pode ser sentido pelo espectador (fruidor) que, de repente, se engerga no *intermezzo* entre a vida e a morte, como se o juízo final ali encenado se aplicasse à sua própria vida. Pela música, todos os presentes de algum modo “experenciam” a morte do morto, sua descida ao abismo dos mortos e subsequente ascensão à vida eterna.

IHU On-Line - De que forma a morte é construída pelas músicas da liturgia cristã?

José Reinaldo Felipe Martins Filho - Esta pergunta é bastante interessante, não apenas de um ponto de vista estético (musical), mas também teológico ou, no mínimo, relativo a toda uma cosmovisão. Digo isso porque entre as principais características da música litúrgica cristã está o estabelecimento de uma profunda simbiose entre o texto e a música que o reveste. Esta, por assim dizer, é uma herança que nos faz remeter ao canto dos primeiros cristãos, inserido na tradição medieval e, aos poucos, convertido no que conhecemos hoje

como canto gregoriano⁵ ou, como o denominaram mais tardiamente, *cantochão*⁶. Neste gênero da música cristã, melodia e ritmo seguem a fruição natural da palavra falada, enfatizando e realçando o que o texto diz.

Desse modo, há melodias apropriadas tanto para quando o texto discorre a respeito das alegrias, como quando chora as dores e tristezas da comunidade. Na verdade, o sistema modal⁷, vigente já entre os gregos e, conseqüentemente, ao

longo de toda a Idade Média, resguardava a adequação de alguns modos para as diferentes nuances da vida cotidiana. Alguns modos gregos eram, inclusive, proibidos para os mais jovens, por despertarem sentimentos que estes ainda não estavam “aptos” a controlar. Logo, podemos concluir que as composições musicais - e, neste sentido, as composições litúrgicas - nunca estiveram isentas da intenção prévia de provocar alguma afetação, seja ela de caráter dramático, cômico, entre outros.

No caso das músicas específicas para os rituais fúnebres na liturgia cristã, há, de igual modo, profunda identificação entre o texto cantado e a melodia que o evidencia. Em sua maioria, referem-se aos episódios bíblicos atinentes à ressurreição de Cristo, à vida eterna, entre outros. Mas a capacidade de construção de um discurso cristão sobre a morte não está, como insistimos, apenas a cargo do texto. Aliás, o texto, por si só, não é a música. Melodia e texto se complementam mutuamente na tentativa de estabelecer a “imagem” da morte como o simples término de uma etapa, ou melhor, como a passagem para uma realidade outra e, por ora, dotada de significação e plenitude. Como se o período da vida terrena não representasse outra coisa senão o estágio preliminar, uma antecipação de alegrias cuja plenitude apenas se efetivaria no plano da eternidade. Assim, o uso de tonalidades menores e o recurso às dissonâncias apresentam-se como formas eficazes de, já a música, apontar para a ausência de um término, do que se pode apreender a morte não como o final, mas como a passagem, a transição.

Vale a pena observar o quanto as canções litúrgicas para ritos fúnebres exploram as dissonâncias. Na dissonância, a cadência final permanece em suspensão. O sutil incômodo à nossa audição - acostumada, como é, à dinâmica de conclusões do sistema tonal - contribui, ainda que de maneira inconsciente e instintiva, para o entendimento da morte como

5 Canto gregoriano: gênero de música vocal monofônica, monódica (só uma melodia), não acompanhada ou acompanhada apenas pela repetição da voz principal com o organum, com o ritmo livre e não medido, utilizada pelo ritual da liturgia católica romana, a ideia central do cantochão ocidental. As características foram herdadas dos salmos judaicos, assim como dos modos (ou escalas, mais modernamente) gregos, que no século VI foram selecionados e adaptados por Gregório Magno para serem utilizados nas celebrações religiosas da Igreja Católica. Somente este tipo de prática musical podia ser utilizada na liturgia ou outros ofícios católicos. Somente nos finais da Idade Média a polifonia (harmonia obtida com mais de uma linha melódica em contraponto) começou a ser introduzida nos ofícios da cristandade e a coexistir com a prática do canto gregoriano. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Cantochão: denominação aplicada à prática monofônica de canto utilizada, desde os primórdios da Idade Média, com os monges reginaldinos, por cantores nos rituais sagrados, originalmente desacompanhada. Diversas formas deste canto - como Moçárabe, Ambrosiano ou Gregoriana - organizaram a música utilizada em repertórios, que passaram a ser intitulados a partir do rito do qual fizessem parte: Canto Gregoriano, Canto Moçárabe e Canto Ambrosiano, por exemplo. Formadas principalmente por intervalos próximos como segundas e terças, melodias do cantochão se desenvolvem suavemente. O cantochão é o principal fundamento da chamada música ocidental, sobre o qual toda a teoria posterior se desenvolve, ao contrário de outras artes, que apontam para a época clássica da civilização greco-romana, ou até mesmo fontes anteriores. O cantochão é também a música mais antiga ainda utilizada, sendo cantada não só em Mosteiros como também por coros leigos no mundo todo. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Sistema modal: música modal é feita com o emprego dos modos. Todos os sistemas modais são formados por apenas uma escala que pode ser tocada ou cantada de diversas maneiras (modos). A música modal tem uma tonalidade e uma escala definidas. É considerado sistema fechado porque as melodias são feitas sempre com as mesmas notas de uma escala, alterando a fundamental de um modo para o outro. Diferencia-se da música tonal por não empregar as relações funcionais dessa música. (Nota da **IHU On-Line**)

travessia. O término tão aguardado está do outro lado da margem, além deste frontal pelo qual todos, necessariamente, deveremos passar. A despeito dos expoentes da música litúrgica contemporânea, a fim de compreender a construção da morte pela música interessei-me, sobremaneira, pelo Barroco tardio, especificamente na primeira metade do século XVIII.

IHU On-Line - Como compreender o lugar da morte no barroco do século XVIII?

José Reinaldo Felipe Martins Filho - Na verdade, o meu interesse pelas representações da morte na música Barroca setecentista foi despertado pela leitura de uma obra bastante significativa, qual seja, o trabalho de doutoramento de Walter Benjamin⁸, intitulado *Ursprung des deutschen Trauerspiels*⁹. Como disse, a leitura deste trabalho me impressionou muito, especialmente pela riqueza extraída das análises propostas por Benjamin. Ao que parece, a tradição literária havia se consolidado ao redor dos dois grandes esteios propostos já desde Aristóteles¹⁰,

8 Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem. Conhecedor profundo da língua e cultura francesas, traduziu para o alemão importantes obras como *Quadros Parisienses*, de Charles Baudelaire, e *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagônicas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constituiu um contributo original para a teoria estética. Entre as suas obras mais conhecidas, estão *A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica* (1936), *Teses Sobre o Conceito de História* (1940) e a monumental e inacabada *Paris, Capital do século XIX*, enquanto *A Tarefa do Tradutor* constitui referência incontornável dos estudos literários. Sobre Benjamin, confira a entrevista *Walter Benjamin e o império do instante*, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora a **IHU On-Line** nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Origem do Drama Barroco Alemão: a edição brasileira tem tradução e prefácio de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Aristóteles de Estagira (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira.

como segue: a tragédia e a comédia. No entanto, Benjamin identifica um terceiro gênero, se é que assim podemos denominá-lo, como ponto de confluência entre os dois antigos extremos. Trata-se do que denominou *trauerspiel*, um termo cuja tradução para o português é bastante controversa e sujeita a divergências, mas que, de maneira geral, reúne a ambiguidade do luto (*trauer*) e do jogo (*spiel*) em sua composição.

Poderíamos talvez falar de uma espécie de hibridação entre a comédia e a tragédia (numa *tragico-média*, ou comédia trágica), para a qual a morte emergiria como imagem não apenas central, mas catalisadora de todos os acontecimentos. Em se tratando do Barroco no século XVIII, parece mesmo possível afirmar com Benjamin que a morte se constitui como a moldura trágica de toda a dinâmica existencial daquele período. Na mesma direção, por exemplo, valeria a pena verificar o trabalho do holandês Johan Huizinga¹¹, para o qual mais que qualquer devoção a este ou àquele santo ou, mesmo, à Virgem Maria, a morte pode ser tomada como a imagem mais significativa de todo o Barroco. Assim, não é difícil encontrarmos representações plásticas ou descrições literárias que toquem a temática da morte neste período. Entre outros, destacamos o “anjo da morte”, “o ceifador”, as várias representações da “dança macabra”.

Em todos estes exemplos, a impressão unilateralmente trágica da morte dá lugar à ironia. O morto não é simplesmente a vítima de um assassinio ou outra eventu-

Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se em campos como ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

11 Johan Huizinga (1872-1945): filósofo e historiador holandês, foi reitor da Universidade de Leyden. É conhecido por seu trabalho na história da cultura da Idade Média. (Nota da **IHU On-Line**)

alidade, mas o protagonista que, passando da dimensão dos vivos para a dos mortos, pode zombar de seu malfeitor, como se este lhe tivesse aferido um benefício ao lhe ceifar a vida. À revelia de toda a tragicidade circundante, os esqueletos tocam instrumentos e dançam, festejando o seu novo estado de incorruptibilidade. Estes exemplos, como dissemos, são abundantes tanto na literatura, quanto nas artes barrocas. É claro que, em grande medida, podemos compreender esta significação como uma consequência natural dos cultos aos mortos iniciados já nos primórdios da Idade Média. Isso, contudo, em nada diminui a impostação dada a este tema em pleno Barroco.

Benjamin, como disse, deu cabo de sua empresa tomando como campo de estudos o universo da literatura e do teatro. Tentei fazê-lo, muito modestamente, confesso, no âmbito da música, auxiliado, para isso, de alguns exemplos escolhidos da vasta obra do alemão Johan Sebastian Bach¹². Para tal, fez-se necessário o uso de conceitos extraídos da retórica musical a fim de melhor identificar os momentos em que melodia, harmonia e ritmo atuavam como reforço ao texto cantado. A título de ilustração, é curioso

12 Johann Sebastian Bach (1685-1750): músico e compositor alemão do período barroco da música erudita, além de organista notável. É considerado um dos maiores e mais influentes compositores da história da música, ainda que pouco reconhecido na época em que viveu. Muitas das suas obras refletem uma grande profundidade intelectual, uma expressão emocional impressionante. O IHU, dentro das comemorações da Páscoa 2007, ofereceu três audições comentadas sobre o compositor, divididas em 29 e 30 de março deste ano, sob condução da Profa. Dra. Yara Caznok, da Unesp. Em 29 de março, o tema foi *A expressão musical da fé em Bach e Mozart*, quando fez uma audição comparada do *Credo das Missas BWV 232*, de Bach, e *K427*, de Mozart. No mesmo dia, Caznok comentou o *Oratório de Ascensão BW 11*, de Bach. Em 30 de março, conduziu a audição comentada de *A paixão de Cristo segundo São João – BWV 245*. No evento Páscoa IHU 2009, Caznok conduziu o **IHU ideias Uma narrativa do mistério em Johann Sebastian Bach**, com a audição comentada de *Ich hatte viel Bekümmernis*, BWV21. (Nota da **IHU On-Line**)

como em *Matthäuspassion*¹³ Bach alterna entre o uso do agudo ou do grave conforme as diferentes ênfases propostas pelo texto. O uso de dissonâncias ou tonalidades menores (que à época eram consideradas dissonantes) como formas de realçar os episódios de morte, frequentes na obra bachiana, rechaça o que afirmei acima com respeito às representações da morte na música.

IHU On-Line - Como a morte aparece nas produções musicais do século XXI e o que revelam da concepção sobre o fim da vida na sociedade contemporânea?

José Reinaldo Felipe Martins Filho - Não me considero com propriedade para caracterizar como a música contemporânea tem trabalhado a temática da morte. Nos últimos tempos, tenho me dedicado a pesquisar as religiosidades populares, com ênfase para o catolicismo popular em Goiás, estado em que resido. Por esse motivo, a respeito das produções musicais do século XXI - e aí particularmente daquelas que extrapolam o universo religioso em sentido estrito -, tenho um conhecimento bastante incipiente, este de apenas ouvir vez ou outra pelo rádio ou em uma apresentação ao vivo. Confesso que nunca me pus a pensar mais profundamente sobre as implicações da música contemporânea acerca da construção de nossa compreensão a respeito da morte. Ainda

¹³ **Paixão segundo São Mateus BWV 244:** (em latim: *Passio Domini nostri Jesu Christi secundum Evangelistam Matthaeum*; em alemão: *Matthäus-Passion*), mais conhecida em países católicos como *Paixão segundo São Mateus*. É um oratório de Johann Sebastian Bach (1685-1750) que representa o sofrimento e a morte de Cristo segundo o Evangelho de Mateus, com libreto de Picander (Christian Friedrich Henrici). Com uma duração de mais de duas horas e meia (em algumas interpretações, mais de três horas), é a obra mais extensa do compositor. Trata-se de uma das obras mais importantes de Bach e uma das obras-primas da música ocidental. Esta e *Paixão segundo São João* são as únicas Paixões autênticas do compositor conservadas em sua totalidade. A *Paixão segundo Mateus* consta de duas grandes partes constituídas de 68 números, em que se alternam coros (cinco), corais, recitativos, ariosos e árias. (Nota da **IHU On-Line**)

assim, sinto-me em condições de sugerir um exercício. Eu mesmo o tenho feito sempre que tenho a oportunidade.

Quando possível, visite um concerto de música contemporânea, e aqui não me refiro unicamente à música tida como clássica, de algum modo menos acessível para a grande maioria da população brasileira, mas à música contemporânea de maneira geral, desde o sertanejo universitário (um tanto em voga nas mídias com alcance das massas), ao funk, ao samba ou a qualquer outro gênero musical disponível. Em seguida, tente experimentar o que esta música lhe comunica, como alcança a sua dimensão sensorial - não apenas à audição, mas aos demais sentidos, fazendo acelerar ou acalmar o coração, causando náuseas ou excitação por conta de seu frenesi, intensidade de volume etc. Feito isto, tente emitir algum significado para esta experiência. Ou melhor, tente comunicá-la a outrem. Perceba como a música, à semelhança das demais produções artísticas do homem contemporâneo ou da dinâmica cada vez mais intensa dos grandes centros urbanos, parece realçar a dimensão da nossa finitude.

A música atual expressa, com toda a força que lhe é própria, não apenas a morte corporal, mas as diferentes experiências de morte pelas quais passamos todos os dias: a morte da ética na política, a morte dos relacionamentos amorosos, a morte da dimensão social, a morte da educação e da saúde e, conseqüentemente, a morte dos que nos cercam e a nossa própria morte. Esta música, noutras palavras, traz a marca da finitude como nossa única possibilidade de ser no mundo contemporâneo. Somos, portanto, cercados pela aura da morte e esta se apropria da finitude como seu *modus operandi*. Isso ao ponto de a própria morte tornar-se para nós uma realidade cotidiana, costumeira, incapaz de nos causar perplexidade; como se o fato de morreremos, ou de as

pessoas que nos cercam também morrerem, não mais representar para nós um assombro, mas, justamente, o limite necessário para empreendermos a vida o quanto pudermos. Quem sabe Saramago¹⁴ tenha mesmo razão e a finitude seja, de fato, o destino de tudo.

IHU On-Line - A partir de sua experiência na observação da religiosidade popular goiana, como a música contribui para uma aceitação e entendimento sobre a morte?

José Reinaldo Felipe Martins Filho - É curioso pensarmos a respeito de aceitação e/ou entendimento com relação à morte. Isso, aliás, faz com eu me recorde de uma experiência concreta. Estava eu, certa vez, em um funeral. O morto havia tirado a própria vida e deixado para trás um filho pequeno - naquela época com sete anos - e a esposa. Enquanto o velório seguia, conversávamos so-

¹⁴ **José Saramago** (1922-2010): escritor português, ganhou o Nobel de Literatura de 1998. Também ganhou, em 1995, o Prêmio Camões, o mais importante prêmio literário da língua portuguesa. Saramago foi considerado o responsável pelo efetivo reconhecimento internacional da prosa em língua portuguesa. O seu livro *Ensaio sobre a Cegueira* foi adaptado para o cinema e lançado em 2008, produzido no Japão, Brasil, Uruguai e Canadá, dirigido por Fernando Meirelles. Conhecido pelo seu ateísmo e iberismo, foi membro do Partido Comunista Português e diretor-adjunto do Diário de Notícias. Juntamente com Luiz Francisco Rebello, Arminho Magalhães, Manuel da Fonseca e Urbano Tavares Rodrigues foi, em 1992, um dos fundadores da Frente Nacional para a Defesa da Cultura (FNDC). Casado, em segundas núpcias, com a espanhola Pilar del Río, Saramago viveu na ilha espanhola de Lanzarote, nas Ilhas Canárias. Escreveu, entre outras obras, *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977), *Levantado do Chão* (1980), *Memorial do Convento* (1982), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), *A Jangada de Pedra* (1986), *História do Cerco de Lisboa* (1989), *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), *Todos os Nomes* (1997), *A Caverna* (2000), *O Homem Duplicado* (2002), *Ensaio Sobre a Lucidez* (2004), *As Intermittências da Morte* (2005), *A Viagem do Elefante* (2008), *Caim* (2009) e *Claraboia* (2011). Sobre Saramago, a revista **IHU On-Line** publicou na edição 334 o artigo *A lucidez de José Saramago*, de Rafael B. Vieira (<https://goo.gl/KJcEnK>), e na 299 a entrevista *Quais são as faces de Deus?*, de Salma Ferraz (<https://goo.gl/GlJToh>). (Nota da **IHU On-Line**)

bre como aquela criança estaria compreendendo aquele momento, ao que alguém comentou: "Ele é muito jovem para compreender". Imediatamente após ouvir esta afirmação, um velho senhor ao lado retrucou: "Eu tenho 70 anos e ainda não compreendo o que é a morte".

De fato, não sei em que medida é possível entender a morte, senão como um fenômeno constantemente à espreita, do qual nunca participamos diretamente. Isso não é diferente em se tratando das religiosidades populares, cada uma ao seu modo tentando perscrutar este indescritível mistério da existência humana. Minha pesquisa se dirige particularmente ao catolicismo popular goiano, pelas vias de sua musicalidade. Também neste universo de expressão da experiência religiosa é possível encontrar elementos atinentes à temática da morte. Na verdade, esta é uma característica que poderia ser estendida ao catolicismo como um todo.

Entre todos os expoentes do cristianismo, o catolicismo é o que certamente se mostra mais afeito à morte. Tal afirmação pode ser constatada de maneira privilegiada em três aspectos, notadamente interligados entre si, os quais apresento na seguinte ordem: as insistentes relações de intermediação entre céu e terra, o papel determinante dos santos e santas e, nesta categoria, dos santos domésticos, isto é, das almas dos parentes e amigos que já passaram pela experiência da morte e agora se tornaram agentes intermediadores entre os dois mundos e, por último, a consequente necessidade de representação deste sagrado intermediador por meio das imagens, pinturas, estampas, fotografias, relíquias e do culto aos demais instrumentos materiais (velas, crucifixos, vestimentas) e espaços (igrejas, cemitérios etc.) de intermediação. No catolicismo popular, a morte do outro é celebrada como prenúncio de uma realidade outra, uma realidade de vida, de continuidade. Celebrar a morte torna-se, então, um modo

eficaz de atribuir-lhe sentido, de encarar a dimensão trágica da vida numa perspectiva de algum modo iluminada, de fazer da morte, enquanto fenômeno existencial, um incentivo para que a vida continue.

Inserida no âmbito das celebrações religiosas como um instrumento do simbólico - quem sabe como um instrumento do próprio sagrado -, a música em nada contribui para entender a morte, mas para ressignificá-la (à morte e ao morto), quem sabe até ao ponto de aceitá-la como parte do fluir natural de todo ser vivente. Nessa direção, há experiências muito significativas, desde os cantos já solicitados pelo falecido quando este ainda vivia, entoados durante o seu funeral, passando pela experiência dos cantos fúnebres tradicionais do catolicismo popular (note-se, por exemplo, o uso ritual das "incelências"¹⁵) como motivo estético para composições destinadas ao rito católico das Exéquias, como bem fez Joaquim Fonseca¹⁶), até, quem sabe, a canção de despedida e o uso de músicas específicas, consolidadas pelo costume, para o velório.

IHU On-Line - O que é a morte?

José Reinaldo Felipe Martins Filho - Para mim, numa leitura confessadamente heideggeriana¹⁷,

¹⁵ **Incelência**: grupo de mulheres que são convocadas para chorar durante um cortejo fúnebre. O mesmo que carpideiras. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁶ **Joaquim Fonseca**: frei Joaquim Fonseca é presbítero da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos). Bacharel em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestre em Teologia Dogmática com concentração em Liturgia, foi assessor nacional da CNBB para a música litúrgica. Além de professor de liturgia e música ritual cristã, assessora encontros de formação litúrgico-musical em todo o país. Autor de *Música Ritual de Exéquias: uma proposta de enculturação* (Belo Horizonte: Editora O Lutador). (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁷ **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*,

a morte é a possibilidade da nossa impossibilidade. Não simplesmente a impossibilidade das nossas possibilidades, como o término, mas a concretização do que para nós - existentes - seria necessariamente impossível - citando Epicuro¹⁸: "A morte não é nada para nós, pois, quando nós existimos, não existe a morte, e quando existe a morte, não existimos nós". De fato, a morte se afigura para nós como a única possibilidade realmente possível e certa. O limite da existência que, no entanto, abre-se numa via de dupla interpretação: como o término de um ciclo biopsíquico e como a abertura para a Vida em sua plenitude. Isso porque, a morte é o ponto mais alto da experiência humana, sem a qual ninguém jamais poderá dizer-se completamente homem. Um homem completo é um homem morto, diriam. Como ideal a ser alcançado - ainda que muitos hesitem quanto a isto -, a morte torna-se incentivo para uma vida vivida com intensidade. Assim sendo, viver-para-a-morte, a condição mais elementar de cada ser vivo, requer viver para a vida, não no sentido inconsequente de um mero *carpe diem*, mas como a assunção do compromisso ético como ideal de ser, numa convivência harmoniosa com os outros e com a natureza de maneira geral, valorizando cada instante como ir-reparável e único. ■

disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁸ **Epicuro de Samos**: filósofo grego do período helenístico. Seu pensamento foi muito difundido, e numerosos centros epicuristas se desenvolveram na Jônia, no Egito e, a partir do século 1, em Roma, onde Lucrécio foi seu maior divulgador. (Nota da **IHU On-Line**)

A morte tecida em notas musicais

Canções de inúmeros gêneros exprimem a despedida da vida. Representações fúnebres podem ser antagônicas entre si, em diferentes contextos sociais, observa Fernando Lewis de Mattos

Por João Vitor Santos | Edição: Márcia Junges

“**A** morte pode ser apresentada de formas diversas por diferentes autores, pelo mesmo autor em diferentes obras ou até na mesma obra, em diferentes trechos. A maneira mais comum de fazer referência à morte na tradição musical do Ocidente é através do canto fúnebre ou, na música instrumental, a marcha fúnebre”, analisa Fernando Lewis de Mattos na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. E acrescenta: “Os elementos musicais característicos de representação da morte são: andamento lento, ritmo pontuado, harmonia cromática em movimento descendente, ênfase no registro grave (vozes ou instrumentos), uso de instrumentos de sopro de metal (trompete, trompa, trombone), percussão grave (tímpanos, bombo) e melodias lânguidas em registro médio ou grave”.

Mattos observa que “a Independência do Brasil coincide com um movimento artístico internacional conhecido como Romantismo, cujas características são, entre outras, o interesse pela morbidez e a valorização da vida breve. Isso foi tão forte que levou inúmeros artistas do período à morte prematura, seja por contração de tuberculose, seja pelo suicídio, que era cultuado entre os românticos.”

Bacharel em música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, onde concluiu o mestrado em 1997, alcançando o grau máximo com a dissertação *A ‘Salamanca do Jarau’ de Luiz Cosme: Análise Musical e História da Recepção Crítica*, **Fernando Lewis de Mattos** é professor do Departamento de Música da mesma Universidade. Sua tese em Composição, também na UFRGS, é intitulada *Estética e Música na Obra de Luiz Cosme*, voltada para a investigação de aspectos estéticos e estilísticos da obra de Luiz Cosme e sua relação com o Modernismo na música brasileira. Como instrumentista, participou do Conjunto de Câmara de Porto Alegre, grupo escolhido para representar o Brasil na inauguração da primeira Casa de Cultura do Mercosul, em Colônia de Sacramento, no Uruguai, em 1995. Tem participação em recitais solo, duos e conjuntos de câmara, onde toca instrumentos de cordas dedilhadas, como diferentes tipos de alaúde, viola e violão. Também participa de orquestras barrocas, na realização de contínuo, onde toca tiorba e guitarra. Destacam-se os trabalhos realizados nas óperas *Orfeu*, de Claudio Monteverdi, e *Dido e Eneas*, de Henry Purcell.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - De que forma a morte é representada na música?

Fernando Lewis de Mattos - A morte pode ser representada de muitas formas pelo ser humano, inclusive antagônicas entre si, em diferentes contextos sociais. Por exemplo, para nós a cor do luto é o preto, para os chineses é o bran-

co; enterramos nossos mortos, os vikings os cremavam em barcos e os lançavam ao mar; na tradição cristã as sepulturas são demarcadas com cruzeiros, em outras culturas podem ser indicadas por meio de minerais ou plantas específicas.

Na arte, a morte pode aparecer através de uma valorização

mítica da morbidez, como ocorre no poema *Annabel Lee*, de Edgar Allan Poe¹:

¹ **Edgar Allan Poe** (1809-1849): escritor, poeta, romancista, crítico literário e editor estadunidense. Poe é considerado, juntamente com Jules Verne, um dos precursores da literatura de ficção científica e fantástica modernas. Algumas das suas novelas, como *The Murders in the Rue Morgue*, *The Purloined*

“E os anjos, menos felizes no céu,
ainda a nos invejar...

Sim, foi essa a razão

(como todos sabem

neste reino ao pé do mar)

Que o vento saiu da nuvem da
noite

Gelando e matando a que eu sou-
be amar”.

Também pode aparecer como
uma descrição crua do cadáver,
como o fez William Carlos Williams²
em seu poema *Morte*:

“está morto

- o velho bastardo -

é um bastardo porque

já não há mais nada

de legítimo nele

está morto

de dar nojo”.

A morte também pode ser um
ponto de partida para a reflexão
e crítica social, através de uma
polifonia narrativa, como ocorre
no conto *Bobók*, de Fiódor
Dostoiévski³:

Letter e The Mystery of Marie Roget, figuram entre as primeiras obras reconhecidas como policiais, e, de acordo com muitos, as suas obras marcam o início da verdadeira literatura norte-americana. (Nota da **IHU On-Line**)
2 William Carlos Williams (1883-1963): poeta norte-americano. Autor do longo poema *Patterson*, traduções suas para o português podem ser encontradas no livro *Poemas* (Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1986). (Nota da **IHU On-Line**)

3 Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. A esse autor a **IHU On-Line** edição 195, de 11-09-2006, dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*, disponível em <http://bit.ly/ihuon195>. Confira, também, as seguintes entrevistas sobre o autor russo: *Dostoiévski e Tolstoi: exacerbação e estranhamento*, com Aurora Bernardini, na edição 384, de 12-12-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon384>; *Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamázov, de Dostoiévski*, na edição 288, de 06-04-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon288>; *Dostoiévski chorou com Hegel*, entrevista com Lázló Földényi, edição nº 226, de 02-07-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon226>. (Nota da **IHU On-Line**)

“- Ele explica tudo isso com o fato mais simples, ou seja, dizendo que lá em cima, quando ainda estávamos vivos, julgávamos erroneamente a morte como morte. É como se aqui o corpo se reanimasse, os restos de vida se concentram, mas apenas na consciência [...]”

- Isso... eh-eh... Nesse ponto o nosso filósofo meteu-se em zona nebulosa. Referindo-se precisamente ao olfato, ele observou que aqui se sente um fedor moral, por assim dizer, eh-eh! É como se o fedor viesse da alma para que, nesses dois-três meses, nós nos apercebêssemos a tempo...”.

Na música ocorre o mesmo. A morte pode ser apresentada de formas diversas por diferentes autores, pelo mesmo autor em diferentes obras ou até na mesma obra, em diferentes trechos. A maneira mais comum de fazer referência à morte na tradição musical do Ocidente é através do canto fúnebre ou, na música instrumental, a marcha fúnebre. Os elementos musicais característicos de representação da morte são: andamento lento, ritmo pontuado, harmonia cromática em movimento descendente, ênfase no registro grave (vozes ou instrumentos), uso de instrumentos de sopro de metal (trompete, trompa, trombone), percussão grave (tímpanos, bombo) e melodias lânguidas em registro médio ou grave.

IHU On-Line - Quais são as obras clássicas para se compreender essa representação?

Fernando Lewis de Mattos - Há inúmeras obras da tradição clássica em que a morte é representada ao longo dos séculos. Em várias óperas, por exemplo, ocorre a morte de algum personagem central, o que gera uma cena de morte que é acompanhada pela música. Na tradição mais remota da música ocidental, o Canto Gregoriano desenvolveu uma forma de coro fúnebre para acompanhar a missa de

réquiem⁴, o qual tornou-se um gênero praticado até os dias atuais, mesmo sem conotação religiosa.

Entre as obras que lembro do repertório clássico que tratam especificamente da morte, estão a *Música Fúnebre Maçônica*, de Mozart⁵; a *Sonata Op. 35, Nº 2*, de Chopin⁶ (cuja *Marcha Fúnebre* tornou-se célebre e tem sido usada em funerais em todo o mundo até hoje); *Um Réquiem Alemão*, de Brahms⁷ (que, se não me engano, foi dedicado à memória da mãe do compositor); *Réquiem*, de Verdi⁸; *A Morte*

4 Réquiem: missa (cerimônia religiosa cristã) especialmente composta para um funeral. Na música, contém passagens bíblicas e orações para a entrada dos mortos no céu. O termo (réquiem) tem sido ocasionalmente associado a outras composições musicais em honra aos mortos. Os réquiems mais famosos foram compostos por Mozart, Brahms e Verdi. Mozart (1756-1791) compôs o Réquiem K.626, contudo, trabalhando em outros projetos e com a saúde cada vez mais enfraquecida, morreu no dia 5 de dezembro, deixando a obra inacabada (há uma lenda que diz que estaria compondo o réquiem para que a obra fosse tocada em sua própria missa de sétimo dia). A peça foi completada por Franz Süssmayr, seu discípulo. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791): compositor e músico erudito, um dos expoentes máximos da música clássica e um dos mais populares das audiências contemporâneas. Sobre o compositor, confira a edição 174 da **IHU On-Line**, de 03-04-2006, a ele dedicada sob o título *Wolfgang Amadeus Mozart. Jogo e milagre da vida*. Dentro da programação Páscoa 2007 – Cultura, arte e esperança são oferecidas duas atividades ligadas a Mozart: a primeira, em 29-03-2007, *Audição comentada de A expressão musical da fé em Bach e em Mozart – audição comparada do Credo das Missas BWV 232, de Bach, e K 427, de Mozart*. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Frédéric François Chopin (1810-1849): pianista polonês-francês radicado na França e compositor para piano da era romântica. É amplamente conhecido como um dos maiores compositores para piano e um dos pianistas mais importantes da história. Sua técnica refinada e sua elaboração harmônica vêm sendo comparadas historicamente com as de outros grandes compositores, como Mozart e Beethoven, assim como sua duradoura influência na música até os dias de hoje. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Johannes Brahms (1833-1897): compositor alemão, uma das mais importantes figuras do romantismo musical europeu do século XIX. Hans von Bülow incluiu Brahms entre os “três Bs” dos maiores compositores alemães (os outros dois seriam Beethoven e Bach), e apelidou a primeira sinfonia de Brahms de “décima de Beethoven”. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Giuseppe Fortunino Francesco Verdi (1813-1901): compositor de óperas do

e a *Donzela*, de Schubert; *Sinfonia Fantástica*, de Berlioz⁹; entre inúmeras outras obras.

IHU On-Line - Réquiem é um formato musical associado à morte. Quais são suas principais características?

Fernando Lewis de Mattos - O réquiem é um canto fúnebre em várias partes, associado à missa católica dedicada aos mortos. Na Idade Média, era a parte cantada da missa em homenagem à memória de alguém que tinha falecido recentemente. Por isso, tem as partes bíblicas características do texto da missa: Kyrie (Senhor tende piedade de nós...), Glória (Glória a Deus nas alturas...), Credo (Creio em um único Deus...), Sanctus (Santo, Senhor Deus dos exércitos...), Agnus Dei (Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo...). Na missa de réquiem, devem ser acrescentadas algumas partes que tratam da morte e, mais especificamente, do juízo final. Neste contexto, aparece especialmente o texto do *Dies irae* (Dia da ira, em que os séculos se transformarão em cinzas...).

Originalmente, no rito cristão, o coro cantava em uníssono. Com o tempo, a partir do século IX, passaram a cantar em polifonia, isto é, várias melodias simultâneas, com o coro dividido em naipes (grupos de cantores). Posteriormente, no período Barroco, foram acrescentadas partes instrumentais para acompanhar o canto. Atualmente, um réquiem pode chegar a ter mais

período romântico italiano, sendo na época considerado o maior compositor nacionalista da Itália, assim como Richard Wagner era na Alemanha. Entre suas composições, destacam-se *Rigoletto* (1851), *Aida* (1871) e *La Traviata* (1853). (Nota da **IHU On-Line**)
9 Hector Berlioz (1803-1869): músico romântico, autor da *Sinfonia Fantástica* e *Grande Messe des morts*, teve contribuições significativas para a orquestra moderna, com seu **Treatise on Instrumentation**. Criou música para enormes grupos orquestrais para alguns de seus trabalhos, e realizou vários concertos com mais de mil músicos. Também compôs cerca de cinquenta canções. Sua influência foi fundamental para o desenvolvimento do Romantismo, especialmente em compositores como Richard Wagner, Nikolai Rimsky-Korsakov, Franz Liszt, Richard Strauss, Gustav Mahler e muitos outros. (Nota da **IHU On-Line**)

de dez movimentos diferentes e durar mais de uma hora sem ter qualquer ligação com a liturgia católica ou com qualquer forma de religiosidade. Tornou-se um gênero de lamento fúnebre, muitas vezes de caráter subjetivo, na música dos últimos dois séculos.

IHU On-Line - No mundo ocidental, que outros formatos musicais são associados à morte além do réquiem?

Fernando Lewis de Mattos - Entre outros gêneros, temos: marcha fúnebre, abertura fúnebre, plancito (significa pranto, em provençal; era o canto fúnebre dos trovadores medievais), ladainha, etc.

IHU On-Line - Em diversas culturas, os atos funerários compreendem expressões musicais. Como compreender essa relação entre a música e a morte materializada nas cerimônias fúnebres?

Fernando Lewis de Mattos - Acho que já expliquei um pouco sobre isso no ritual católico medieval e posterior. Naturalmente, em outras tradições, como nos rituais religiosos africanos e afro-brasileiros, por exemplo, as relações se dão de forma distinta.

IHU On-Line - Como as representações da morte na música podem contribuir para as reflexões acerca da complexidade do tema do fim da vida?

Fernando Lewis de Mattos - Segundo Platão¹⁰, a música pode ser uma espécie de filosofia sem palavras. Acredito que a música

10 Platão (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em **IHU On-Line**

pode trazer novas formas de entendimento da realidade exterior e do mundo psíquico, pode fazer aflorarem intuições ou auxiliar na catarse de sentimentos que nos incomodam, entre outros fatores. Se ficarmos atentos, podemos perceber que em quase todos os povos que conhecemos, a maior parte das atividades são acompanhadas por música. Isso pode significar que a música traz formas de conhecimento que não conseguimos acessar por nenhum outro caminho. Provavelmente, as diversas representações da morte na música contribuem para a aceitação da perda de entes queridos, para a conformidade em relação à morte de figuras importantes da comunidade ou mesmo de personagens mitificados historicamente. De alguma forma, a música (assim como outras formas de arte, pensamento e expressão) traz um aporte conceitual e afetivo que nos auxilia nos atos de abranger, entender e compreender a existência, como também pode servir como um mecanismo de suspensão momentânea das dores do mundo (parafraseando o filósofo Schopenhauer¹¹).

IHU On-Line - Entre suas composições, há obras que tratam do tema da morte. De que forma este tema é representado pelo senhor?

Fernando Lewis de Mattos - Costumo retratar a morte de diversas maneiras. Por exemplo, tem uma peça para orquestra sinfônica que se chama *Pequeno Réquiem Instrumental*, em que as partes do réquiem tradicional são transformadas em música para orquestra, sem vozes e, portanto, sem palavras. Procurei retratar ali as diferentes seções do réquiem tradicional, porém sem o uso do tex-

11 Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo. Ele entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da **IHU On-Line**)

to litúrgico. Esta é uma peça que escrevi quando morreu um animal de estimação (uma gatinha) à qual eu me afeiçoara muito. A música é bastante densa e dramática, com muitos acordes dissonantes, sem tonalidade definida e muitos elementos cromáticos. Outra peça em que empreguei tema da morte de forma explícita é a canção *Morte do Leiteiro*, para barítono e violão, em que utilizei o poema homônimo de Carlos Drummond de Andrade¹². Aí vai um trecho do poema:

“mas este acordou em pânico
(ladrões infestam o bairro)
não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou para sua mão.
Ladrão? se pega com tiro.
Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro.
Se era noivo, se era virgem,
e era alegre, se era bom,
não sei, é tarde para saber”.

Essa canção tem um caráter político que trata do uso indiscriminado de armas por pessoas que não estão habilitadas a usá-las. Foi escrita na época do plebiscito sobre o uso de armas de fogo no Brasil, em 2005, e estreada na véspera do referendo.

IHU On-Line - O Triunfo da Morte, uma de suas produções, parte da mitologia para abordar o tema da morte. Qual a influência da mitologia greco-romana na elaboração conceitual da morte na música?

Fernando Lewis de Mattos - O Triunfo da Morte é uma composição para violão solo em 13 movimentos, elaborada a partir da estrutura de um tema com 12 variações. Na realidade, utilizei como tema os

¹² **Carlos Drummond de Andrade** (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. Confira a edição 232 da revista **IHU On-Line**, de 20-08-2007, intitulada *Carlos Drummond de Andrade: o poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo*, disponível em <http://bit.ly/1beJlJl>. (Nota da **IHU On-Line**)

dois primeiros movimentos, que se chamam Tema e *Valse Noble* (Valsa Nobre). O Tema apresenta a morte em vários sentidos: como finitude, como o fim da vida, morte de um sistema social, de uma sociedade ou de uma civilização; também como mudança de um estado a outro, como transformação, já que uma nova realidade, estado de coisas ou situação exige o fim (morte) do anterior. Isso pode ser exemplificado através da metamorfose das borboletas. Para alçar voo, é necessário que a lagarta deixe o casulo em que se encontra reclusa e, ao mesmo tempo, protegida. Deixa de existir, morre, para dar vida à nova fase de sua existência.

Do ponto de vista sonoro, busquei organizar os elementos musicais de forma sincrônica, através da integração perceptiva de vários pontos de vista simultâneos, uma apreciação holística de vários lados simultaneamente, como em um caleidoscópio. Com isso, pretendi alcançar um caráter sombrio, com a expressão de afetos pesados e agitação emocional através de mudanças bruscas de estados passionais. Por outro lado, a Valsa Nobre deveria ter um caráter suave, representar sentimentos superficiais, através de um pulso e uma métrica musical constantes (a valsa tradicional está organizada em um compasso ternário e mantive isso para dar a ideia de constância). Assim, procurei trazer, através da valsa, a exposição da vida como conservação, o que pode ser compreendido como a permanência da alma, de valores éticos ou de um sistema social; também pode ser compreendido como estabilidade em certas situações, firmeza ou perseverança. Tratei a ideia de conservação através de dois polos antagônicos: como *conservacionismo*, isto é, a luta ecológica pela conservação da vida das espécies e dos espécimes como forma de manutenção de ecossistemas; como *conservadorismo*, ou seja, a reação às transformações sociais (daí vem o termo “reacionário”), a busca da conservação do *status quo* ou de valores e comportamentos antiquados ou ultrapassados.

Do ponto de vista musical, elaborei esses conceitos através de forma discursiva, em que os eventos sonoros ocorrem por coordenação e subordinação, de forma causal, isto é, cada elemento é a fonte e resultado de outros eventos que o circundam, os quais ocorrem de forma diacrônica, isto é, um após o outro.

A partir desses pontos de partida, o Tema e a Valsa Nobre como representações de diferentes aspectos da morte e da vida, da transformação e da permanência, organizei os outros movimentos como variações a partir desses polos. Cada movimento está relacionado com um desses conceitos ou atua como interação entre eles: como variações do tema da morte, estão as partes intituladas *O Massacre dos Inocentes*, *Annabel Lee*, *A Queda dos Anjos Rebeldes*, *O Grotresco* e *Retrato de Chopin*; como variantes do conceito de vida, estão *Balalaika*, *Scherzo*, *Gavota Chorosa* e *Canto de Orfeu*; as interinfluências entre morte e vida aparecem nos movimentos *Libera me* e *Transfiguração*, ambos de caráter religioso.

Em *O Triunfo da Morte* há referências a mitos, obras artísticas e fatos noticiados em jornais. O título da peça refere-se à pintura homônima do artista flamengo Pieter Bruegel¹³, o Velho. *A Queda dos Anjos Rebeldes*, que faz alusão a outra pintura de Bruegel, refere-se ao capítulo bíblico sobre a queda de Lúcifer e a um fato trágico ocorrido no Brasil, na época da composição: o massacre de crianças de

¹³ **Pieter Bruegel, “O Velho”** (1525-1569): pintor de Brabante, Bélgica, célebre por seus quadros retratando paisagens e cenas do campo. Pintou multidões e cenas populares, com uma vitalidade tal que transborda do quadro. Além da sua predileção por paisagens, pintou quadros que realçavam o absurdo na vulgaridade, expondo as fraquezas e loucuras humanas, que lhe trouxeram muita fama. A mais óbvia influência sobre sua arte é de Hieronymus Bosch, em particular no início dos estudos de imagens demoníacas, como o “Triunfo da Morte” e “Dulle Griet”. Foi na natureza, no entanto, que ele encontrou sua maior inspiração, sendo identificado como um mestre de paisagens. Ele é muitas vezes creditado como sendo o primeiro pintor ocidental a pintar paisagens como elemento central e não como um pano de fundo histórico de uma pintura. (Nota da **IHU On-Line**)

rua por grupos paramilitares no Rio de Janeiro. A valsa nobre refere-se tanto à origem cortesã da valsa através de danças, como o minueto e o *ländler*, quanto às *Valses Nobles et Sentimentales*, para piano, de Ravel¹⁴. Também são referidos outros gêneros de dança e elementos musicais tradicionais, como a balalaica, que é um instrumento tradicional russo, o scherzo (uma brincadeira musical) e a gavota, uma dança com movimentos rápidos de origem francesa. O movimento *Libera me* tem por base um canto gregoriano que diz: “liberta-me, Senhor, da morte eterna”. O *Canto de Orfeu* foi composto a partir do mito grego que aborda o semideus que tinha o poder de cativar e encantar homens, feras e deuses com a sua música. Foi assim que convenceu Hades, o deus do mundo dos mortos, a trazer Eurídice, sua esposa recém falecida, de volta à vida; este movimento representa a superação da morte através do amor.

O *Retrato de Chopin*, penúltimo movimento, tem por base a *Marcha Fúnebre da Sonata N° 2*, de Chopin, que dedicou a obra a um amigo morto em uma revolta pela libertação da Polônia. O movimento final, que leva o nome de *Transfiguração*, trata da morte como fim de um ciclo e início de outro, a transformação de um estado a outro. Isso pode ser entendido em vários níveis: de um ponto de vista individual ou coletivo, particular ou relativo à vida das espécies; pode ser focado com base em um entendimento concreto, orgânico, ecológico, antropológico, social, cultural ou espiritual, entre outras possibilidades.

No período de composição de *O Triunfo da Morte*, no início da década de 1990, eu estava envolvido em estudos filosóficos, antropológicos e históricos sobre o conceito de morte em diversas épocas e em diferentes regiões. Assim, procurei manifestar as noções que constituí

14 **Maurice Joseph Ravel**: compositor francês (1875-1937). Ampliou e abriu o sistema tonal clássico. É autor do conhecido *Bole-ro*. (Nota da **IHU On-Line**)

sobre esta temática, assim como expressar meus anseios pessoais em relação ao assunto, através daquilo que sei fazer melhor: a música.

IHU On-Line - Como o tema da morte surge e é tratado na música brasileira?

Fernando Lewis de Mattos - Pode-se fazer uma leitura da história da música brasileira a partir dos principais centros econômicos, políticos e culturais que foram se estabelecendo desde a colonização portuguesa. Inicialmente, Bahia e Pernambuco detinham o poder pelo Ciclo da Cana-de-Açúcar. Dali conhecemos os primeiros músicos, como Francisco Vaccas¹⁵. Posteriormente, o Ciclo do Ouro conduziu o centro econômico e cultural para Minas Gerais, especialmente a cidade de Vila Rica e arredores. Em meados do século XVIII, Vila Rica (atual Ouro Preto) foi uma das cidades mais ricas da América. Isso, naturalmente, fazia com que afluíssem para lá construtores, artesãos e artistas, entre outros trabalhadores. Nessa época, a maior parte dos artistas, incluindo os músicos, era financiada pela Igreja. Havia um contingente de músicos de alto nível em Minas Gerais. A maior parte deles era formada por sacerdotes mulatos que tinham profundo conhecimento do que se praticava em outras partes da América e na Europa. Quase a totalidade da música que restou deste período, conhecido como Barroco Mineiro, é religiosa. O músico mais destacado foi José Emerico Lobo de Mesquita¹⁶ (1746-1805), que escreveu

15 **Francisco Vaccas**: mestre de capela que integrou a formação da primeira Escola da Companhia de Jesus, fundada em São Paulo em 1554 pelo Padre Manoel de Nóbrega, e seguido pelo Padre José Anchieta. Foi considerado um dos expoentes mais importantes por seus trabalhos educacionais no Período Colonial. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **José Emerico Lobo de Mesquita** (1746-1805): organista, maestro, compositor e professor brasileiro. Viveu na época do florescimento da região de Minas Gerais, por ocasião da descoberta do ouro e das pedras preciosas. Toda a sua obra conhecida está no campo da música sacra. Trabalhou principalmente ligado às irmandades religiosas, tocando órgão nos templos, regendo orquestras e

música para situações e festividades religiosas locais, incluindo uma *Missa de Réquiem*, uma *Missa para a Quarta-feira de Cinzas* e algumas ladainhas. A ladainha, que tem sua origem nas canções trovadorescas da Idade Média, no Brasil é um canto de lamento fúnebre praticado em velórios, comum ainda hoje no Nordeste.

Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, o território saía da condição de colônia para ser o centro administrativo do Império, cuja sede era a cidade do Rio de Janeiro, que logo se transformou em um dos mais importantes centros culturais da América do Sul. Nessa época, um padre-músico carioca se destacou na corte. José Maurício Nunes Garcia¹⁷ (1767-1830) escrevia música para os eventos religiosos e para a corte, sendo também um cancionista que criou modinhas de caráter amoroso e sensual. Entre suas principais obras estão algumas que abordam a temática da morte, como o *Réquiem*, o *Ofício de Finados* e as *Matinas de Finados*.

Efeito Werther

A Independência do Brasil coincide com um movimento artístico internacional conhecido como Romantismo, cujas características são, entre outras, o interesse

produzindo peças para o culto e festividades da Igreja. Seu estilo, como foi a regra na região em seu tempo, é uma mescla original de referências renascentistas, barrocas e classicistas, com predomínio das últimas. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **José Maurício Nunes Garcia** (1767-1830): padre católico, professor de música, maestro, multi-instrumentista e compositor brasileiro. Foi talvez o compositor brasileiro mais prolífico de sua época, e hoje é considerado um dos nomes mais representativos da música brasileira de todos os tempos e sem dúvida o mais importante compositor de sua geração. Sobrevivem mais de 240 composições catalogadas, praticamente todas no gênero sacro e vocal, entre missas, matinas, vésperas, motetos, antifonas e outras voltadas para o culto católico, além de umas poucas modinhas e peças orquestrais e dramáticas, bem como uma obra didática, e outro tanto foi perdido. Fez renome também como professor de música e instrumentista, elogiado sobretudo pelas suas qualidades como improvisador ao teclado. (Nota da **IHU On-Line**)

pela morbidez e a valorização da vida breve. Isso foi tão forte que levou inúmeros artistas do período à morte prematura, seja por contração de tuberculose, seja pelo suicídio, que era cultuado entre os românticos. Acredita-se que esse culto tenha sua origem na leitura da obra *O Sofrimento do Jovem Werther*, de Goethe¹⁸. No final do século XVIII, milhares de pessoas cometeram suicídio após a leitura do romance na Europa e na América. Ainda hoje, os jornais evitam publicar notícias de autoflagelo, pois acredita-se que podem gerar impacto tão profundo na psique da população que produz ondas de suicídio em massa. Na Psicologia Social chegam a chamar isso de Efeito Werther.

Na literatura, no teatro e na ópera são comuns as narrativas do século XIX que culminam com a morte do protagonista por suicídio ou assassinato. O compositor brasileiro mais destacado deste período foi Antônio Carlos Gomes¹⁹, o primeiro músico brasileiro a ser internacionalmente reconhecido. A sua primeira ópera de destaque, *A Noite do Castelo*, finaliza com a morte simultânea do casal Henrique e Leonor. Cada um deles, em seu último suspiro, lamenta seus atos e implora o perdão do outro. A obra mais divulgada de Carlos Gomes, *O Guarani*, escrita a partir do romance de José de Alencar²⁰,

18 **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Schiller foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão *Sturm und Drang*. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da IHU On-Line)

19 **Antônio Carlos Gomes** (1836-1896): um dos mais importantes compositores de ópera brasileiro. Destacou-se pelo estilo romântico, com o qual obteve carreira de destaque na Europa. Foi o primeiro compositor brasileiro a ter suas obras apresentadas no Teatro alla Scala. É o autor da ópera *O Guarani*. É o patrono da cadeira de número 15 da Academia Brasileira de Música. (Nota da IHU On-Line)

20 **José Martiniano de Alencar** (1829-1877): jornalista, político, orador, romancista, crítico, cronista e dramaturgo brasileiro. É o grande nome da prosa romântica brasileira,

termina com o sacrifício de Dom Antônio Mariz e outros membros da família para salvar Cecília, que foge com o índio Peri. Outra metáfora interessante, presente na narrativa de *O Guarani*, é a transposição da história do dilúvio aos mitos indígenas. O mito do dilúvio, que é um arquétipo da morte existente em inúmeras culturas em todos os continentes, aborda o receio da extinção de todos os seres vivos existentes e, portanto, do fim da vida em todas as circunstâncias. Em *O Guarani*, Peri salva Cecília porque lembra de Tamandaré, que salvou sua esposa de uma grande enchente abrigando-se na copa da mais alta palmeira que encontraram. Sobreviveram ao se alimentarem dos frutos gerados pela planta.

Morte esperada

Há inúmeras obras musicais que foram escritas a partir de lendas e textos literários. Na primeira metade do século XX, que caracteriza o Modernismo na arte, o porto-alegrense Luiz Cosme²¹ (1908-1965) escreveu o bailado *Salamanca do Jarau* (1937) com base no conto de Simões Lopes Neto²² publicado

tendo escrito obras representativas para todos os tipos de ficção romântica: passadista e colonial (*O Guarani*, 1857), indianista (*Iracema*, 1865), sertaneja (*O Sertanejo*, 1875). (Nota da IHU On-Line)

21 **Luiz Cosme** (1908-1965): músico brasileiro. Nos anos 1940 assumiu a organização de programas radiofônicos na Rádio do Ministério da Educação e Cultura, enquanto suas composições já eram divulgadas na Europa e Estados Unidos através de concertos e gravações, mas não compôs nada novo entre 1938 e 1946, fazendo apenas transcrições de obras antigas. Voltando a compor então aderiu ao dodecafonismo, mas nessa época já se manifestara uma doença neurológica progressiva que o levaria à morte. Nos anos 1960 já era um nome notório, mas se dedicava apenas a escrever ensaios e livros de música, abandonando a composição. (Nota da IHU On-Line)

22 **João Simões Lopes Neto** (1865-1916): escritor gaúcho. A ele a revista *IHU On-Line* dedicou a edição 73, chamada *João Simões Lopes Neto: força da literatura brasileira e latino-americana*, disponível para download em <http://migre.me/Ktmx>. O oitavo número dos *Cadernos IHU ideias* é intitulado *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho*, de autoria da Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte, professora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. A publicação está disponível para download em <http://migre.me/Ktoe>, tem como base a apresentação da professora

no livro *Lendas do Sul*. O bailado de Cosme se fixa nas cenas finais da lenda, em que o gaúcho Blau Nunes faz grande esforço para livrar as almas dos amantes Santão e Teiniaguá, que foram condenados, pelos sacerdotes da Missão de São Tomé, a vagar eternamente no Cerro do Jarau. O encantamento seria quebrado somente quando fossem cumprimentados três vezes como cristãos pelo mesmo passante. A Teiniaguá era uma princesa moura praticante de feitiçaria que foi transformada em lagartixa com cabeça reluzente pelo demônio indígena Anhangá-Pitã. Como a Teiniaguá nunca havia sido cristã, era improvável que fosse tratada como tal. Apaixonado pela imagem da Teiniaguá, Blau Nunes aceita enfrentar sete provas. Encara assombrações, jaguares e pumas, não se amedronta com uma dança de esqueletos nem com línguas de fogo que vêm em sua direção; enfrenta a Boicinga, uma serpente gigantesca e ameaçadora, resiste à tentação de um grupo de moças e suas danças sensuais e contém o riso ao encontrar uma tropa grotesca de anões que fazem piruetas e galhofas. Após triunfar em todas as provas com alma forte e coração sereno, Blau encontra a Teiniaguá e a cumprimenta: "Laus' Sus-Cris!" (contração de "Louvado seja Jesus Cristo!"). Como já havia cumprimentado o Santão com essa saudação por duas vezes, o gaúcho liberta as duas almas do cativo eterno em direção à morte esperada.

O bailado de Cosme se fixa nas provas vencidas por Blau Nunes e na cena final do desencantamento, em que, nas palavras de Cosme, "Blau volta, evocando saudoso, as imagens da moura e do sacristão que, redimidos de suas penas

no *IHU ideias* de 4 de setembro de 2003. É possível conferir sobre o autor uma entrevista concedida por Márcia na *IHU On-Line* número 73, de 1º de setembro de 2003. Entre as principais obras do escritor, destacamos *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos Gaúchos* (1912), *Lendas do Sul* (1913), *Casos do Romualdo* e o primeiro volume de *Terra Gaúcha*, estes dois últimos surgidos muito tempo após sua morte, em 1950. (Notas da IHU On-Line)

e transformados em uma linda tapuia e um guasca desempenado, vão devagarinho ao encontro de seu destino”.

Alegorias da morte

Entre as obras da música brasileira da segunda metade do século XX que abordam o tema da morte, chama a atenção a peça para piano a quatro mãos intitulada *A Dança de Dorian* (1994), que faz parte da série *A Dança dos Duplos*, escrita pelo paulista Eduardo Seincman²³ para diferentes formações instrumentais. Conforme indica o título, a temática gira em torno das cenas do romance *O Retrato de Dorian Gray*, escrito pelo irlandês Oscar Wilde²⁴. O protagonista faz um pacto sinistro em que vende a alma para que seu corpo não envelheça, enquanto a imagem pintada de seu corpo se corrompe com o passar dos anos. Trata-se de uma espécie de metáfora sobre o medo do envelhecimento e o pavor da morte, como também aborda a valorização da beleza física e o ideal de juventude em uma sociedade frívola que vive apenas de aparências.

No século XXI, há diferentes abordagens sobre a morte na música de concerto brasileira. Um dos exemplos mais impressionantes que posso citar são as óperas da paranaense Jocy de Oliveira²⁵

23 Eduardo Seincman: compositor com obras interpretadas e gravadas por músicos de renome tanto no Brasil, quanto no exterior. De sua autoria, gravou os CDs *A dança dos duplos*, *Em movimento* e *Histórias fantásticas*. Tem publicado obras sobre estética e análise musical (*Do tempo musical; Estética da comunicação musical*) e traduziu importantes obras de autores como Arnold Schoenberg e Charles Rosen. (Nota da **IHU On-Line**)

24 Oscar Wilde (1854-1900): escritor irlandês. Criado numa família protestante, em 1892 começou uma série de comédias, hoje clássicos da dramaturgia britânica: *O leque de Lady Windermere* (1892); *Uma mulher sem importância* (1893); *Um marido ideal* e *A importância de ser prudente* (ambas de 1895). Também publicou contos como *O príncipe feliz* e *O rouxinol e a rosa*. Seu último romance foi *O retrato de Dorian Gray*. (Nota da **IHU On-Line**)

25 Jocy de Oliveira (1936): compositora, pianista e escritora brasileira. Estudou piano com José Klüss em São Paulo, e Marguerite Long, em Paris. Recebeu o título de “Master of Arts” pela Washington University em St.

(1936). Entre outras, em 2007 escreveu uma ópera de bolso (gênero provavelmente criado por ela) intitulada *Solo*, que trata da feminilidade sob vários aspectos. Como outras obras da compositora, trata-se de uma elaboração artística que aparece como um manifesto de caráter feminista e um cântico em oposição a toda e qualquer forma de opressão. Em uma das cenas, é apresentada a morte de Desdêmona, a personagem da peça *Otelo*, de Shakespeare²⁶, que foi injustamente acusada de adultério pelo traidor Iago e, por isso, foi assassinada em seu leito por Otelo, seu marido. Nas obras dramático-musicais de Jocy de Oliveira, o tema da morte e outras temáticas geralmente aparecem de forma alegórica e com distanciamento crítico em relação às situações cotidianas.

Recentemente, em meados de 2016, foi apresentado, em Porto Alegre, o espetáculo multimídia *P-U-N-C-H*, de Christian Benvenuti²⁷, compositor nascido em Porto Alegre em 1977. Por se tratar de um drama musical, também pode ser considerado como uma ópera contemporânea na qual são expos-

Louis, Missouri, EUA. É sucessora do maestro Eleazar de Carvalho (com quem foi casada) na Cadeira n. 32 da Academia Brasileira de Música. Gravou 19 discos no Brasil e no exterior. (Nota da **IHU On-Line**)

26 William Shakespeare (1564-1616): dramaturgo inglês. Considerado por muitos como o mais importante dos escritores de língua inglesa de todos os tempos. Como dramaturgo, escreveu não só algumas das mais marcantes tragédias da cultura ocidental, mas também algumas comédias, 154 sonetos e vários poemas de maior dimensão. (Nota da **IHU On-Line**)

27 Christian Benvenuti: graduado em Música com ênfase em Composição pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002), mestrado em Composição Musical pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005) e doutorado (PhD) em Música pela University of Surrey, Inglaterra (2010). Por sua obra *Yellow Eagle on Red Sky*, recebeu em 2009 o David Lovatt Prize da University of Surrey. Em 2010, recebeu o Prêmio Funarte de Composição Clássica pela cantata *Mnesterophonía*. Sua ópera *P-U-N-C-H* ganhou o Prêmio Funarte Petrobras de Dança Klauss Vianna 2012. Benvenuti realiza pesquisa de pós-doutorado (PNPD/CAPES) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde coordena o Núcleo de Estudos em Teoria da Informação, Música e Expectativa (**NE_TIME**). (Nota da **IHU On-Line**)

tas as colaborações entre grandes empresas, como a IBM, para o desenvolvimento da tecnologia alemã no período do Nazismo. Nesta obra, finalizada em 2014, a morte é abordada em seus aspectos mais sórdidos e sombrios, pois não se trata apenas da morte individual, proposital ou acidental (como acontece nas óperas tradicionais), mas de um projeto oficial de aniquilação de várias formas de vida, etnias e religiosidades (a violência que elimina tudo o que é diferente) através do genocídio e pela prática de experiências médicas que levaram à morte de milhões de pessoas. A ópera também denuncia as relações entre grandes corporações e estados totalitários; o que tem causado a morte de grandes contingentes humanos, assim como a morte desnecessária de plantas e animais, ao redor do planeta. O mais inquietante, nesta obra, é que não se trata de ficção ou alegoria, mas de fatos que aconteceram e continuam ocorrendo nos dias atuais.

IHU On-Line - O que é a morte?

Fernando Lewis de Mattos - A morte pode ser entendida de várias formas, não apenas como a morte física do corpo, mas também como a passagem de um estado a outro. Isso pode se referir a estados de alma (psique humana), relações humanas (amizades, amores, etc.), sociedade (a passagem de um estado ou sistema social a outro), cultura (as transformações que ocorrem em determinado gênero artístico, por exemplo) etc.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Fernando Lewis de Mattos - Poderíamos dizer, em síntese, que a morte pode ser compreendida como a passagem de um estado a outro, já que as transformações (seja em nível pessoal, coletivo ou abstrato) exigem que se abandone o *status* anterior para ingressarmos na nova fase. ■

Luto é um processo

Para Maria Helena Pereira Franco, a reação a uma perda é algo que segue constantemente as mudanças da sociedade e da cultura

Por João Vitor Santos | Edição: Vitor Necchi

É um equívoco achar que criança não vivencia luto, afirma a professora Maria Helena Pereira Franco, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ela passa pela experiência, mas de acordo com seu desenvolvimento. O mesmo ocorre com o adolescente, que "já deve ter integrado o conceito de morte quanto à irreversibilidade (quando morre, não desmorre), à universalidade (todos vamos morrer) e à causalidade (morremos em consequência de uma causa)". Conforme Maria Helena, "luto é a vivência natural e esperada diante do rompimento de vínculo significativo", e cada indivíduo vive e compreende o luto de acordo com seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

Outro equívoco é tentar entender o luto no presente com uma perspectiva do passado. "O luto é um processo, não é um estado. Ele está, portanto, em constante mudança, exposto e sujeito às mudanças

da sociedade e da cultura. Dessa maneira, não podemos considerar que é luto apenas aquele processo que tradicionalmente se identifica como tal", explica a professora.

Maria Helena Pereira Franco é professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, fundadora e coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto - LELu, da PUC-SP. É graduada em Psicologia, mestra e doutora em Psicologia Clínica. Sua tese intitula-se *Luto como uma crise familiar: uma abordagem terapêutica e preventiva*. Fez estágio pós-doutoral na Universidade de Londres, Inglaterra. Autora do livro *A psicoterapia em situações de perdas e lutos* (Campinas: Editorial Psy) e organizadora de *Uma jornada sobre o luto* (Campinas: Editora Livro Pleno Ltda.), *Nada sobre mim sem mim: estudos sobre vida e morte* (Campinas: Livro Pleno) e *Temas em Psiconcologia* (São Paulo: Summus).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é o luto e qual a sua função na elaboração do conceito de morte?

Maria Helena Pereira Franco - Luto é a vivência natural e esperada diante do rompimento de vínculo significativo. A vivência do luto possibilita à pessoa o fortalecimento de seus recursos para enfrentamento de situações críticas e possibilita também reflexões sobre a finitude, assim levando-a a novas concepções sobre a morte.

IHU On-Line - E luto é sempre necessariamente vivido a partir de uma experiência com a morte?

Maria Helena Pereira Franco - O rompimento de um vínculo significativo pode ser por morte, mas também por separação amorosa,

afastamento definitivo, aposentadoria, exílio, perda de partes do corpo, perda de funções corporais, entre outros.

IHU On-Line - De que forma o luto é vivido e compreendido em diferentes fases da vida?

Maria Helena Pereira Franco - O desenvolvimento humano nos dá a chave para esta resposta. A criança e o adolescente, considerando-se seu desenvolvimento cognitivo e emocional, vivem e compreendem o luto. Portanto, se dizemos que a criança não sabe o que é luto, estamos cometendo um equívoco importante, por desconsiderar que ela vive um luto, mas de acordo com seu desenvolvimento. O adolescente já deve ter integrado o conceito de morte quanto à irre-

versibilidade (quando morre, não desmorre), à universalidade (todos vamos morrer) e à causalidade (morremos em consequência de uma causa). O adulto também vive dessa maneira, e o idoso acrescenta a isso questões como perdas vividas, das pessoas que são significativas, como parceiros e amigos, além das perdas do envelhecimento.

IHU On-Line - Como o luto é vivido em diferentes culturas? Ele sempre é associado a tristeza e recolhimento?

Maria Helena Pereira Franco - A diversidade cultural enriquece muito nosso conhecimento sobre o luto. A mescla de história, religião, costumes e crenças sociais, passados de geração a geração, contribuem para criar e manter

as características do luto nas diferentes culturas. Pode nem sempre ser associado a tristeza e a recolhimento, daí a cautela em se aproximar de pessoas advindas de outras culturas e respeitar as diferenças para obter uma compreensão correta sobre o luto.

IHU On-Line - Hoje, em meio à correria dos tempos modernos, vivemos o luto de forma abreviada? E o que esses rápidos estados de luto acarretam no confronto com a morte?

Maria Helena Pereira Franco - O luto é um processo, não é um estado. Ele está, portanto, em constante mudança, exposto e sujeito às mudanças da sociedade e da cultura. Dessa maneira, não podemos considerar que é luto apenas aquele processo que tradicionalmente se identifica como tal. Hoje temos o recurso dos velórios virtuais, por exemplo, as pessoas vivem seu luto no âmbito privado e também nas redes sociais. Ou seja: cada um vive o luto à sua maneira, mesmo que inserido em uma cultura que lhe dite regras.

IHU On-Line - A morte hoje está cada vez mais sendo tratada de forma muito asséptica, distante e protocolar? Por quê?

Maria Helena Pereira Franco - O ser humano, nas sociedades ocidentais pós-modernas, busca satisfação imediata de seus desejos, com baixíssima tolerância ao sofrimento que advém em resposta a situações de rupturas, morte e luto. Por esse motivo, entre outros, a morte passa a ser uma inimiga a ser vencida, e não integrante do desenvolvimento humano. Com essa postura, ela passa a ser um fenômeno biológico, médico, científico e distante da vivência humana. Os movimentos iniciados no final do século 20 têm possibilitado um resgate dessa condição humana da morte para aproximar dela o ser humano, que assim pode construir novos significados para vida e morte.

IHU On-Line - Como se dá o enfrentamento da morte por profissionais da saúde e outros profissionais que têm uma perspectiva técnica sobre a morte?

Maria Helena Pereira Franco - Esses profissionais têm extenso e intenso treinamento técnico, assim estando profundamente habilitados nesse ponto de vista, porém apartados do contato com suas experiências pessoais que ressoam na prática profissional. Trata-se de um luto não reconhecido, não validado. Profissionais da saúde podem ter a formação profissional que os leva a salvar a vida a qualquer custo, passando por cima de suas restrições em razão de períodos sensíveis da vida, como doença em si ou na família, morte de pessoa significativa. Podemos incluir nesta categoria de profissionais com luto não reconhecido os socorristas e os religiosos.

IHU On-Line - No que consiste o conceito de luto antecipatório e como ele pode melhorar a percepção sobre a vida?

Maria Helena Pereira Franco - Luto antecipatório é aquele que tem início quando se tem o diagnóstico de uma doença que põe em risco a manutenção da vida e que acompanha o processo de tratamento e agravamento da doença. Ele possibilita que a família busque resolver pendências, desenvolver habilidades para lidar com a doença, cuidar das relações com a pessoa que está próxima da morte e que esta perceba seu processo de agravamento da doença e da proximidade da morte. Durante a vivência de um luto antecipatório, faz muita diferença a qualidade da comunicação entre paciente, família e equipe de saúde.

IHU On-Line - O que se sabe hoje sobre a somatização da dor da perda? Que relação é possível se fazer com o luto?

Maria Helena Pereira Franco - O ser humano é indivisível em corpo e

mente. A vivência do luto se manifesta por diversas formas, inclusive no corpo da pessoa enlutada. Trata-se de uma maneira de expressar no corpo essa vivência, que pode não ter reconhecimento pela expressão direta porque a pessoa não consegue nomear sua experiência, dar palavras a esta experiência fundamental. O problema está em ser equivocadamente diagnosticada para sua queixa corporal, sem consideração à sua experiência de luto.

IHU On-Line - É possível trabalhar a ideia da morte em idosos e doentes terminais e seus familiares? De que forma e quanto se avança nas reflexões acerca das complexidades sobre o fim da vida?

Maria Helena Pereira Franco - Na área de Cuidados Paliativos, trabalha-se junto a pacientes em fase final de vida, cujo tratamento não visa mais à cura, e sim à qualidade de vida, que esses pacientes possam abordar decisões, discutir suas relações com pessoas significativas e ser incluídos nas decisões da família. Naturalmente, fala-se de morte não com o intuito de banalizá-la, e sim de aproximá-la da experiência dos envolvidos.

No caso de idosos, algumas questões precisam ser consideradas, como: o idoso está cognitivamente reservado? Ou seja: ele está consciente do que acontece e tem autonomia para decidir? A família considera o idoso integrante da mesma e respeita seus valores? Muitas outras questões se colocam, porque, quando se encontra a ideia distorcida de que o idoso não tem mais nada a dizer, comete-se erro grave de avaliação. O idoso está vivo enquanto viver.

IHU On-Line - O que é morte?

Maria Helena Pereira Franco - Morte é o final da vida da maneira como a conhecemos. Significa morte biológica, psicológica, emocional e social. ■

LEIA MAIS

– “A importância do luto.” Entrevista com Maria Helena Pereira Franco, publicada na revista IHU On-Line, edição 279, de 27-10-2008, disponível em <https://goo.gl/01GrVR>.

Baú da IHU On-Line

Veja alguns textos já publicados pela IHU On-Line sobre a temática da morte

- *A morte e a caducidade como riquezas da própria vida.* Artigo de Massimo Recalcati, publicado no jornal La Repubblica, 16-10-2016, e reproduzido nas **Notícias do Dia** de 21-10-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2f0ESJH>.
- *O novo humanismo diante da morte.* Artigo de Eugenio Scalfari, publicado pelo jornal La Repubblica, 3-9-2016, e reproduzido nas **Notícias do Dia** de 5-9-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2f0Cjr4>.
- *A verdade escondida por trás da obsessão com o corpo perfeito.* Artigo de Massimo Recalcati, publicado no jornal La Repubblica, 03-07-2016, e reproduzido nas **Notícias do Dia** de 5-7-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2f9rGyk>.
- *O enigma de Ulisses, herói narcisista que escolheu o Outro.* Artigo de Massimo Recalcati, publicado no jornal La Repubblica, 11-9-2016, e reproduzido nas **Notícias do Dia** de 17-9-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2f0MhZl>.
- *Bispo nomeado por Francisco para a “Academia para a Vida” medita sobre a morte.* Reportagem publicada por Crux, 10-9-2016, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 13-9-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2dV3uUs>.
- *Bélgica e Holanda, países mais religiosos da Europa, estão na vanguarda na batalha pela “doce morte”.* Reportagem publicada no jornal Corriere della Sera, 18-9-2016, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 20-9-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2eeLQtc>.
- *A chocante lei da Bélgica que autoriza a eutanásia para crianças.* Reportagem jornal La Repubblica, 14-2-2014, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 17-2-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2fmWC34>.
- *A transfiguração na morte.* Artigo de Leonardo Boff, publicado nas **Notícias do Dia** de 2-11-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2f0LKXz>.
- *Bispos italianos dizem “sim” à cremação, mas sem espalhar as cinzas.* Reportagem publicada no jornal Corriere della Sera, 3-3-2012, e reproduzida nas **Notícias do Dia** de 6-10-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2dV7EeW>.
- *O “sim” da Igreja à cremação: cai um tabu.* Artigo de Massimo Introvigne, publicado no jornal Il Mattino, 22-10-2016, e reproduzido nas **Notícias do Dia** de 26-10-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2fwAhj9>.
- *A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek.* Artigo de Adam Kotsko, publicado em **Cadernos Teologia Pública**, número 92, disponível em <http://bit.ly/2f0HyXE>.
- *Morte como descanso eterno.* Artigo de Luís Inacio João Stadelmann, publicado em **Cadernos de Teologia Pública**, número 108, disponível em <http://bit.ly/1STjN2k>.



ECOFEIRA UNISINOS



TODAS AS
QUARTAS

Saiba mais em:
ihu.unisinos.br



HORÁRIO
11h às 19h

Conheça o projeto

TENDA VIVA
TENDAVIVA.STRIKINGLY.COM



CCIAS
CENTRO DE CIDADANIA E AÇÃO SOCIAL
UNISINOS



UNISINOS

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

**IHU em
Revista**

Agenda de Eventos

Confira os próximos eventos promovidos pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU



4º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum

Conferência: Cosmopolítica indígena, estados plurinacionais e partidos movimento
 Conferencista: Prof. Dr. Salvador Andrés Schavelzon - Universidade Federal de São Paulo, Campus Osasco.

Horário: 19h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU/Campus Unisinos - São Leopoldo

I Ciclo de Estudos Modos de existência e a contemporaneidade em debate. Reflexões transdisciplinares à luz de diferentes obras

Apresentação da obra *O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia*, de Félix Guattari e Gilles Deleuze

Conferencista: Prof. Dr. Moysés Pinto Neto - Universidade Luterana do Brasil - Ulbra e Centro Univesitário Univates

Horário: 17h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU/Campus Unisinos - São Leopoldo



IHU Ideias

Tema: Algumas recepções e (re)leituras de Marx no Brasil

Palestrante: MS Bruno Cava - Universidade Nômade - UniNômade

Horário: 17h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU/Campus Unisinos - São Leopoldo

I Ciclo de Estudos Modos de existência e a contemporaneidade em debate. Reflexões transdisciplinares à luz de diferentes obras

Apresentação da obra *O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia*, de Félix Guattari e Gilles Deleuze

Conferencista: MS Bruno Cava - Universidade Nômade - UniNômade

Horário: 19h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU/Campus Unisinos - São Leopoldo





4º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum

Conferência: As ocupações estudantis e a reinvenção do espaço público e político

Conferencista: Profa. Dra. Maria Stela Santos Graciani - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP

Horário: 19h30min às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU/Campus Unisinos - São Leopoldo

4º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum

Conferência: Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrôpoles

Conferencista: Prof. Dr. Marcelo Castañeda - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Horário: das 19h30min às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU/Campus Unisinos São Leopoldo



IHU Ideias

Tema: O ciclo das políticas públicas e o protagonismo da sociedade civil

Palestrante: Profa. Dra. Monika Weronika Dowbor - Unisinos

Horário: 17h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU/Campus Unisinos - São Leopoldo



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

Newsletter IHU

Assine a Newsletter para receber as notícias e entrevistas atualizadas diariamente assim como informações sobre nossos eventos.

ihu.unisinos.br

#Crítica Internacional - Curso de RI da Unisinos

Quatro projetos de Brasil e suas relações com a América Latina

Por Bruno Lima Rocha

Tomando como base a dualidade metrópole-colônia e centro-periferia, vemos alguns projetos conflitivos dentro do período lulista: o entreguismo transnacional; o crescimento liberal-periférico; o desenvolvimento estratégico dentro do capitalismo e os tímidos projetos emancipatórios (mais anunciados do que realizados).

Bruno Lima Rocha é doutor em Ciência Política, graduado em Jornalismo e professor de Relações Internacionais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos.

Eis o artigo.

Se pensarmos tanto em termos geopolíticos, como de teorias do desenvolvimento tardio, não encontraremos especificamente as chaves de interpretação para o processo incompleto pelo qual o Brasil atravessa. Temos de ir além das reproduções de manuais produzidos nos países do centro do capitalismo, Estados Unidos, Europa e os países anglo-saxões. Assim, partindo dessas afirmações, neste breve texto de caráter ensaístico exponho o problema da colonialidade das identidades, da colonização do poder de Estado e o sentido de pertencimento esquizofrênico que organiza as elites dirigentes e classes dominantes nacionais ou atuando no Brasil.

Brasil e América Latina, um processo inacabado

Dentro do Sistema Internacional (SI), os Estados e seus domínios territoriais formalizados são os agentes preferenciais – mas não exclusivos – dos grandes foros e instâncias. Entre Estados – e não apenas governos de turno – se constroem alianças, acordos de cooperação, processos de integração econômica dentro dos marcos do capitalismo. As relações internacionais terminam sendo confundidas com relações interestatais ou então entre Estados e suas transnacionais (TNCs). Infelizmente, o que vale para o cálculo político externo acaba sendo revalidado para o cálculo doméstico, sendo o efeito ainda mais nefasto.

Mesmo com todas as críticas – merecidas por sinal –, a Teoria da Dependência nos aporta uma constatação. Para além do envio de lucro e da subordinação

dentro da Divisão Internacional do Trabalho (DIT), a reprodução da dependência é intrinsecamente ligada aos domínios internos. Assim, pela triste tradição dos europeus de América, os antigos súditos dos reis de Portugal e Espanha, ao ocuparem os postos-chave das instituições pós-coloniais, terminam aprofundando a dependência externa, trocando de metrópole e mantendo a base de economia primária ou de industrialização incompleta. No Brasil ocorre isso, sendo que o Império Luso-brasileiro substitui no século XIX, e depois no XX, a potência à qual se subordinava. Primeiro fomos avassalados da Inglaterra e depois dos Estados Unidos, sendo que, em termos de sistemas culturais, a França ocupou um espaço privilegiado até os anos 1930.

A partir da década de 1930, com a fase da Industrialização pela Substituição de Importações (ISI), nossos países entraram na aventura do desenvolvimento tardio, sendo que este era confundido com políticas de modernização baseadas em indústria, urbanização, educação massiva e agricultura de intensidade. Além dos fatores econômicos, o desenvolvimento implicava na construção de um aparelho de Estado que coordenasse o caminho do “progresso”, tomando a natureza (os biomas) como inimiga, e tendo como meta permanente a conquista do território para garantir o domínio do Estado sobre as dimensões do país. A utopia do desenvolvimento, marco do nacionalismo estatista, atravessa o conjunto da América Latina, tendo como expressões máximas Vargas no Brasil, Perón na Argentina e Lázaro Cárdenas no México na segunda metade da década de 1930.



A reprodução da dependência - e os vínculos das elites nacionais com a metrópole cultural - é intrinsecamente ligada aos domínios internos.

Este foi o paradigma máximo do “desenvolvimento” – Estado, exército, indústria, fronteiras agrícolas, substituição de importações, burguesia nacional – cujo problema foi aprofundado por brilhantes intelectuais latino-americanos, como Celso Furtado, que destoava da média por reconhecer a categoria de cultura como chave para o futuro coletivo de nosso país. Podemos, sem exageros, aplicar as generalizações vulgares e comparar o mapa político do Brasil pós-golpe branco de 2016 e seus alinhamentos com os poderes externos. Tomando como base a dualidade metrópole-colônia e centro-periferia, vemos alguns projetos conflitivos dentro do período lulista: o entreguismo transnacional; o crescimento liberal-periférico; o desenvolvimento estratégico dentro do capitalismo e os projetos emancipatórios.

Os projetos emancipatórios não passaram de alguns momentos de enunciação, tendo como auge as tímidas políticas de reconhecimento (como a de cotas). O desenvolvimento estratégico pouco se viu, porque nas cadeias de valor sensível, como, por exemplo, na escolha do padrão de TV digital, o país, em um período do governo Lula (2006-2007), perdeu a oportunidade de ter ciência de ponta e em escala, ao definir por decreto o padrão japonês de alta definição. Já o crescimento foi a via escolhida, sem romper com o modelo liberal-periférico, aprofundando a importância de commodities de exportação (como soja, minério de ferro, petróleo bruto, açúcar de cana, café, carne de frango, resíduos de soja e pastas químicas de madeira) e expandindo a fronteira agrícola, de modo a entrar em choque com o marco constitucional onde temos – ainda – mais de 40% de nosso território preservado. Por fim, o modelo de adesão total aos capitais transnacionais anda lado a lado com o rentismo, sendo que este conviveu com o crescimento liberal-periférico, e

agora, na fase pós-golpe, ultrapassa o problema da desindustrialização e aponta para a desnacionalização de todas as cadeias de valor, incluindo a propriedade de terras agriculturáveis.

Fazendo o paralelo de sistemas culturais com as projeções de futuro do país – e, por tabela, de nossas estratégicas relações dentro da América Latina –, identificamos o entreguismo transnacional com o viralatismo clássico e a adesão aos padrões estadunidenses, anglo-saxões e europeus; já o crescimento liberal-periférico é essencialmente eurocêntrico, mas tenta a criação de um empresariado com pretensões de poder no SI e um Estado que sustente esta expansão; o desenvolvimento em termos estratégicos e sistêmicos implica em disputar poder no SI com padrões semelhantes aos das potências médias, logo, torna-se uma potencial hostilidade à superpotência, mesmo que reproduza padrões eurocêntricos de sistemas culturais.

O projeto emancipatório é a única saída de longo prazo

Já os projetos emancipatórios são a base do protagonismo popular de um país e continente que está ao sul do mundo e tem o perfil indo-afro-latinoamericano. Dentro dos quatro, forma o único conjunto que ultrapassa as teses estadocêntricas ou entreguistas e aponta para o acúmulo de poder popular possível em etapas distintas rumo à uma ruptura da reprodução da colonialidade e, por consequência, do colonialismo interno que se verifica nos três projetos anteriores.

O futuro de nossas sociedades está diretamente vinculado à descolonização interna, à valorização dos saberes e fazeres originários e tradicionais e à proteção das cadeias de valor que possam ser desenvolvidas a partir destas comunidades. ■

Expediente

Coordenador do curso: Prof. Ms. Álvaro Augusto Stumpf Paes Leme

Editor: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha



15
ANOS

Ouse pensar
o que ninguém pensou.

ihu.unisinos.br



JESUÍTAS BRASIL

UNISINOS

Somos infinitas possibilidades

PUBLICAÇÕES

Laudato Si', o pensamento de Morin e a complexidade da realidade

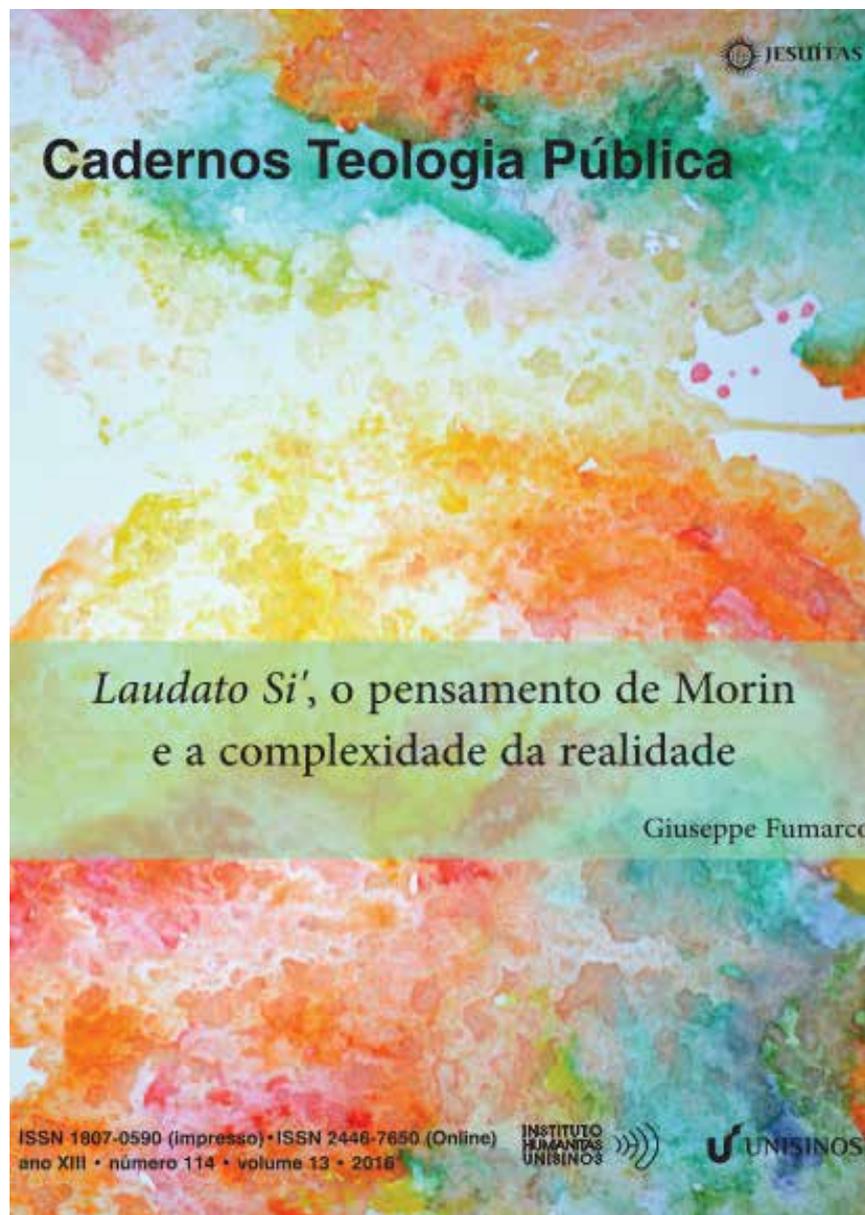
A edição 114 do Cadernos Teologia Pública apresenta o artigo *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade, de Giuseppe Fumarco, do Centro Studi Sereno Regis, de Turim, Itália. O texto analisa a relação entre a encíclica *Laudato Si'* e o pensamento de Edgar Morin sobre a complexidade da realidade, tendo como transfundo a "crise civilizacional", provocada pelo próprio ser humano e experimentada em suas múltiplas e interligadas dimensões culturais, sociais, econômicas e climáticas.

O sociólogo **Giuseppe Fumarco** foi professor de Direito e de Economia em escolas superiores, formador em várias entidades e pesquisador do IRRE Piemonte. Escreveu um livro de história do pensamento econômico sobre Joseph Alois Schumpeter e dois estudos sobre a autonomia escolar e a profissão docente. Mais recentemente, ocupou-se do pensamento ecológico e da complexidade, abordando, por fim, a vasta produção de Edgar Morin, sobre a qual realiza palestras e seminários.

O artigo completo, em formato PDF, está disponível em <https://goo.gl/vmqKOA>.

Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br.

Informações pelo telefone 55 (51) 3590-8213.

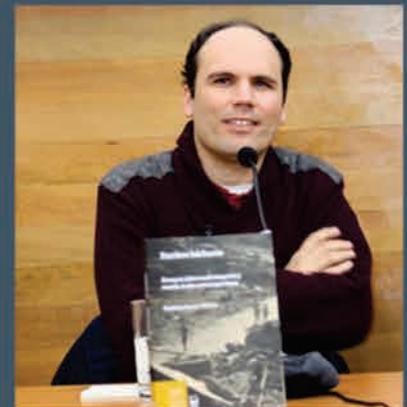




**VI COLÓQUIO
INTERNACIONAL IHU.
Política, Economia, Teologia. Contribuições
da obra de Giorgio Agamben**

**16h15min – Conferência –
Gloria y uso: Giorgio Agamben
y la crítica al presente**

**Conferencista: Prof. Dr. Rodrigo
Karmy Bolton – Universidad de Chile**



**23 de maio de 2017
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros
Instituto Humanitas Unisinos – IHU**

Retrovisor

Confira algumas edições da IHU On-Line já publicadas

Adolescentes e jovens frente à morte

Edição 312 - Ano IX - 26-10-2009

Disponível em <https://goo.gl/YjNcYQ>

Por ocasião do Dia de Finados, **IHU On-Line** abordou o tema da morte. O psicanalista Mário Corso, não acreditando que o flerte com a morte seja maior na adolescência, constata que ele é mais perigoso. Contribuem também com o debate a antropóloga Silvia Borelli e a psicóloga Thais Roloff.



Morte. Resiliência e fé

Edição 279 - Ano VIII - 27-10-2008

Disponível em <https://goo.gl/J8T2ut>

"A resiliência humana provém de analogia com a resiliência dos materiais que acumulam força enquanto são pressionados e 'entortados', podendo reagir com mais energia depois", afirma Luiz Carlos Susin. Martin Dreher constata que "no calendário litúrgico luterano, o dia de comemorar os mortos, originalmente, era o último domingo do ano eclesialístico, designado de "domingo da eternidade". Estes temas são tratados na edição 279 da **IHU On-Line**. Também contribuíram para a discussão Stefan Vanistendael, Laura Yoffe, Sofia Cristina Dreher, Fábio Steyer e Maria Helena Franco.



A morte

Edição 121 - Ano IV - 1-11-2004

Disponível em <https://goo.gl/RQ01jN>

A morte é uma experiência que faz parte da vida, apesar das sociedades viverem como se ela não existisse. Como lidar com ela? Como viver o momento crítico da perda? O que há para aprender com outras culturas? Na edição 121, a **IHU On-Line** publicou depoimentos de pessoas que viveram a experiência da morte e reflexões de acadêmicos.



Lutero. Reformador da Teologia, da Igreja e criador da língua alemã

Edição 280 - Ano VIII - 3.11.2008

Disponível em <http://bit.ly/2f5777x>

No início do século XVI, Martinho Lutero proferiu três sermões contra as indulgências. Em 31 de outubro de 1517, pregou as 95 Teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, com um convite aberto ao debate sobre elas, iniciando a Reforma Protestante. Lutero foi o reformador da teologia e da Igreja, podendo ser considerado como o pai da modernidade. Em novembro de 2008, esse foi o tema de capa do número 280 da **IHU On-Line**.





O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia

Apresentação da obra pelo
**Prof. Dr. Moysés Pinto
Neto – ULBRA e UNIVATES**

03 de novembro (quinta-feira) às 17h30min
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Assista no YouTube todas as conferências do V Colóquio Internacional IHU. VII Colóquio Cátedra
Unesco – Unisinos de Direitos Humanos e Violência, Governo e Governança
Os Direitos Humanos em Face dos Dispositivos de Vigilância e Controle da Cidadania



**Exposição, exploração,
privacidade e autodeterminaçã...**
38 visualizações
• Transmitido 1 dia atrás



**Debate com o Prof. Dr. Pedro
Rezende - UnB**
49 visualizações
• Transmitido 1 dia atrás



**O que resta da ditadura: Estado
democrático de direito e exceç...**
95 visualizações
• Transmitido 1 dia atrás



**Ação política e sociedades de
controle. Impasses e...**
67 visualizações
• Transmitido 1 dia atrás



**Governamentalização privada
dos espaços públicos - Prof. Dr...**
93 visualizações
• Transmitido 2 dias atrás



**Ontologia Subalterna dos Direitos
Humanos - Profa. Dra. Bethani...**
47 visualizações
• Transmitido 2 dias atrás



**Rumo à desinstitucionalização
punitiva - Profa. Dra. Marcela...**
54 visualizações
• Transmitido 2 dias atrás



**A liberdade vigiada: novos
arranjos tecnológicos de...**
114 visualizações
• Transmitido 2 dias atrás

youtube.com/
ihucomunica



ihu.unisinos.br



bit.ly/iहुon



twitter.com/_ihu



youtube.com/iहुcomunica



medium.com/@_ihu